

REVISTA DO BRASIL

SUMMARIO

J. CAPISTRANO DE ABREU . . . do Inst. Hist. e Geographico Brasileiro	Paulistica	3
OLIVEIRA LIMA da Academia Brasileira	O copiadador do Barão de Penedo	19
HELIO LOBO do Inst. Hist. e Geographico Brasileiro	Brasil e Estados-Unidos	32
EMILIO DE MENEZES da Academia Brasileira	O Corvo (Edgard Poe) . .	48
MEDEIROS E ALBUQUERQUE . . da Academia Brasileira	Livros...	58
CARLOS DE LEMOS	A fallencia da doutrina na guerra naval . .	67
FERNANDO DE AZEVEDO. . .	Educação hygienica . .	74
GODOFREDO RANGEL	Vida ociosa	82
MACHADO DE ASSIS	Cartas inéditas	101
COLLABORADORES	Resenha do mez	105

(Continúa na pagina seguinte)

PUBLICAÇÃO MENSAL

N. 17 - ANNO II

VOL. V

MAIO, 1917

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA BOA VISTA, 52
S. PAULO - BRASIL

RESENHA DO MEZ — Céu e agua (*Basilio de Magalhães*)
— Nossos defeitos (*F. G. Schmidt*) — Movimento literario —
Movimento theatral — Bibliographia — Vigarios estrangeiros
(*Tobias Monteiro*) — A nossa poesia (*João Ribeiro*) — Emilio
Verhaeren — A segunda revolução russa — O renascimento
catholico na literatura franceza — A industria do livro na
França — Os Estados-Unidos e o commercio mundial — Os
pés dos combatentes — O uso do assucar — A mãe da marinha
britannica — Leipzig, a Capital do Livro. — As caricaturas
do mez.

As assignaturas começam em qualquer tempo
e terminam em Junho ou Dezembro.

A "REVISTA DO BRASIL" só publica trabalhos ineditos

Revista do Brasil

PUBLICAÇÃO MENSAL DE SCIENCIAS,
LETRAS, ARTES, HISTORIA E ACTUALIDADES

PROPRIEDADE D UMA
SOCIEDADE ANONYMA

L. P. BARRETTO

DIRECTORES: JULIO MESQUITA

ALFREDO PUJOL

REDACTOR-CHEFE: PLINIO BARRETO

SECRETARIO-GERENTE: PINHEIRO JUNIOR

ASSIGNATURAS PARA 1917:

ANNO	15\$000
SEIS MEZES	8\$000
ESTRANGEIRO	20\$000
NUMERO AVULSO	1\$500
NUMERO ATRAZADO	2\$000

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DA BOA VISTA, 52

S. PAULO

CAIXA POSTAL, 1373 - TELEPHONE, 4210

Toda a correspondencia deve ser endereçada ao secretario-gerente.

BYINGTON & C.

Engenheiros, Electricistas e Importadores

Sempre temos em stock grande quantidade de material electrico como:

MOTORES

FIOS ISOLADOS

TRANSFORMADORES

ABATJOURS LUSTRES

BOMBAS ELECTRICAS

LAMPADAS

SOCKETS SWITCHES

1/2 WATT

CHAVES A OLEO

VENTILADORES

PARA RAIOS

FERROS DE ENGOMMAR

ISOLADORES

TELEPHONES

LAMPADAS ELECTRICAS

Estamos habilitados para a construcção de installações hydro-electricas completas, bondes electricos, linhas de transmissão, montagem de turbinas e tudo que se refere a este ramo.

UNICOS AGENTES DA FABRICA

WESTINGHOUSE ELECTRIC & MFTG Co.

Para preços e informações dirijam-se a

BYINGTON & COMP.

Largo da Misericordia, 4

TELEPHONE, 745

SÃO PAULO

Casa de Saude

DR. HOMEM DE MELLO & C.

Exclusivamente para doentes de molestias nervosas e mentaes

Medico consultor — Dr. FRANCO DA ROCHA,

Director do Hospicio de Juquery

Medico interno — Dr. Th. de Alvarenga,

Medico do Hospicio de Juquery

Medico residente e Director — Dr. C. Homem de Mello.

Este estabelecimento fundado em 1907 é situado no esplendido bairro *Alto das Perdizes* em um parque de 23.000 metros quadrados, constando de diversos pavilhões modernos, independentes, ajardinados e isolados, com separação completa e rigorosa de sexos, possuindo um pavilhão de luxo, fornece aos seus doentes esmerado tratamento, conforto e carinho sob a administração de Irmãs de Caridade.

O tratamento é dirigido pelos especialistas mais conceituados de São Paulo

Informações com o Dr. HOMEM DE MELLO que reside á rua Dr. Homem de Mello, proximo á casa de Saude (*Alto das Perdizes*)

Caixa do Correio, 12

S. PAULO

Telephone, 560

ROBES & MANTEAUX

Lingerie de Luxe, Blouses, Troussesaux

Bertholet

Corsets, Spécialité de Fornitures pour Modes

Rua 15 de Novembro, 30

São Paulo - Paris

The British Bank of South America, Ltd.

FUNDADO EM 1863

Casa Matriz, 4 MOORGATE STREET, Londres

Filial em São Paulo, RUA SÃO BENTO N. 44

Capital subscripto . . . £ 2.000.000

„ realizado. . . . £ 1.000.000

Fundo de reserva . . . £ 1.000.000

Succursaes em: BAHIA,
RIO DE JANEIRO, MONTEVIDÉO,
ROSARIO DE STA. FÉ e BUENOS AIRES.

O Banco tem correspondentes em todas as principaes cidades da Europa, Estados Unidos da America do Norte, Brasil e Rio da Prata, como tambem na Australia, Canadá, Nova Zelandia, Africa do Sul e Egypto.

Emittem-se saques sobre as succursaes do Banco e seus correspondentes.

Encarrega-se da compra e venda de fundos, como tambem do recebimento de dividendos, transferencias telegraphicas, emissão de cartas de credito, negociação e cobrança de letras de cambio, coupons e obrigações sorteadas e todo e qualquer negocio bancario legitimo.

Recebe-se dinheiro em conta corrente e em deposito abonando juros, cujas condições podem ser determinadas na occasião.

Firmas e particulares que desejarem manter uma conta corrente em esterlinos, em Londres, podem abril-a por intermedio desta filial que, a pedido, fornecerá talão de cheques s quaesquer esclarecimentos.

Este Banco, tambem abre contas correntes com o primeiro deposito de Rs. 50\$000, e com as entradas subsequentes nunca inferiores a Rs. 20\$000, até o limite de Rs. 10:000\$000 abonando juro de 3 % ao anno.

As horas do expediente sómente para esta classe de depositos, serão das 9 horas da manhã ás 5 da tarde, salvo aos sabados, dia em que o Banco fechará á 1 hora da tarde.

WILSON, SONS & CO. LTD.

RUA B. DE PARANAPIACABA, 10

TELEPHONE, 123

CAIXA DO CORREIO, 523

End. Telegr. "ANGLICUS"

SÃO PAULO

IMPORTADORES

de carvão de pedra, forja, anthracite, coke etc.; ferro guza, cobre, chumbo, chapas e canos de ferro galvanizado, folhas de flandres e ferragens; óleo de linhaça e tintas; drogas e adubos para industrias; barro e tijolos refractarios, barrilha etc.

AGENTES DE:

Alliance Assurance Co. Ltd., Londres

Seguros maritimos e contra fogo

J. B. White & Brothers, Londres

Cimento Portland "J. B. W."

Aberthaw & Rhose Portland Cement & Lime Co. Ltd.

Cimento marca "Mitra"

Read Brothers Limited, Londres

Cerveja Guinness "Cabeça de cachorro"

Curtis's & Harvey Ltd., Londres

Dynamite marca "Dragão"

Brooke, Bond & Co. Ltd., Londres

Chá preto e verde marca "Bond"

William Pearson Ltd., Hull

Creolina, Pacolol e Pacofluido

Andrew Usher & Co., Edinburgo

Whisky "Liqueur"

J. Bollinger, Ay Champagne

Champagne "Bollinger"

P. Virabian & Cie., Marselha

Ladrilhos e Cimento

Holzapfels Ltd., New-Castle-on-Tyne

Tintas preparadas "Lagoline"

Aceitam pedidos para importação directa mediante modica commissão

REVISTA
DO
BRASIL

VOLUME V

MAIO - AGOSTO DE 1917

ANNO II

PROPRIEDADE DE UMA SOCIEDADE ANONYMA

S. PAULO - BRASIL

DIRECTORES:

L. P. BARRETTO,
JULIO MESQUITA
ALFREDO PUJOL.

REDACTOR-CHEFE:

PLINIO BARRETO

SECRETARIO-GERENTE:

J. M. PINHEIRO JUNIOR

PAULISTICA

A PRETEXTO DE UMA MOEDA DE OURO

I

Braz Cubas, fundador de Santos, descobriu ouro e metaes no anno de 1560, lê-se em epitaphio. Affonso Sardiha deixou por morte oitenta mil cruzadas de ouro em pó, extrahidas de Jaraguá e Santa Fé, assegura Pedro Taques. El rei D. João IV, ao subir ao throno, fez á rainha consorte mercê de cinco mil cruzadas annuaes nos quintos de São Paulo, apurou Dom Vasco Mascarenhas, conde de Obidos, segundo vice-rei do Brasil.

A 2 de Setembro de 1654, da almiranta que o conduzia para o reino depois de vencidos os Hollandezes, escrevia Francisco de Brito Freire: “mui consideravel é já a cantidade que se tira de ouro de lavagem. Deste me mandaram para a Rainha nossa Senhora, dos quintos que Vossa Magestade lhe concedeu, mais de nove arrateis. Poderam passar d'arrobas sem os descaminhos que ouvi murmurar. Ouro de beta não se busca por necessitar de mais industria e cabedal, mas asseguram haver delle e de prata muitas minas, principalmente nos serros descobertos de novo em Pernaguá, dos quaes me amostraram com diferentes veias varias pedras que trago para V. Magestade mandar vêr”.

Mesmo palpando estas provas, o Almirante manteve duvidas. “Porém eu, depois de todas aquellas diligencias feitas com D. Francisco de Sousa por el-rei de Castella e

das noticias e particularidades que agora soube no Rio de Janeiro das pessoas mais bem vistas e desinteressadas nesta materia, não acabo de persuadir-me de que na realidade haja taes minas”.

Com esta reserva contrasta o entusiasmo do jesuita Simão de Vasconcellos na vida do padre João de Almeida, impressa em 1658: “em todos os rios que descem desta serrania, desde Patos até S. Paulo, se acha ouro e toda a terra de suas varzeas e arredores é um puro ouro. Rara é a parte em todo este grande districto aonde se não ache, em uma em mais cantidade de que em outras; paragens ha em que se acharam pedaços inteiros e vergas grandes d’ouro já perfeito; mas ordinario é tirar em grãos, mais miudos, outros mais grossos, e todos quantos vão a buscal-o vêm providos d’elle e é o dinheiro e remedio ordinario daquella gente. E quando os pés destas montanhas assim são ricos de prata e ouro, quanto o serão as entranhas dos montes? E’ a mesma corda que a do Potoci e não duvido que se houvera a mesma diligencia nos dariam as mesmas riquezas e o tempo irá mostrando esta virtude, e no presente já em São Vicente se bate moeda de ouro e é ali o dinheiro ordinario”.

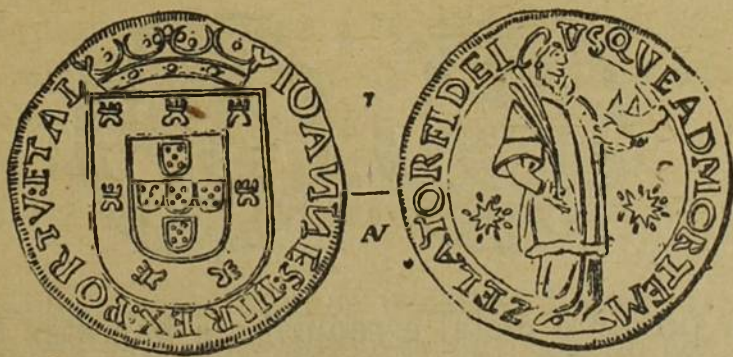
Sobre a mineração compraz-se em minucias o verboso biographo: á enxada faziam as excavações de quatro, cinco, seis palmos e mais, no logar escolhido, até bater no cascalho; si a terra é anil, dá-se o trabalho por perdido; si é amarella, muito branda, á moda de sabão, encontram-se lages atravessadas de metal que despensa a fusão, ou vê-se o ouro, aqui já formado pela acção defecante do sol, além ainda em formação”, como claramente se percebe, porque em parte se vê a materia molle e em parte rija e formada em ouro, cousa que até agora não ouvi de outra alguma parte do mundo”.

A terra desmontada ia a canôas furadas na popa e na proa, expostas á corrente de algum rio, de modo que a agua penetrasse por um extremo e vasasse pelo outro: agitada com certas pás, a terra desfazia-se em lodo e sahia pela proa, o ouro se assentava no fundo com seu peso. “Um morador de São Paulo me contou que em espaço de tres mezes com vinte pessoas de serviço tirara em uma cata setecen-

tas e tantas oitavas no modo sobredito; e outros me referiram suas catas com semelhante rendimento pouco mais ou menos, conforme a calidade do sitio aonde acertam de cavar. Destes pagam os quintos a el-rei, o demais o levam a bater em moeda ou vendem em ser”.

Sobre o rendimento dos quintos faltam informações, e o silencio é explicado numa portaria do Conde de Obidos de 15 de Dezembro de 1663: “achei que a administração dos quintos de ouro de S. Paulo não corre pela provedoria da fazenda de São Vicente nem dão delles conta a esta provedoria do estado e nem nos livros dos registos della ha noticia alguma das causas por que se administra; antes se tem por tradição que se faz por ordens particulares concedidas a Salvador Corrêa de Sá e Benavides e Pedro de Sousa Pereira, provedor que foi do Rio de Janeiro... e se acha nos ditos livros uma provisão de el rei meu Senhor D. João quarto, que Santa Gloria haja, por que faz mercê a Rainha minha Senhora de cinco mil cruzadas cada anno no rendimento dos ditos quintos, com condição que si rendessem mais lhe não pertencia, suppondo não ser menos”.

No presente já em São Vicente se bate moeda de ouro e é ali o dinheiro ordinario, escreve Simão de Vasconcellos na vida de João de Almeida e na de José de Anchieta accrescenta: “de ouro se batem moedas chamadas (com o mesmo nome da terra) de São Vicente”.



As moedas de São Vicente introduzidas sob D. João III pesavam inteiras 151 grãos de ouro, representavam São Vicente em pé á direita, com a palma e um navio entre duas estrellas, e a legenda VSQUE AD MORTEM — ZELATOR FIDEI; meias representavam o busto de São Vi-

Os primeiros reis bragantinos legislaram constantemente sobre moeda. Para custear as despesas da infundável guerra da independencia e evitar sua saída para o exterior augmentaram-lhe o valor extrinseco, já refundindo-a, já carimbando-a ás pressas. Para evitar a introdução e circulação de moeda inferior comminaram graves penas ou sujeitavam-na á pesagem que as desvalorisava. Não pouco que fazer deu-lhes o irreprimivel cerceio: o engenho inaugurado pelo Conde de Ericeira em 1678, que supprimiu a cunhagem a martello, apenas acautelou o futuro. A moeda de S. Vicente entrou no movimento geral, de alça como fica visto.

O alvará de 26 de Fevereiro de 1643 "havendo respeito ao grande damno que se seguiria aos meus reinos e vassallos de se levarem delles as patacas e meias patacas (espanholas) pela utilidade que se recebia na qualidade e bondade da prata" mandou contra-marcas as primeiras para quatrocentos e oitenta, as segundas para duzentos e quarenta réis; "os mais crescimentos que vêm a ser vinte por cento fiquem para minha fazenda". Em outros termos: o possuidor recebia em menor numero de peças de quatrocentos e duzentos réis o valor que depositava: o lucro do fisco estava na differença de oitenta e quarenta réis respectivamente. Para o Brasil a carimbagem devia fazer-se no Rio, na Bahia e tambem no Maranhão, que formava estado differente.

Operações mais consideraveis determinaram os Decs. de 20 de Novembro de 1662 e 22 de Março de 63, para cuja execução promulgou o Conde de Obidos um longo regimento em 7 de Julho deste anno.

O regimento, talvez inedito, providencia sobre a subida de 12 1/2 0/0 nas moedas de ouro e de 25 0/0 nas de prata.

Far-se-iam tantos cunhos quantos fossem necessarios, e se procederia a contramarcacão na casa de contos da Bahia, Pernambuco, Rio de Janeiro; em São Vicente nas em que costumavam assistir os provedores da fazenda com seus officiaes. Nos cunhos para as moedas de ouro se abria um escudete com uma corôa em cima e dentro no escudo o novo valor; nos cunhos para as moedas de prata não havia

escudo para a declaração do valor e sobre as lettras estaria uma corôa. O dinheiro do Ceará até o rio de S. Francisco receberia o novo cunho em Pernambuco; o de Sergipe até Porto Seguro na Bahia, o de Espirito Santo no Rio.

“E todo o das villas de São Vicente, Santos, São Paulo, Parnahyba e mais logares que ha naquella capitania e fora della para o Sul (se ha de resellar) na mesma casa donde costumam assistir os officiaes da fazenda real na villa de São Vicente... E porque ali se podem achar algumas moedas *que tem por armas São Vicente* se lhe accrescentará cunho com o excesso que lhe tocar a respeito do valor a que sobem as moedas de ouro, que é doze e meio por cento”.

Recunhado o dinheiro, o thesoureiro geral responderia na propria especie a seu dono com a mesma quantidade de dinheiro resellado com cinco por cento de avanço si fosse prata, com dois e meio si fosse ouro.

Será tambem exacto que abundava dinheiro de ouro em S. Paulo, como affirma Simão de Vasconcellos? As *Actas da Camara da Villa de São Paulo* permitem responder a este ponto com bastante precisão.

Em 1661 Portugal assignou os tratados de casamento da infanta D. Catharina com Carlos 2.o, recentemente restaurado ao throno da Inglaterra, e de paz com a Hollanda, raivosa ainda da perda de Pernambuco. Pelo primeiro obrigou-se ao dote de um milhão de cruzados, pelo segundo á indemnisação de quatro milhões que deveriam ficar pagos dentro no praso de dezeseis annos.

Para cumprir estes compromissos não bastavam os recursos do velho reino, que teve de socorrer-se das colonias. Sobre o Brasil foi lançada uma contribuição annual de cento e vinte mil cruzados, para a paz da Hollanda, de vinte mil para o dote da Infanta, ou dois milhões duzentos e quarenta mil, mais trezentos e vinte mil cruzados respectivamente, durante os dezeseis annos em que deviam ser cobrados. A Francisco Barreto, o vencedor de Gurarapes, governador geral, coube iniciar e organizar a arrecadação, ordenada por duas cartas regias de 4 de Fevereiro de 62.

Francisco Barreto reuniu no palacio do Salvador as pessoas mais notaveis e accordou com ellas as quotas das

capitanias. A' Bahia, como a mais opulenta, pois Pernambuco apenas sahia de uma guerra devastadora e Rio de Janeiro estava quasi todo preso ainda dentro das serranias da Ganabara, tocou metade; Pernambuco, Itamaracá e Parahyba entrariam com trinta mil, Rio de Janeiro com vinte e seis mil, São Vicente com quatro mil cruzados. Ilheos, Porto Seguro e Espirito Santo não ficaram isentos, mas suas contribuições serviriam para as quebras. O pedido, donativo ou finta real (tributo não era porque as Cortes não intervinham) correria desde Agosto de 1662.

A 5 de Agosto de 1662 na Camara de S. Paulo, perante o povo e os homens bons da villa, foram lidas as cartas regias ao Governador geral do Estado e a provisão deste de 28 de Abril attinentes ao objecto, e eleitos procuradores para tratar do caso em Santos, onde, parece, deviam reunir-se os procuradores das differentes Camaras, os capitães D. Simão de Toledo Pisa e Antonio Ribeiro de Moraes. O resultado da conferencia divulgou-se a 2 de Novembro: São Paulo com seu districto pagaria quinhentos e oitenta mil réis, accrescidos no anno seguinte, por ordem do Conde de Obidos, de mais setenta mil: seiscentos e cinqenta mil réis annuaes portanto durante dezeseis annos.

A Camara paulista, em que era juiz ordinario Estevão Ribeiro Bayão Parente, o futuro conquistador dos sertões bahianos, votou logo o estanco do vinho do reino, da aguardente do reino e da terra e do azeite. Em Janeiro de 63 mandou fazer listas dos contribuintes de cada bairro, que seriam entregues a dois moradores incumbidos da cobrança. A 21 de Setembro lançaram-se quarteis para que todos os moradores sujeitos ao pedido pagassem a annuidade até dia de Todos os Santos. A 3 de Novembro mandou-se proceder contra os que não queriam pagar. A 4 de Março de 64, reunidos a Camara e os homens bons com assistencia do Ouvidor, reconheceram que apenas se apuraram cem mil réis. E o primeiro exercicio terminara em Agosto!

Neste anno de 64 continuou o esforço. Para a finta real votou-se que cada carga de farinha de trigo pagaria 40 réis, cada peça de panno 240, cada arroba de carne de porco mandada para Santos 40 réis; carne de vaca ou porco consumida na villa 20 réis a arroba; arroba de fumo 40

réis, o couro de vaca 10 réis, a peruleira de melado 30, cada cabeça de gado descido para Santos um tostão, botija de azeite de amendoim ou carrapato dois vintens, de vinte pães vendidos nas vendagens um vintem.

Estas taxas deviam ser communicadas aos moradores da Parnahiba, Jundiahy, Itu' e Sorocaba. Os de Parnahiba não estiveram por ellas. Voltou-se ao systema de commissarios de bairros: a 1 de Novembro prestaram juramento de finta verdadeiramente, sem attender a odio, parentesco ou amizade, os de Taramembé, os da villa de Caguacú, de São Miguel, de Marueri, dos tres Juquirys, de João Pires Monteiro, Manoel Rodrigues Moraes, D. Francisco de Lemos, de S. Amaro, de Caocaia, do Forte (Carapicuiba?) e de Cotia.

A historia é longa: para que debulha-la? Basta conhecer o resultado da apuração do desembargador João da Rocha Pitta, o tio do ôco e ruidoso autor da *Historia da America portugueza*, apuração feita em 1679.

O praso primitivo de dezeseis annos fora ampliado ao de vinte e quatro no Rio e São Vicente— na Bahia a trinta e dois: assim a annuidade paulista desceu de 650\$ a 433\$333. Nos exercicios de 1663 a 1678 foram expedidas para Santos com doze remessas de letras, pannos de algodão etc. 3.237\$. A partir de 1678 pagamentos e fornecimentos diversos a Jorge Soares de Macedo, a D. Rodrigo de Castelhanéo, a D. Manoel Lobo, ao desembargador syndicante João da Rocha Pitta, em quatorze addições montaram a 2.856.670; com outros accrescimos ficaram os moradores de S. Paulo restando ainda 238.665 réis.

O desembargador não podendo deter-se na cobrança deste saldo, deu as contas por ajustadas e desobrigados os vereadores e moradores de tudo quanto até ali estavam a dever do donativo, sob a condição de que se cobraria o restante nos dois primeiros annos dos oito que faltavam para se ultimar a finta, pedido ou donativo. Evidentemente estes factos depõem contra a abundancia de ouro batido em moeda, apregoada pelo chronista da Companhia.

Por aquelle tempo occorria no Brasil em geral um phenomeno de alta gravidade. As frotas traziam annualmente ou quasi, por que ás vezes falhavam, maltas de commissas-

rios que vendiam as fazendas e mais artigos necessarios á população, levando o assucar, o tabaco e mais generos da terra, que se convertia em feira buliçosa e variada por algumas semanas para logo recahir na estiagem habitual. Ultimamente notava-se que os commissarios continuavam sim a vir com os carregamentos, mas não queriam mercadorias em retorno, exigiam dinheiro de contado.

Varias medidas, todas improficuas, tomaram-se para impedir esta sangria implacavel. João Peixoto Viegas, dono de curraes de gado em Itaporocas, possuidor de vastas sesmarias para as bandas de Jacobina e rio do Salitre, homem provado em varios cargos importantes, muito pratico e experimentado, cuja figura se vae formando e avultando na medida do estudo dos documentos contemporaneos, foi inquerido pelo Marquez das Minas, governador geral, sobre o que se deveria fazer.

Viegas explicou a paralyção do commercio do assucar pela abundancia da producção; pela concorrência das Barbadas e da India, feita em condições mais favoraveis; pela inferioridade do producto brasileiro, entregue ao empirismo dos mestres de assucar, que acertavam agora uma safra para logo estragar a seguinte, aggravada pela demora das frotas que deixavam o genero nas alfandegas sujeito ás intemperies, levando-o para alem-mar velho e já deteriorado; pela carestia dos fretes; pelos excessos de impostos, lançados quando o assucar alcançava tres mil e quinhentos a arroba, mantidos invariaveis quando o preço pouco excedia de mil réis. O tabaco durante annos assumira grande incremento, concorrera para o cultivo dos serrões, mas agora os plantadores desilludidos e desanimados refluíam para as praias aonde menos os mariscos e carangueijos lhes garantiam a subsistencia, porque o estanco do tabaco crestava todos os impulsos e propagava a miseria por toda parte: entretanto a simples liberdade da droga bastaria para restabelecer a vida: só o Oriente consumia mais do que o Brasil poderia produzir.

“Vejam lá os sabios da politica qual póde ser o remedio, concluia descoroçoado o velho republico: eu lhe não vejo se não dar-nos Deus um novo fruto de estima e preço,

e esperar milagres para o que a prudencia dos homens basta não se costuma nem é racional".

Este fruto de estima e preço, pelo qual suspirava, já muitos o julgavam descoberto e maduro: bastava estender a mão para apanhal-o; era o levantamento da moeda.

Em 1641, apenas começado o primeiro anno da dynastia bragantina, o marco de prata corria por dois mil e oitocentos. No anno seguinte a oitava de ouro, que valia quatrocentos e sessenta e oito réis, a 29 de Março subiu a seiscentos e sessenta, o marco a quarenta e dois mil duzentos e quarenta réis. Estava dado o primeiro passo: quem quizer acompanhar os outros recorra ao segundo tomo de Teixeira de Aragão, que aliás não é completo. A lei de 4 de Agosto de 1688 fixou o grão de ouro em vintem, a oitava em mil e quinhentos, a onça em doze mil, o marco em noventa e seis mil réis; de prata o marco valeria seis mil réis, a onça setecentos e cincoenta; a oitava e o grão proporcionalmente. Involuntariamente ironico, nosso Varnhagen vê neste facto o baixo preço proporcional em que estavam os metaes amoedados.

A lei chegou á Bahia em meados do anno seguinte, quando, por morte do titular Mathias da Cunha, governava interinamente o arcebispo D. Manoel da Resurreição, que a transmittiu ao desembargador Manoel Carneiro de Sá, chanceller da Relação, para publical-a, como era de seu officio. Entre os dois potentados parece houvera attritos e não reinava grande harmonia. O chanceller não deu signal de vida. O arcebispo mandou proceder á publicação, "ao som de caixas e tambores" que se alvoroçava o povo e não sabia si era lei ou bando", commenta Carneiro de Sá.

A attitudo do chanceller procedia de motivos superiores a despeitos mesquinhos, como explica em documento official.

Tinha duvida si podia applicar-se ao Brasil uma lei relativa a moedas que aqui não corriam, e mandava que as patacas de menos de sete oitavas de prata fossem pesadas e valessem a tostão a oitava. A generalidade das patacas de Bahia não passava de quatro oitavas e meia e valiam seiscentos e quarenta; cada moeda perderia portanto, levada á balança, cento e noventa réis; o prejuizo total se-

ria de trezentos mil cruzados; resolveu por isso participar á corte estes inconvenientes e esperar pela decisão para agir.

O arcebispo, recémchegado á terra e pouco conhecedor da situação, confessa ter sentido escrúpulos; decidiu-o a noticia de se haverem antecipado em Pernambuco. Apenas a lei se divulgou, soaram vozes descontentes, encheu-se a Camara de povo, e foi redigido um papel contrario á execução da medida. O arcebispo convocou então uma junta geral a que assistiram pessoas de todos os estados, — alguns ministros, frades e sacerdotes, assegura Carneiro de Sá, que não quiz comparecer. Votaram-se varias resoluções: eliminou-se o emprego das balanças e fixou-se em dois cruzados o valor da pataca (duas patacas) que pesasse seis oitavas e meia e dahi para cima, em setecentos réis a de seis oitavas perfeitas até seis e meia; as de quatro e meia até seis continuariam a valer seiscentos e quarenta réis.

Em sua carta de 11 de Junho de 89 para a Corte o prelado revela-se satisfeito de sua obra. Antes da junta só se tratava de reunir as moedas de maior peso e conduzi-las para bordo; muitos navios não tinham ainda lastro, outros só meia carga; depois da junta, appareceu o dinheiro de peso, espartavam-se as compras de assucar, que já estava naquella data quasi todo embarcado e a frota prestes a seguir.

A elevação da prata que devia vigorar apenas na Bahia, durante a assistencia da frota, alastrou pelo Brasil inteiro com impeto irresistivel e firmou-se como conquista irrevogavel.

Em officio de 18 do mesmo mez, o chanceller explicou sua reluctancia nos termos já conhecidos; lembrava que para tolher o açambarcamento das moedas de peso bastaria uma vistoria nos navios; levantar dinheiro é regalia de principe; não invejava as glórias do autor, si o acto fosse approvedo; contentava-se em não ter comparecido nem concorrido para elle.

As duas cartas, acompanhadas de outros documentos, foram lidas a 20 de Dezembro no Conselho Ultramarino, em Lisboa. O procurador da Corôa accentuou que levantamento de moeda só compete a el-rei; não julgava a lei ap-

plicavel ao Brasil, aonde o uso commum dos moradores, sem lei nem ordem, tinha dado á moeda valor a seu arbitrio: o chanceller andara bem retrahindo-se, o arcebispo não andara mal adiantando-se; devia confirmar-se a lei do arcebispo, visto ser por commum acceitação e accordo do povo e não poder nos termos presentes haver outro remedio. Dois conselheiros deram votos analogos; a maioria votou que inviolavelmente devia guardar-se a lei de 4 de Agosto de 1688, sem curar dos clamores do povo.

El rei deu razão ao Conselho. Em 21 de Março de 90, enviou-lhe uma carta com data de 19, dirigida ao novo governador geral, Camara Coutinho, almotacé-mor, ex-donatario do Espirito Santo, que vendera sua capitania ao riquissimo Francisco Gil de Araujo. Da carta regia de 19 de Março, que de modo a não permittir dilações fixava novamente em tostão o valor da oitava da prata e prescrevia o uso de balanças, existe copia official no Archivo Publico. Della ha transcripto exacto no quinto volume dos *Annaes do Rio de Janeiro* de Silva Lisboa.

Camara Coutinho recebeu a carta de 19 de Março em Pernambuco, que governava ainda, aonde se fizera o primeiro levantamento da moeda; suas idéas eram-lhe favoraveis; mas a ordem regia não permittia dubiedades. Esperou que a frota partisse para evitar o exodo subito do numerario, e por edital de 3 de Junho de 1691 mandou publical-a em todas as capitancias. O laborioso Guilherme Young descobriu o documento em Iguape e imprimiu-o no 8.o vol. da *Revista do Inst. Hist. de S. Paulo*, tão cheio de erros e contrasensos que ficou inintelligivel. A Bibliotheca Nacional possue boa copia.

Da sensação causada na Bahia dá testemunho o quasi nonagenario Antonio Vieyra, que no theatro de sua infancia e de seus primeiros triumphos viera penitenciar-se das vaidades do mundo e preparar a viagem suprema. "As frotas que vierem não acharão destes generos (tabaco e assucar) para tomar carregados, por terem levado entre elles o que não paga frete nem direito, que é toda a prata e dinheiro, em que os mercadores achavam mais conta que nas outras drogas" — escreve em 1 de Julho de 1692 ao antigo governador Roque da Costa Barreto.

Em 15 de Junho de 93 escrevia o Governador geral: "O Brasil até agora esteve muito mal e de presente fica com a candeia na mão e com poucas ou nem-umas esperanças de remedio, porque emquanto teve sangue deu o que tinha, agora tem perdido as forças e as esperanças, porque lhe falta a moeda, que é o essencial, com que todos os pagamentos estão parados, o assucar nos trapiches, sem haver quem os compre, os senhores delles como devem mais do que têm não os podem manear e cada um chora e não sabe porque... Ou se ha de usar dos novellos de Maranhão ou das macutas de Angola".

O venerando Jesuita escrevia ao duque de Cadaval: "O remedio... e não pode haver outro, é o da moeda provincial com tal preço extrinseco que nem para os de fora nem para os de dentro tenha conta a saca della". No mesmo sentido, apenas com restricções a respeito da moeda de ouro que entendia dever ser a mesma tanto na colonia como na metropole, varias vezes se manifestou o Governador geral em sua correspondencia publica, parte impressa no tomo 71 da *Rev. Trim.* parte ainda inedita, existente na Bibliotheca Nacional. O povo da Bahia, o governador do Rio, o provedor da Fazenda em Pernambuco reflectiam unanimes sentimentos e opiniões identicas. A corte cedeu.

A lei de 8 de Março de 1694, que fundou a casa da moeda da Bahia, desde o principio reconhece a necessidade de uma moeda provincial "porque só sendo fabricada com maior valor e differente cunho, prohibindo-se sua extracção com graves penas, se poderia conservar a moeda no estado do Brasil, sem que se trouxesse para este reino como a experiencia tinha mostrado". Neste intuito foi levantado o marco de prata de oito onças a sete mil e quarenta, a onça a oitocentos e quarenta, a oitava a cento e dez réis; cada marco de ouro de oito onças — a cento e cinco mil e seiscentos réis, cada onça a treze mil e duzentos e cada oitava de ouro a mil seiscentos e cincoenta réis.

Navegava-se até o seculo passado por monções, navegação longa, incerta, intermittente. A noticia do levantamento da moeda feito na Bahia em 1689 chegou a S. Paulo em Agosto de 90. O povo alvoroçou-se, em 3 de Agosto invadiu a Camara, coagiu os vereadores e, mais atrevido

que a junta, impoz que a pataca de quatro oitavas e meia valesse oitocentos réis, a pataca simples quatrocentos réis etc.: por este valor corriam em Santos e villas circumvisinhas, lê-se na acta.

A 1 de Março de 92 os vereadores decidiram conservar a moeda na mesma altura até da Corte virem ordens em contrario; a realidade era, porém, outra; "em S. Paulo, escrevia Camara Coutinho, não só não se deu execução á baixa da moeda, mas não a quizeram acceitar nem me responderam". Em outra occasião: "a villa de S. Paulo ha muitos annos que é republica de per si, sem observancia de lei nem-uma assi divina como humana."

Em 23 de Janeiro de 1693, o povo foi adiante: á vista da confusão resultante da falta de moedas para trocos, levantou novamente o valor do dinheiro miudo acima do que decidira tres annos. A seguinte tabella resume a marcha desde 1689 até 1693:

1689	1690	1693
640	800	—
500	600	—
400	500	—
320	400	—
250	300	—
200	240	280
160	200	240
120	160	200
100	120	160
80	100	120
60	80	100
40	50	80

Ha ligeiras divergencias: na acta de 3 de Agosto o cruzado apparece convertido em 480 e 500 réis; na de 23 de Janeiro fala-se em tres vintens — moeda que não devia mais haver, pois os dois tinham sido elevados a meio tostão.

Em 23 de Janeiro de 1694, a Camara de S. Paulo pediu a Manoel Peixoto da Motta, Capitão-Mór, as ordens sobre a baixa da moeda, deu-lhes logo o cumpra-se, passando

quarteis e publicando-as. "Querendo á vista da carta de V. S.^a executar o que nella mandava, escrevem os vereadores em data de 30 a D. João de Lencastre, o novo governador geral, e baixar com publico edito a moeda, levantou-se no acto da publicação de tal sorte e com tal furor o povo que não deixou acabar de se intimar a ordem legitimamente na praça, ajuntando-se com clamores contrarios, com insultos contra o capitão mor e com tumulto contra os poucos ministros que costumam intervir a estes actos impedindo desta sorte o cumprimento do que se intentava fazer".

A noticia da lei que creava a casa da moeda da Bahia, instituia a moeda provincial e elevava a oitava de prata a cento e dez réis, pouco modificou a situação: ainda tres annos depois a exaltação persistia rubra.

A 19 de Janeiro de 1697, notando concurso e rumor, acudiram os officiaes da Camara e defrontaram um ajuntamento de povo armado de armas de fogo e espadas, gentio com arco e flechas, exigindo o levantamento da moeda. Os camaristas allegaram as terminantes ordens regias, lançaram mão do recurso habitual de convocar os prelados das diversas religiões para deliberar. "Responderam todos juntos que elles como povo levantaram o dinheiro e que se não quizessem dar o valor de seu requerimento que tocariam a degolar gritando com vozes altas que morressem todos, com que de necessidade por remir sua vexação lhes foi proposto pelos vereadores que chamassem os prelados das religiões para com elles se ajustar o que mais conveniente fosse", no que não quizeram consentir cousa alguma sinão que dessem cumprimento a seu requerimento, que não tinham necessidade de que viessem prelados para o que lhes convinha a elles, sinão que levantassem a moeda, sinão que morreriam todos".

O segundo volume do *Registo geral* prestes a sahir trará naturalmente mais documentos completando as indicações por vezes demasiado summarias das *Actas*. O capitulo final desta historia comprida e mal contada descobriu Basilio de Magalhães em suas penetrantes e fecundas pesquisas archivaes e vem na primeira parte da opulenta collecção, publicada no volume 18 da *Revista do Inst. Hist. de*

S. Paulo: é uma carta a D. Pedro 2.^o de 1.^o de Junho de 1698 escripta pelo governador do Rio de Janeiro, Arthur de Sá e Menezes.

Encabeçava o movimento Pedro de Camargo que resistia a todas as ordens vindas da Bahia, vivia em S. Paulo feito regal, criminoso de quatro mortes, de latrocínios e violencia, e exercia o cargo de Juiz ordinario aquelle anno. Mandou intimar ao governador que não fizesse á capitania a annunciada viagem em que ia providenciar sobre as minas, nem descobertas. O governador não se deixou intimidar, grangeou partidarios, transpoz a serra e chegou ao campo.

“Chegado que fui a S. Paulo achei morto ao sobredito Pedro de Camargo... Violentemente o mataram com um seu mesmo bacamarte ao meio dia, e foi cousa prodigiosa, por que o matador é um dos nossos melhores homens que ha naquella capitania, tanto pelo seu modo de vida, como por ser muito observante de todos os preceitos e ordens de Sua Magestade, extranhando sempre o não se lhe dar aquella devida execução que merecem com que parece que foi divina providencia que o melhor homem matasse ao mais tyrano e inobediente vassallo.

“E como lhe faltara o castigo, que por tantos titulos merecia, quiz Deus que pagasse a enormidade de seus delictos, porque depois de lhe atirarem foi dando mais de cem passos com o coração passado por duas balas, e foi cahir ao pé do pelourinho, aonde merecia ser justicado”.

Rio, Abril, 1917.

J. CAPISTRANO DE ABREU.

O COPIADOR DO BARÃO DE PENEDO

Tive em mãos no Rio de Janeiro o copiadór das cartas políticas — reservadas todas ellas e muitas confidenciaes — dirigidas pelo barão do Penedo, nos annos de 1856 a 1863, aos vultos mais importantes da administração brasileira d'aquelle tempo — Sinimbú, Cotegipe, Abrantes, Paranhos, Angelo Ferraz, etc. Facultou-me essa leitura o dr. Arthur de Carvalho Moreira, filho do illustre diplomata e elle proprio diplomata distincto, com o grave senão porém de ser devéras intelligente. Por isto foi posto á margem na categoria de secretario de legação, e si outro tanto não aconteceu ao velho Penedo, foi porque este se retirou espontaneamente do serviço quando foi proclamada a republica, dando tal prova de fidelidade ao soberano que sempre muito o distinguira. Tinha já passado os 70 annos e não se achava disposto a aprender cousas novas. Papagaio velho... ficou sendo um papagaio real.

Penedo foi um dos agentes mais prestimosos que o nosso paiz contou no estrangeiro, onde representou o Brasil nos Estados Unidos, em Londres por mais de 30 annos, em Paris, em missão extraordinaria e ordinaria, e em Roma, em missões extraordinarias junto a Sua Santidade Pio IX. A elle se deve o impulso tomado pelas nossas estradas de ferro com o emprego de capitaes inglezes do Recife ao São Francisco, Bahia e Santos a Jundiahy; a elle foi confiada a negociação de grande numero dos emprestimos que, em moderada escala contrahidos, permittiram o desafogo financeiro e economico do paiz; a elle foi confiada a missão de obter do governo de Napoleão III a livre sahida do estaleiro francez do vaso de guerra *Brasil* que a neutralidade retinha por

ocasião da guerra do Paraguay; a elle foi dado restabelecer nossas relações com a Inglaterra, interrompidas pelo irritante incidente Christie. A vida diplomatica do homem que falleceu nonagenario no Rio de Janeiro, tão esquecido dos seus concidadãos, foi cheia de uma actividade fecunda exercida n'uma quadra em que costumava ser melhor apreciada e melhor galardoada. Não me refiro ao galardão do dinheiro, hoje até mais facil, mas ao do apreço, que as almas nobres melhor acolhem. Penedo, em nossos dias não teria escapado ao *harakiri* diplomatico que foi a reforma capital do sr. Lauro Muller na secretaria do exterior, em beneficio dos incapazes e mesmo dos deshonestos.

Antes de entrar para o serviço diplomatico, e apesar de não ter ainda 40 annos quando o mandaram para Washington, Penedo já se tinha creado um nome como parlamentar e como advogado. Com trinta e poucos annos presidira o Instituto dos Advogados e na Camara se tornára orador escutado e personalidade influente. D'ahi o prestigio que fóra o acompanhava aos olhos dos de casa e a intimidade com que tratava os chefes politicos, especialmente Sinimbu' e Cotegipe.

* * *

A quadra que o copiadador abrange comporta dous traços principaes no que diz respeito á nossa politica exterior: a intromissão da Inglaterra nos negocios brasileiros e a intromissão do Brasil nos negocios platinos. A primeira intromissão provinha do bill Aberdeen — bill algerino, como lhe chamou o seu autor, fazendo-nos com isto o cumprimento de comparar-nos com os piratas de Argel; cabeça de Medusa, denominava-o Penedo, que se achava encarregado de fazel-o revogar pelo Parlamento britannico.

No Senado, Jequitinhonha bradava com relação á fiscalização que a Inglaterra se arrogara sob pretextos philanthropicos e humanitarios: "A Inglaterra quer exercer uma omnipotencia, quer dominar o Brasil; quer que elle reconheça um patronato vergonhoso, indigno de nós, e que deve merecer da nossa parte a mais forte, energica e desmedida resistencia."

De Londres Penedo escrevia a 6 de Maio de 1856 a Silva Paranhos, então na pasta de estrangeiros: "Tenho-me esquivado de fallar n'este e em outros assumptos a lord Palmerston por muitas razões. E para que? Esse demonio é um negrophilo Mephis-

topheles a quem ninguém convence, insolente, intratável em se lhe fallando em negros...”

Entretanto a má vontade ia crescendo de lado a lado. Christie não se teria afoitado a quanto fez si não sentisse as costas quentes. Na carta citada escrevia Penedo: “Esta nossa questão com a Inglaterra é séria, muito séria. A pretexto de nossas culpas velhas (que foram muitas) a Legação Britannica tem assumido um tom de censura, de policia, de dominação insupportável... Não ha já uma questão por mais ridicula, que não mereça uma injuria a nós da parte da Legação Britannica. Casamentos mixtos, prisões policiaes, tudo tudo é objecto de uma nota e sempre insolente!”

Penedo nada augurára de bom da escolha de Christie para o posto do Rio de Janeiro, baseado no facto da Inglaterra estar sustentando violentamente seus agentes consulares, ameaçando constantemente com o bill Aberdeen, o qual, como é sabido, lhe emprestava auctoridade nas nossas aguas territoriaes. Em cartas a Paranhos, Sinimbu’, Pedreira (Bom Retiro), Wanderley (Cotegipe), Olinda e outros manifestava elle sérias apprehensões sobre aquelle individuo extraordinario que, dizia elle, aprendera diplomacia no territorio de Mosquitos, onde as prepotencias eram proverbias.

Uma carta a Sinimbu’, ministro então de estrangeiros, em 8 de Maio de 1860, encerra as seguintes ponderações: “Vejo o que me contas a respeito da idéa aventada pelo Christie de uma convenção suplementar da de 2 de Junho para discernir a natureza das reclamações que se devam julgar pela commissão mixta no Rio de Janeiro, etc. Se houvesse de prevalecer o meu conselho, nunca tal convenção suplementar se assignaria. Isso é uma trica, e uma infamia d’este governo insolente com quem não lhe pode responder como elle merece.

Porque havemos de perder a vantagem da nossa actual posição á sombra da generalidade da convenção de 2 de Junho, do seu espirito, da sua letra, para irmos fazer uma explicação que terá por fim e dará em resultado não vermos julgada uma só talvez das reclamações brasileiras, pois quasi todas senão todas teem o defeito da origem a que elles objectam? Nada ganharemos, e teremos dado uma prova de humilhação alem de tantas que já nos devem envergonhar, e muitas porque queremos, ou não temos a coragem de saber *querer*.

Mil vezes fique para sempre sem execução e em suspenso essa commissão; ficaremos com mais uma prova da nossa credulidade e impotencia, mas a odiosidade, e o escandalo da má fé britanica ficará com o seu governo. Esta é a minha opinião. Eu creio ver bem claro todo o machinismo posto em jogo contra nós. Para revogar o bill Aberdeen venha um tratado de commercio; não estamos por isso — allicia-se-nos com a convenção; começa a executar-se, suspende-se com escandalo e frivolos pretextos; e ao mesmo tempo vai esse raposo velho chamado Christie incumbido de atormentar-nos com a abertura do Amazonas, decisão da questão dos direitos de nacionalidade e de funcções consulares; mas *par contre* faz-se-nos a bocca doce galanteando o nosso amor proprio com a alliança permanente comnosco na politica do Prata! Penso que não devemos acceder a nada d'isso, e resistir com resolução."

*
* *

Para melhor comprehensão d'essa attitudo de um diplomata vulgarmente taxado de anglophilo, pelo facto de gostar de Londres e de admirar as instituições inglezas, mas que antepunha á sua anglophilia seu patriotismo e sua dignidade profissional, é mister recordar que o Brasil e a Grã Bretanha tinham accordado attribuir o julgamento das presas por contrabando de escravos a commissões mixtas anglo-brasileiras com séde no Rio de Janeiro e em Serra Leôa, na costa d'Africa. Em 1842 a missão Ellis pretendeu sem resultado, em vista da forte opposição do sentimento nacional, obter do governo imperial a criação de um tribunal mixto para julgar no Brasil os litigios entre inglezes e brasileiros — em virtude do tratado de 1827 os processos civis e criminaes de subditos britannicos eram julgados por um magistrado privativo, o juiz conservador escolhido pela Inglaterra entre os desembargadores brasileiros — e tornar affectas exclusivamente a magistrados britannicos as cousas de navios negreiros. Em troca promettia a Inglaterra conceder favores especiaes ao commercio brasileiro no Reino Unido.

Foi sobretudo a opposição politica a qualquer novo accôrdo sobre o assumpto nos moldes indicados, especialmente dirigida

contra Aureliano Coutinho (Sepetiba), então ministro de estrangeiros, que determinou em 1843 a formação do gabinete presidido por Honório Hermeto Carneiro Leão, futuro marquez do Paraná.

O tratado de 1827 caducava em 1844 e o mallogro da missão Ellis contribuiu muito para a apresentação do bill Aberdeen, abolindo as comissões mixtas, transferindo para os tribunaes inglezes o julgamento dos culpados de trafico de escravos, considerando piratas e passiveis das penas estabelecidas para tal crime nas leis britannicas tripolantes e passageiros, e finalmente aucterizando os cruzadores britannicos a não mais respeitarem, quer as aguas territoriaes, quer o proprio sólo brasileiro na sua caça aos negreiros.

Apesar da abolição definitiva do trafico de escravos pela lei de 14 de Novembro de 1850, que tornava praticamente nullo o alcance d'aquella lei de excepção internacional, desde o momento em que nos tribunaes brasileiros encontravam castigo os transgressores da lei nacional, o bill Aberdeen permanecia como um tropeço a toda negociação diplomatica entre os dois paizes, tanto mais quanto ficára o resentimento pelas vexações e humilhações recebidas e que foram até as aggressões contra as fortalezas do nosso littoral. Do lado da Inglaterra tudo traduzia arrogancia; do lado do Brasil tudo testemunhava mau humor. N'estas circumstancias fôra Christie despachado.

Penedo, em Londres, não se enganára. Elle sempre suppoz, e o escrevia a Abrantes, que aquelle diplomata irritadiço queria prestar serviços de natureza a recommendal-o ao seu governo, coadunando seu proceder com o que Penedo chamava "o plano inglez de coagir-nos e mortificar-nos para obter um tratado de commercio." Na Inglaterra havia aliás quem pensasse differentemente. A guerra de Secessão nos Estados Unidos promettia farto ensejo de attritos entre os governos de Washington e de Londres, e antes de surgir o incidente do *Trent* que quasi levou ao rompimento, já lord Malmesbury discutia no Parlamento a eventualidade de uma guerra na qual as boas relações com o Brasil constituiriam um ponto de apoio para a Inglaterra: "O Brasil, ponderava Malmesbury, será para a Grã Bretanha no Atlantico o que seria a Sardenha no Mediterraneo." A Inglaterra não costuma agir sósinha.

*

* *

A famosa questão Christie de facto encerra duas questões diversas, apenas accidentalmente reunidas. Em primeiro lugar tinha havido entre a Legação britannica e o nosso ministerio dos negocios estrangeiros uma correspondencia acrimoniosa provocada pelo naufragio de uma barca ingleza — a *Prince of Wales* — n'um trecho deserto da costa do Rio Grande do Sul onde, segundo as informações consulares, fôra pilhada a carga por malfeitores que alli tinham apparecido e que se suspeitava tinham assassinado tripulantes escapados ao desastre. O inquerito das autoridades brasileiras estabelecia que ocorrera com effeito roubo dos salvados, mas que se não descobria vestigio de assassinato: os ladrões eram conhecidos e achavam-se refugiados na Banda Oriental, d'onde sua extradição havia sido solicitada.

Sem esperar a ultima resposta do governo imperial, Christie reclamou o pagamento de uma indemnização e exigiu que um agente inglez participasse na acção instaurada. O naufragio succedera em Junho de 1861: um anno depois, em Junho de 1862, sobrevinha o incidente dos tres officiaes da fragata de guerra *Ford*, os quaes, estando á paizana e ebrios de cahir, tinham provocado um posto de policia, merecendo pernoitar no xadrez em pouco desejavel companhia. Uma vez reconhecida sua identidade e reclamada sua soltura pela autoridade consular do seu paiz, a pedido do vice-almirante britannico, foram tratados com a consideração devida e postos em liberdade sem se lhes instaurar processo pelas tropelias commettidas.

Christie entendeu porém que aos seus compatriotas e ao seu paiz é que cabia receber satisfação: a offendida era a dignidade ingleza. Das recriminações passou elle ás ameaças e a breve trecho recebia a nossa chancellaria um ultimatum exigindo a indemnização pelos prejuizos do naufragio e, no tocante á prisão dos officiaes, não se contentando com o rigoroso castigo da sentinella brasileira insultada por elles, mas reclamando demissão do alferes que lhes dera voz de prisão e nota de censura ao chefe de policia e seu sub-delegado. Só assim teria o ultrage sido lavado por uma completa satisfação — igual á que muitos annos depois o poderoso imperio allemão daria á republica brasileira no incidente da *Panther*, exonerando o commandante e privando-o por algum tempo de todo commando.

O governo imperial deixára prolongar-se demasiado a insolencia dos funcionarios britannicos no seu territorio. Desde antes dos incidentes que tinham servido de pretexto á arrogancia do plenipotenciario, Penedo escrevia e Sinimbu' a proposito de agentes consulares: "Dizes que Morgan e Cowper não podem mais ser consules no Brasil — *je le crois bien*; mas porque estão elles lá? porque no Brasil tem-se medo de mulher velha quando se trata da Inglaterra. He um *tutu'* que petrifica todo mundo... Se esses dois consules continuam nas suas estripolias, faze-lhes a cama e manda-os embora *et puis voilà*."

Sinimbu' o não fez e Christie criou gaz. A 20 de Dezembro de 1862 seu ultimatum era entregue e já a 31 cinco navios mercantes brasileiros, do serviço de cabotagem, que demandavam a barra do Rio de Janeiro, eram apreçados pela esquadra britanica a titulo de represalias. Só então, consumada a affronta, declarou Christie acceitar o arbitramento para as duas questões. A indignação popular fôra grande e a policia e a tropa tinham tido a maior difficuldade em conter os exaltados que queriam atacar a legação britannica, o consulado e as casas de commercio inglezas que precipitadamente fecharam suas portas, occultando-se seus proprietarios. Christie, pessoalmente, era animoso, tanto assim que é voz ter percorrido a rua do Ouvidor com um rebenque na mão.

*
* *
*

Consultado, resolveu o Conselho d'Estado emittir o parecer de que se acceitasse o duplo arbitramento, mas o ministerio deliberou submeter o segundo incidente ao julgamento e decisão do rei dos Belgas, pagando immediatamente, sob protesto e por coacção, a indemnização de 3.200 libras, fixada pelo proprio Christie, pela embarcação naufragada. A nossa chancellaria explicava que não assentava á dignidade brasileira empregar arbitros em questões tão miseraveis. Os navios apreçados foram restituidos, mas o governo imperial por sua vez reclamou do governo britannico reparação pelo acto de violencia commettido pelo seu plenipotenciario e pelo vice-almirante commandando a esquadra.

A convenção de arbitramento foi assignada no Rio a 5 de Janeiro de 1863, sendo a sentença dada a 18 de Junho do mes.

mo anno. O ministro Christie, que se tornára, pelo que se vê, *persona non grata* como a que mais o fosse, viera entretanto receber as felicitações dos seus superiores, não tendo absolutamente sido retirado em desagravo do que praticára. Si a historia official assim o pensa ou diz, do copiadador do barão do Penedo consta diversamente. Eis o que o nosso ministro em Londres escrevia ao marquez d'Abrantes a 23 de Março de 1863.

“Como já tive occasião de communicar a V. Exa., tenho como certo que Mr. Christie estará a esta hora em caminho para Londres. Não he como satisfação ao governo do Brasil que esse ministro he retirado do Rio de Janeiro, depois do que lá fez ou lhe mandaram fazer. Elle vem d'ahi porque lord Saint Germans, *lord steward* da Rainha, e pessoa de muita importancia, deu-se por offendido do que elle Christie fizera com Mr. Elliot, filho d'aquelle lord. Elle vem d'ahi porque este governo receia que Mr. Webb, ministro americano, seja bem capaz de fazer ahi um escandalo com Mr. Christie. Em summa, pode-se dizer que um e outro motivo apressará esta retirada; mas como quer que seja, a sahida de Mr. Christie é um facto importante para o restabelecimento de futuras relações nossas com este governo e sendo logo depois do conflicto, presta-se á interpretação de que o governo inglez não julgou conveniente a continuação d'esse homem lá, por bem d'essas mesmas futuras relações, inutilizando assim o instrumento da sua passada vindicta. Que este governo o retirasse como satisfacção a nós, nunca o esperei, nem alguem o devia esperar.”

Penedo entretanto ia tratando de obter a reparação reclamada pelo apresamento dos nossos navios, mas não se illudia nem sobretudo queria illudir o seu governo com o optimismo commum na diplomacia. A 8 de Abril escrevia elle ao seu amigo e conterraneo Sinimbu':

“Muito estimei saber que o Imperador e o governo approvaram o modo porque encetei a questão da satisfação que he na verdade o escolho da minha tarefa... Quanto ao resultado, não tenho um só elemento de calculo que me dê esperanza de bom exito. O mesmo facto de se ver o governo condemnado geralmente por todos, será, penso eu, um obstaculo para que elle se preste a reparar-nos a offensa que nos fez... Na *London Gazette* de 31 de Março ultimo appareceu por ordem do Foreign Office um celebre *address* feito a esse bôbo por alguns inglezes residentes

no Rio de Janeiro. Por esse meio quiz o Foreign Office como que diminuir a força da queda que na opinião publica levou o seu agente, e este resignou-se ao papel de homem *for petty mercies*... Hoje acabo de receber do Grenfell (*nosso consul em Liverpool*) a lista inclusa que elle naturalmente recebeu de algum negociante de Liverpool, e pela qual se vê que 44 casas inglezas recusaram prestar-se a esse *address* encomiastico não sei de que, pois nada prova, e até he contraproducente.”

*
* *

A decisão arbitral de Leopoldo I foi inteiramente favoravel ao Brasil. Foi arredada a hypothese da provocação ter partido do posto de policia, e as autoridades brasileiras só não cumpriram integralmente seu dever porque soltaram os officiaes britannicos sem darem seguimento ás disposições legaes. No emtanto o governo britannico recusou toda e qualquer satisfação pela violencia commettida pela sua marinha de guerra contra a nossa marinha mercante, nas aguas territoriaes do Imperio, em tempo de paz, em violação de todos os tratados vigentes e em opposição a todos os principios do direito das gentes. Nem satisfação nem indemnização: lord John Russell avocou toda a responsabilidade do proceder dos seus agentes, declarando apenas que outro não fôra o intento do governo da Rainha senão “obter seguranças para os bens e as vidas dos subditos britannicos que tivessem a desventura de naufragar em costas brasileiras, e forçar o repeito devido ás pessoas dos officiaes da marinha real”.

Seguiu-se o rompimento das relações diplomaticas a que trez annos depois puzeram cobro os bons officios da Legação portugueza em Londres, após uma primeira recusa de mediação por parte d’El Rei Dom Luiz, a quem seu tio Dom Pedro II respondeu que a iniciativa de uma reconciliação cabia ao offensor e não ao offendido. A Inglaterra com effeito acabou por tomar a iniciativa, e o Imperador recebeu no acampamento de Uruguayana, onde tinha ido assistir á rendição da columna paraguaya invasora, a credencial de que era portador o novo plenipotenciario britannico. Para dar uma prova especial de deferencia, o Foreign Office escolheu para o posto o ministro em Buenos Ayres, Thornton, que nos successos que provocaram a Triplice Alliança se tinha mostrado sympathico á politica brasileira.

Da attitudo do soberano em quanto se relacionava com os negocios publicos falla Penedo nos seguintes termos n'uma carta a Sinimbu' de 8 de Abril de 1861, quando o illustre liberal deixou a pasta de estrangeiros — carta muito intima em que Penedo taxa Angelo Ferraz de tresloucado, que deixou o Brasil com seu credito abalado, e refere-se ao ministro do imperio como sendo um pateta:

“Muito estimei que as tuas informações viessem fortificar a opinião que tenho desde muito tempo de que Elle é o unico que se interessa com um zelo permanente pelos negocios d'essa terra, que teve a grande fortuna de o ter por chefe...”

*
* *

Penedo especializou-se por assim dizer no manejo das relações diplomaticas do Brasil com as grandes potencias europeas do seu tempo, que eram a França e a Inglaterra, mas não podia perder de vista os interesses primordiaes do Imperio no Rio da Prata, onde então se achava o eixo da nossa politica. Quando em 1859 os governos de Paris e Londres propuzeram uma mediação officiosa entre a Confederação Argentina, isto é, o governo de Urquiza, e Buenos Ayres, o Foreign Office mostrou desejos de unir o Brasil a tal mediação, no intuito de jungir-nos aos interesses europeus e nos não permittir actividade propria fóra d'esse circulo. Sinimbu' era a esse tempo ministro dos negocios estrangeiros do gabinete Ferraz, e Penedo escrevia-lhe que a mediação em questão era platonica nas intenções, tendo por fito acalmar os possuidores de fundos de Buenos Ayres e os especuladores da Bolsa de Londres, não sendo idéa do governo britannico intervir á força para obrigar os dois belligerantes á paz.

A um amigo seu que Penedo não cita pelo nome, mas que pelas indicações me parece dever ter sido Mr. Clark, um inglez grave e ladino que por muito annos foi o confidente londrino do nosso ministro e o correspondente do *Jornal do Commercio* — um d'esses homens que teem mais influencia do que posição — respondia lord John Russell, particular e reservadamente, “que era do interesse da Inglaterra e de todas as potencias maritimas conservarem a paz no Rio da Prata. Nós (quer dizer a Grã Bretanha) não temos ambições de territorios n'aquellas paragens, e não le-

varemos a mediação ao ponto de intervenção, mas as vistas do Brasil são differentes, e d'elle se deve recear como sendo um Estado de raça portugueza opposto ás republicas hespanholas."

Lord John Russell assim evidenciava ou affectava uma desconfiança do Brasil que era então geral, pretendendo-se no mesmo enxergar um imperio imperialista. Seu poderio latente estava de facto em desproporção com a fraqueza real dos outros paizes sul-americanos. O receio alludido era a imagem d'esta situação que por occasião da guerra do Paraguay se precisou, acarretando-nos a má vontade da Europa e da America Hespanhola. Nem se pode dizer que haja de todo desaparecido semelhante impressão, alimentada no Rio da Prata pela lembrança da nossa constante intromissão, meticulosa e aborrecida.

O correspondente de lord John ajuntava que o paragrapho citado da carta d'este homem d'Estado estava "obscuramente redigido e admittia dous sentidos: ou que a Inglaterra desconfia do Brasil nas questões do Rio da Prata porque attribue ao Brasil designios territoriaes, ou que é o Brasil quem inspira maior suspeição ás republicas hespanholas." Na carta de Sinimbu' de 5 de Novembro de 1859 escrevia Penedo: "Qualquer das duas interpretações me parece possivel esteja na idéa de lord John Russell, porque essa é a opinião stereotypada no Foreign Office desde longa data, trazida do Rio da Prata por lord Ponsonby." Como se sabe, foi lord Ponsonby, representante britannico em Buenos Ayres, o mediador da criação da Republica do Uruguay em 1828.

Pelo tempo em que Penedo se occupava d'este assumpto, apparecia no *Daily News* uma serie de artigos em que, a proposito da mediação fallada, se emprestavam ao Brasil vistas de expansão territorial no Sul. A estes artigos, de lavra de um rico capitalista muito interessado nos negocios de Buenos Ayres, Mr. Robertson, respondia á legação com outros sob o pseudonymo de *Federalist*.

O conceito do barão do Penedo sobre as gentes do Prata era o commum entre os homens publicos do Imperio e acha-se reflectido n'este trecho da sua carta a Sinimbu' de 7 de Março de 1860:

Quando, a cada phase de nossos favores e caricias com aquelle Rio da Prata, observo novos desprezos, perfidias e insultos feitos a nós que a cada momento fazemos votos, pela prosperidade

d'aquella chamada familia argentina, isto é, desejamos que se unam todos para nos atacar, lembro-me sempre do que dizia Tibullo da donzella que figura n'uma das suas *Elegias*:

*Perfida nec merito nobis,
nec amica merenti,
Perfida, sed quanves?
perfida, cara tamen."*

*
* *

Da associação diplomatica de Penedo com negocios dependentes da Santa Sé se acha vestigio no copiador d'onde venho colhendo. Na carta a Sinimbu' de 7 de Março de 1860 encontra-se o trecho seguinte suggerido por uma "obrinha" que era sua intenção escrever: "Tinha por fim mostrar com documentos que a Santa Sé desde a nossa independencia fez por nós o que nunca fez nem faz pelas republicas hespanholas, fez-nos o que sempre fez ao Portugal de Dom João V, e que nós temos progressivamente desde 1826 para cá marchado em uma senda de indifferença e provocação em materia de religião. Tencionava dizer mesmo muita cousa que tenho a dizer e que não se sabe, e isso sem se me dar de arranhar as crenças ou antes as nenhuma crenças dos Philosophantes do Seculo 18, que hoje predominam mesmo no lugar onde nunca deveriam predominar como muito bem dizes." A allusão parece ahi clara ao que se conveio denominar "voltairianismo imperial."

Foi Penedo quem negociou e assignou em Londres o tratado que nos poz em relações politicas com a Turquia, mas parece siná nossa, pelo que então occorreu e pelo que não ha muito succedeu com Rio Branco, ferirmos as susceptibilidades ottomanas. Em carta de 9 de de Setembro de 1860 o nosso ministro assim se abria com Sinimbu':

"De officio te digo o que me cumpre em resposta ao que me ordenaste que fizesse aqui com o Embaixador turco a respeito do consul nomeado para Constantinopla. O que me ordenas não he fazivel em occasião como esta, quando o embaixador está resentidissimo com o governo e o que he mais commigo, que entrei n'isso como Pilatos no Credo. Se lhe fosse pedir que arranjasse por sua

influencia o exequatur para o tal consul, poderia dizer-me — *vous avez manqué l'adresse, Monsieur*. Eu não sou o governo otomano...”

Toda a irritação provinha de condecorações que não tinham sido dadas. Penedo comtudo entendia que “tudo foi mal desde o principio. Fez-se um tratado com a Turquia, e para se abrirem as relações, lembramo-nos de mandar um consul. Isto não tem feito governo algum... A Turquia tem os seus prejuizos tradicionaes, mas não é a nós que compete corrigil-os — nenhum governo jamais se incumbiu d’essa tarefa — as nações que querem ter com ella relações fazem o que as outras teem feito.” A Turquia até hoje não perdeu a altivez nem a dignidade.

Parnamirim, Fevereiro de 1917.

OLIVEIRA LIMA.

UMA AMIZADE TRADICIONAL

BRASIL — ESTADOS-UNIDOS

1822 - 1916

(CONFERENCIAS REALIZADAS NA
UNIVERSIDADE DE HARVARD)

“A amizade historica que existe entre o Brasil e os Estados-Unidos não é, nem foi jámais, mera formalidade. Baseou-se sempre no seguro fundamento da estima, da admiração e do respeito mutuos. E nossos sinceros desejos são que a força e os recursos dos nossos grandes paizes, possam sempre ser utilizados não sómente para o seu respeito e proveito reciprocos, mas tambem para os mais nobres fins da humanidade”.

Mensagem do Presidente da Republica dos Estados Unidos do Brasil ao Congresso Nacional na abertura da primeira sessão da Sexta Legislatura, em 3 de Maio de 1906.

“Tenho a grande satisfação em vêr que cada vez mais se estreitam as relações de cordial amizade entre o Brasil e os Estados-Unidos da America. Concorrendo para isso, não tenho feito mais do que seguir a politica traçada desde 1822 pelos fundadores da nossa independencia e invariavelmente observada por todos os Governos que o Brasil tem tido.”

William Mac Adoo, Secretario do Thesouro dos Estados-Unidos, de bordo do cruzador *Tennessee* ao deixar o Rio de Janeiro, ao Exmo. Sr. Lauro Muller, Ministro das Relações Exteriores do Brasil, 27 de Março de 1916.

I

PRIMEIRAS RELAÇÕES
(1822)

Precederam a quaesquer outras as relações diplomaticas do Brasil com os Estados-Unidos da America.

E' sabido que, acoissado pela invasão napoleonica, teve que retirar-se D. João VI de Portugal com destino ao Brasil (1808).

Sua permanencia no Rio de Janeiro foi a carta de alforria da colonia. Provado nos habitos do governo autonomo, não volveria o Reino á sujeição primitiva. .

E a prova é que, tendo permanecido no Brasil como Regente, logo que regressou seu Pae para a Europa, publicou o Principe D. Pedro, futuro Imperador do novo Imperio, um *Manifesto aos Governos e Nações Amigas*, no qual escreveu: "Estarei prompto a receber os seus Ministros e Agentes diplomaticos e a enviar-lhes os meus..." (6 de Agosto de 1822).

A 12 de Agosto do mesmo anno 1822 foi assignado o decreto nomeando Encarregado de Negocios do Brasil nos Estados Unidos da America a Luiz Moutinho Lima Alves e Silva, official da Secretaria de Estado dos Negocios Estrangeiros. Era Ministro de Estrangeiros José Bonifacio de Andrada e Silva.

Foi a nossa primeira nomeação diplomatica. Dois decretos posteriores, do mesmo dia, designaram o Marechal de Campo, Felisberto Caldeira Brant Pontes, depois Visconde de Barbacena, e Manoel Rodrigues Gameiro Pessoa, mais tarde Visconde de Itabaiana, ministros do Brasil em Londres e Paris. Anterior a essas nomeações só houve a designação, a 24 de Maio de 1822, de M. A. Corrêa da Camara para consul em Buenos Aires.

Nossa representação na America do Norte creava-se assim antes de qualquer outra, e antecipou-se de quasi um mez á declaração da Independencia.

Esta realizou-se a 7 de Setembro de 1822. A proclamação do Imperio foi a 12 de Outubro seguinte.

Era sabido o cuidado que aos homens do norte inspirava a independencia brasileira. Em 1787, em França, Thomas Jefferson discorrera della com estudantes brasileiros, á frente dos quaes se achava José Joaquim da Maia.

A 15 de Janeiro de 1823 foi nomeado Consul do Imperio nos Estados Unidos da America, Antonio Gonçalves da Cruz.

O Encarregado de Negocios, Luiz Moitinho, não pôde, porém, assumir seu posto, visto achar-se retido em serviços extraordinarios na Secretaria dos Negocios Estrangeiros. Por decreto de 21 de Janeiro de 1824 foi nomeado para

substituiu-o José Sylvestre Rebello, de experiencia e luzes, e assim conceituado por Porto Alegre em nosso Instituto Historico: "Como enviado aos Estados Unidos, elle desempenhou a sua missão de fazer reconhecer a independencia de uma maneira rapida e satisfactoria; como homem de letras, possuia raros conhecimentos de historia e geographia; como membro do Instituto, era uma columna firme, trabalhador, zeloso e modesto; além destas especialidades tinha muitas idéas de archeologia, numismatica e esthetica..." (*Elogio dos socios do Instituto pelo orador Porto Alegre em 1844*).

Sylvestre Rebello chegou a 28 de Março de 1824 a Baltimore, e a 3 de Abril seguinte a Washington.

Presidia o paiz James Monroe. Suas declarações de anti-colonização e anti-conquista, feitas em mensagem de 2 de Dezembro de 1823, tinham causado sensação. Era Secretario de Estado John Quincy Adams.

Escreveu logo a Adams pedindo fosse marcado dia para apresentação de suas credenciaes. Começaram as conferencias entre ambos. Deixou o Encarregado de Negocios do Brasil nas mãos do Secretario de Estado uma memoria justificativa, sob este titulo: "*Succint and true exposition of the facts that lead the Prince, now Emperor, and Brazilian People, to declare Brazil a free and independent nation* . (20 de Abril de 1824).

Poucos dias depois, a 26 de Maio, era Sylvestre Rebello apresentado a James Monroe e acreditado no character de Encaregado de Negocios do Imperio do Brasil. Fricou a occurrencia o *Daily National Intelligence*, de Washington n. 3.354, do dia immediato, 25. A 26 escrevia Sylvestre Rebello para o Rio de Janeiro e concluia: "Foi, pois, o Imperio do Brasil reconhecido por este Governo no dia 59.º depois que desembarquei em Baltimore... Dou a V. Exa. meus parabens."

Eduardo Prado na sua *Illusão Americana*, de que se falará adiante, consignou: "Por ocasião da independencia do Brasil não recebemos prova alguma de bôa vontade dos americanos, e só depois de outros paizes reconhecerem a emancipação do Brasil foi que os Estados Unidos reconheceram a nossa independencia".

Bem se está a apurar como a informação é menos verdadeira.

O auctor classico da nossa lei internacional deixou dito (Pereira Pinto, *Apontamentos para o direito internacional*, Rio de Janeiro, 1865, II, pag. 386): "Foi a União Americana a primeira potencia que reconheceu a independencia do Brasil. Emquanto a Grã-Bretanha, impellida de um lado a favor de nossa emancipação pelas suas exigencias commerciaes, pelo systema liberal de Governo e pelas suas tenazes aspirações a abolir o trafego de escravos, oscillava, de outro lado, nesse empenho pelas deferencias que era obrigada a guardar com a sua antiga e sempre fiel alliada, a nação portugueza; emquanto a Austria, ligada por vinculos bem estreitos ao fundador do Imperio, era ainda mais ligada aos compromissos da Santa Alliança que encarava com olhos vesgos a independencia dos paizes americanos; os Estados Unidos, consequentes com a esclarecida politica que haviam adoptado em referencia a todos os povos que, na America, separando-se da metropole, se tinham constituido regularmente, estende-nos mão fraternal e convida-nos a tomar assento no grande congresso das nações do Globo. Consagremos, pois, neste momento. um voto de gratidão ao povo dessa, a mais poderosa nação do Novo Mundo".

II

JAMES MONROE E SUA MENSAGEM

(1823)

Estabelecidas as relações diplomaticas, estreitaram-se para logo as espirituaes, politicas e economicas.

A lição de um aproveitava ao outro. O que faltava ao norte, tinha o sul em abundancia; e vice-versa.

Fundava-se uma solida amizade internacional, que nada destruiria.

"S. M. o Imperador do Brasil, disse o Ministro de Estrangeiros Marquez de Aracaty, do Rio de Janeiro para Washington, a 6 de Abril de 1827, em sua alta politica,

muito bem calculada, conhece muito bem o que é o que vale essa Nação e quanto interessa a ambos os paizes que seus respectivos Governos estreitem com muita especialidade suas relações e se deem mutuamente as mãos."

E' sabido como se edictou, e em que condições internacionais surgiu, a declaração de anti-colonização e anti-conquista: a ella deve este continente a soberania integral, em que vive. "Sem a attitude dessa grande e poderosa nação perante a Europa, escreveu um dia Rio Branco em documento reservado (18 de Novembro de 1905), os paizes fracos da America hespanhola, dilacerados pelas guerras civis, empobrecidos por exploradores politicos e pretensos salvadores de patrias, estariam expostas aos ataques das potencias europeas e até á conquista." (Archivo do Ministerio das Relações Exteriores do Brasil).

Cedo comprehendeu-o o Brasil, fazendo justiça ao nobre gesto do presidente americano. Mais do que isso: quando viu periclitár sua independencia apenas estreada, para ali volveu-se logo, em busca de um accôrdo defensivo.

E' sabido o caso, que um estadista brasileiro, amigo pessoal e admirador de vosso John Bassett Moore, o nosso Rio Branco, expoz em anonymo e hoje se estampa, depois de sua morte, na *Revista Americana*. (O Brasil, os Estados Unidos e o Monroismo, fasciculo de Maio e Junho de 1912).

Cincoenta e nove dias depois de promulgada a declaração de James Monroe, a 31 de Janeiro de 1824, era o Encarregado de Negocios do Brasil em Washington habilitado com instrucções do Governo Imperial no sentido de "sondar a disposição desse Governo para uma liga offensiva e defensiva com este Imperio, como parte do continente americano, comtanto que semelhante liga não tenha por base concessões algumas de parte a parte, mas que deduza tão sómente do principio geral da conveniencia mutua proveniente da mesma liga".

O fito de assegurar a independencia approximava, dessa feita, os dois maiores paizes do novo continente. Abundando em considerações dessa natureza, escreveu o Ministro de Estrangeiros Carvalho e Mello, a 15 de Setembro de 1824, a Sylvestre Rebello:

“Certamente, as nações daquelle hemispherio (Europa) não deixarão de prever ou receiar a união ou alliança que poderemos fazer com o Governo dos Estados-Unidos, *formando assim uma politica totalmente americana*, que lhes dará cuidado pelos acontecimentos que daqui podem decrescer. A’ vista disso, S. M. Imperial deseja que V. Mercê promova junto desse Governo, o dar-se um caracter de Ministro Plenipotenciario, com poderes eventuaes, a Mr. Conty Raguet que já aqui se acha, ou mesmo a qualquer outra pessoa, medida esta que contribuirá a firmar o reconhecimento; encarregando, outro sim, S. M. Imperial a V. Mercê proponha uma alliança relativamente a conservar e fomentar a liberdade das potencias americanas; mas V. Mercê ficará na intelligencia de que esta sua proposta será por ora para ouvir as condições em que esses Estados quereriam tomar parte activa em semelhante alliança, dando logo em conta, o mais breve possivel e pelas vias adoptadas, do que a este respeito se lhe disser. Sobre isto refiro-me ás informações que se lhe deram tendo em lembrança a fala do Presidente dos Estados Unidos ali citada (2 de Dezembro de 1823) na qual claramente diz, o mesmo Presidente, que aquelles Estados não extranhariam que por parte das metropoles se fizessem tentativas para recobrem as suas colonias; mas não permittiriam intervenções de outras potencias, principio este que tambem foi admitido pelo Governo Britannico...”

Podia acaso haver mais remontado espirito de pan-americanismo? E’ ao Brasil, entretanto, que se vae accusar mais tarde, na America hespanhola, de desertar a causa commum.

Dando execução ás suas instrucções, escreveu Sylvestre Rebello, a 28 de Janeiro de 1825, ao Secretario de Estado John Quincy Adams:

“O Governo do Brasil, convencido de que é effectiva a declaração feita pelo Governo dos Estados-Unidos na Mensagem de S. Exa., o sr. Presidente, na primeira sessão do 18.º Congresso, na qual foi dito que relativamente áquelles paizes na America que haviam declarado a sua independencia e a mantinham e cuja independencia este Governo tinha reconhecido, fundado em profundas razões e princi-

pios de justiça, este Governo não veria imparcialmente interposição alguma com o fim de opprimir ou diminuir, de qualquer modo que fosse, o destino dos mesmos por qualquer potencia européa, senão como uma declaração de sentimentos inimigos para com os Estados-Unidos; e supposto seja de esperar que as sobreditas Potencias européas, esclarecidas pelas verdadeiras idéas que todos os Governos devem ter sobre a justiça e principios em que o Brasil firmou a sua independencia, não se entremetam na questão que elle tem com Portugal, comtudo, como é dos homens errar e aquelles Governos são de homens, e, portanto, como é possível que alguns dos mesmos Governos queiram auxiliar o exhausto Portugal para recolonizar o Brasil, pelo que tão inconsideradamente anhela; e devendo em tal caso o Governo dos Estados Unidos pôr em pratica os principios de politica annunciados na sobredita Mensagem, dando provas de generosidade e consequencia que o anima, o que não póde fazer sem sacrificio de homens e capitaes; e não sendo conforme á razão, justiça e direito que o Governo do Brasil receba gratuitamente taes sacrificios, está este prompto a entrar com o Governo dos Estados Unidos em uma Convenção que tenha por objecto a conservação da independencia do Brasil, no supposto de que alguma potencia auxilie Portugal nos seus vãos e chimericos projectos de recolonização.”

Como o tempo se encarregou de provar, e o previram na sua condicional os pro-homens de nossa independencia, esta consolidou-se logo sem auxilio de especie nenhuma. Isso não diminuiu em merecimento a offerta do Brasil, recebida com toda bôa vontade nos Estados Unidos. Não podia a fazer nenhuma liga a politica norte-americana, pois o defendiam seus principios cardeaes de procedimento exterior, consubstanciados no *Farwell Adress* de Washington. Alhear-se de comprommissos externos, quaesquer que fossem, tinha sido a palavra de adeus; mas a sympathia era integral por nossa causa: “O Presidente dos Estados-Unidos, respondeu Henry Clay, já Secretario da Presidencia Adams, a 16 de Abril de 1825, adhere aos principios do seu antecessor exactamente como estão formulados na sua Mensagem, de 2 de Dezembro, do Congresso Americano.

Mas no tocante á vossa primeira proposta, como se não percebe presentemente nenhuma probabilidade de que Portugal consiga obter auxilio de outras potencias para recolonizar o Brasil, parece não haver oportunidade alguma para uma convenção fundada nessa improvavel contingencia. Pelo contrario, o Presidente vê com prazer claros indicios de uma prompta paz entre Portugal e o Brasil sobre a base da independencia brasileira, que o Governo dos Estados Unidos foi o primeiro a reconhecer. Declinando, por isso, entrar no ajuste da proposta convenção, tenho, entretanto, a satisfação de dizer que podeis assegurar ao vosso Governo que a determinação do Presidente não procede de quebra alguma no interesse que os Estados-Unidos constantemente mostraram pelo estabelecimento da Independencia do Brasil, mas resulta sómente da ausencia das circunstancias que seriam necessarias para justificar a assignatura de uma semelhante convenção. Se, pela marcha dos acontecimentos, se poder notar que os alliados europeus renovam demonstrações de ataque á independencia dos Estados Americanos, o Presidente dará a essa nova situação de cousas, caso ocorra, toda a consideração que sua importancia reclamaria."

Com razão se disse, portanto, "que foi o Brasil o primeiro paiz a reconhecer a Doutrina de Monroe". Sua attitude invariavel no consideral-a depois, marcou-o como a unica nação americana que soube vel-a como devia ser vista, — um anteparo efficiente ás ambições da Europa. A identidade de vistas entre os Estados-Unidos e o Brasil parecia tanto mais relevante, quanto ninguém ignora que a mensagem de James Monroe era sobretudo democratica e o Brasil um Imperio ligado pelo sangue real á casa d'Austria. Esta circumstancia o poz suspeito por algum tempo em toda America, conforme já se demonstrou cabalmente (Ver Helio Lobo, *A's Portas da Guerra*, capitulo *Sós na America*, Rio de Janeiro, 1916, pag. 31). Preciso será mostrar em compensação que a America teve tambem de prevenção a mensagem de 2 de Dezembro, e que foi ao Brasil, já republicano, que coube provar seu engano?

O caso, deste particular, é de hontem. Ideiou o Brasil por ocasião da reunião da IV Conferencia Internacional

Americana em Buenos-Aires, como homenagem á sua grande irmã do Norte, a apresentação de uma moção, que assim se redigiu:

“O largo periodo decorrido desde a declaração da doutrina de Monroe habilita-nos a reconhecer nella um factor permanente da paz externa do continente americano. Por isso, festejando os primeiros esforços para a sua independencia, a America Latina envia á grande irmã do Norte a expressão do seu reconhecimento por aquella nobre e desinteressada iniciativa, de tão grande beneficio para o mundo”.

“Haveria nada mais natural? perguntamos alhures. Qualquer que seja o juizo sobre a mensagem do quinto presidente, não se pode esconder o beneficio que prestou ao futuro do continente americano. A America, desassombrada do espectro europeu, forrou-se á cobiça das companhias e governos estrangeiros. Festejando o centenario de sua independencia seria demais uma palavra de commum reconhecimento?” (*A Assembléa de Buenos-Aires*, no meu livro *De Monroe a Rio Branco*, Rio de Janeiro, 1912, pag. 75).

A proposta devia ser apresentada no recinto, a juizo da chancellaria brasileira, com o apoio das delegações da Republica Argentina e do Chile. Faltando este accôrdo prévio, foi omittida na discussão. Prevenções mal explicadas estavam alertas. Na Europa teve éco o caso, e o *Temps*, de 29 de Agosto de 1910, não deixou de dizer: “Le berger Monroe s’est fait tour à tour loup puis *policiman*...” Entretanto, quem da America timbrou de defender o gesto brasileiro? O Brasil; e no Brasil, o seu jornalismo.

Assim escreveu o *Paiz*, do Rio de Janeiro, a 30 de Agosto de 1910: “O facto incontestavel é que, durante um largo periodo, em que muitos povos da America Latina viveram enfraquecidos e desacreditados por frequentes desordens, barbaras tyrantias e destruidoras guerras civis, as declarações de Monroe contiveram e impediram os projectos da Santa Alliança e os posteriores de alguns Governos europeus, inclinados a expansões coloniaes. A unica Republica americana que os conteve e podia conter foi a dos Esta-

dos-Unidos da America. Desconhecer isso é ignorar a historia da America. Ter vergonha de o manifestar, é talvez explicavel nos fracos, mas não nos povos latino-americanos, que hoje devem ter consciencia da sua força."

III

CONTY RAGUET

O procedimento de um agente, menos comedido, pareceu porém burlar logo a atmospheria de mutua amizade e harmonia então reinante.

Não seria singular o caso. Vae-se ver mais tarde como o temperamento de um homem irado pode comprometter serios e radicados interesses.

Chamou-se ao incidente de Caso Raguet. Conty Raguet era o representante americano no Rio de Janeiro, perante cuja côrte fôra dos mais amistosos seu discurso de apresentação de credenciaes (*Diario Fluminense*, Rio de Janeiro, 5 de Novembro de 1825). Excedeu-se, porém, de tal maneira em sua linguagem com o Gabinete Imperial, que foi immediatamente substituido por William Tudor.

A causa de debates estava na questão das presas feitas no Rio da Prata, por occasião da guerra então recente entre o Brasil e as Provincias Unidas daquelle nome. Das tres guerras em que se empenhou o Brasil, essa podia reflectir ainda o sentimento colonial. Mas não a provocou o Imperio, ao contrario procurou solvel-a do melhor modo para a independencia do paiz por cuja causa irrompeu, isto é, a Republica Oriental do Uruguay.

E' sabido que, tendo as mais severas instrucções para poupar, em caso de bloqueio, a propriedade neutral, desmandou-se por tal modo no apresal-a o Almirante Pinto Guedes, Barão do Rio da Prata, que foi submettido a Conselho de Guerra e o Brasil obrigado a pagar consideraveis sommas a varios paizes então prejudicados. "Tal era o modo illegal com que se portava, em tão desgraçado bloqueio, aquelle Almirante, disse o Ministro de Estrangeiros do Brasil, em 1834, ás Camaras, que se considerava como dono

dos navios neutros que capturava, dispondo delles como sua propriedade, sem sentença dos tribunaes competentes”.

Muita indemnização devida e indevida teve então que pagar o Imperio.

Conty Raguet advogou a de alguns barcos americanos, em 1827. Sua linguagem foi inadequada. *Covarde*, no seu entender, era a esquadra brasileira em operações no Prata; e *povo civilizado* não podia dizer-se o da antiga colonia portugueza.

A' representação do Governo Imperial correspondeu immediatamente o de Washington, despachando para o lugar de Raguet a um homem de maneiras polidas e distincto. Porque era o proprio Governo Imperial a sentir-se com o procedimento do seu Almirante.

As tradições de guerra maritima, em que se educava, primaram sempre pela liberalidade. Podia orgulhar-se o Brasil de as ter, e formosas. A prova foi que, pouco a pouco, tratou de liquidar esta questão de presas com todos os reclamantes, e da melhor e mais digna maneira. (Ver Helio Lobo, *Um trecho da guerra maritima e a lição do Brasil*, na “Atlantida”, Lisboa, 1916, e do mesmo auctor. *As tradições internacionaes do Brasil*, “Jornal do Commercio”, Rio de Janeiro, 28 de Maio de 1916).

A's reclamações americanas negou, entretanto, o Conselho de Estado fundamento razoavel, opinião que manteve a nota Imperial de 2 de Outubro de 1846. O desejo de liquidar essa pendencia era, apesar disso, tão sincero que conveio o Brasil em assignar, alguns annos mais tarde, a Convenção de 27 de Janeiro de 1849, cujo artigo 1.º é aqui de transcrever-se:

“Conhecendo as duas altas partes contractantes a difficuldade de se entenderem sobre assumpto daquellas reclamações, pela convicção em que ambas estão, uma da justiça outra da injustiça das mesmas reclamações, e convencidas que o unico meio justo e honroso para chegarem a um perfeito accôrdo os dois paizes em taes questões, será resolvel-as por via de uma transacção; concordaram mutuamente, depois de maduro exame sobre aquellas reclamações, e para o fim de poder levar-se a effeito aquella transacção, em que por parte do Brasil se ponha á disposição

do Presidente dos Estados-Unidos a quantia de quinhentos e trinta contos de réis, moeda corrente do Brasil, como quantitativo razoavel e equitativo que comprehenderá a generalidade das reclamações, qualquer que seja a sua natureza e importancia, e, como compensação plena pelas indemnidades reclamadas pelo Governo dos ditos Estados, as quaes serão satisfeitas em globo, sem referencia a nenhuma dessas reclamações, em cujo merito prescindem de entrar as altas partes contractantes, ficando ao Governo dos Estados Unidos avaliar a justiça que assista aos reclamantes, para distribuir por elles a supradita somma de quinhentos e trinta contos de réis, como julgue mais conveniente." (Relatorio da Repartição dos Negocios Estrangeiros, 1851, pag. 29).

IV

TRATADO DE 12 DE DEZEMBRO
(1828)

Ao demonstrar ao representante do Brasil, em 1825, que não havia mais razão para temer nenhuma reacção por parte da Europa, com o fito de recobrar Portugal sua colonia na America, falou Henry Clay a Sylvestre Rebello "da conveniencia de se unirem os dois paizes permanentemente pelos laços da amizade, da paz e do commercio".

Dessa iniciativa, e das negociações que se seguiram, surgiu o Tratado de Amizade, Navegação e Commercio de 12 de Dezembro de 1828, de que foram plenipotenciarios para o Brasil o Conselheiro Marquez de Aracaty, Ministro dos Negocios Estrangeiros, e Miguel de Souza Mello e Alvim, Ministro da Marinha; e para os Estados-Unidos, seu representante no Rio de Janeiro, William Tudor.

Tratados mais ou menos identicos tinha o Imperio assignado com a Grã-Bretanha e a França. Não se podia negar á grande Republica do Norte o que se concedera para além do Atlantico.

Não é aqui logar para dizer-se dessas Convenções nem dos effeitos que tiveram para o Brasil. Adoptando,

por um lado, principios dos mais liberaes, continham, por outro, certas regras que foram origem de graves dissidencias com a França e a Inglaterra. Uma dellas pretendeu conferir aos consules estrangeiros faculdades em desacôrdo com a soberania territorial; e a questão d'ahi decorrente prolongou-se annos a fio, assumindo por vezes bem antipathico aspecto. Outra, concedendo favores de entrada a certos productos estrangeiros, foi accusada de opprimir a producção nacional nascente, assáz primitiva e carecedora de animação. Ficou o Brasil escarmentado para accôrds de tal natureza, e esse receio inspirou depois uma politica de invariavel abstenção.

No seu relatorio ás Camaras em 1847, disse o Ministro dos Negocios Estrangeiros, Barão de Cayru': "Os maus effeitos dos tratados que o Brasil, alguns annos depois da sua independencia politica, celebrou com varias potencias pelos embates que de continuo nelles encontravam os verdadeiros interesses do paiz, as questões e mesmo complicações que sobrevieram nas relações com varios Governos, o futuro embaraçoso que nos legaram certos compromissos que ainda hoje subsistem, estes e outros motivos trouxeram a crença de que os tratados não são os melhores meios de estreitar os vinculos que ligam as nações entre si; que o Imperio, tendo por via delles atravessado uma época de continuo constrangimento para seu desenvolvimento social, deve ser hoje cauteloso, nada conceder em absoluto que não seja a applicação de principios, que tenham merecido o assenso de todos os povos cultos, abandonar tudo mais ás phases que forem apresentando os acontecimentos, e as conveniencias sociaes, e assim regular sua marcha politica e commercial com as outras nações."

Dos tres tratados, assignados depois da Independencia foi o americano o mais conciliador. Não continha a taxa expressa dos quinze por cento que beneficiou, por exemplo, entre constantes reclamações do Brasil, aos productos francezes e inglezes. Não instituiu o juizo da conservatoria, que tão grandes queixas provocou á soberania territorial brasileira.

O tratado de 12 de Dezembro de 1828 devia vigorar e

de facto vigorou por doze annos, "em todas as partes, segundo preceituou, relativas ao commercio e navegação, ficando porém nas outras partes que se referiam á paz e amizade ligando permanentemente e perpetuamente a ambas as potencias." Aqui vae, mais ou menos, seu contexto.

Preceituado ficou, no artigo primeiro, "paz perfeita, firme e inviolavel, e sincera amizade" entre o Brasil e os Estados Unidos da America; no segundo, que nenhum favor seria concedido a nação alguma em materia de commercio e navegação, que se não tornasse immediatamente extensivo a outra parte contractante; no terceiro, que o commercio e a navegação dos dois paizes fossem postos no pé da mais perfeita reciprocidade e egualdade de tratamento, exceptuando o commercio de cabotagem, que seria reservado aos respectivos subditos e cidadãos; no quarto e quinto, que essa egualdade fosse observada tanto a respeito de direitos de navegação como de alfandega, tanto no commercio de exportação como no de importação, directo ou indirecto; no sexto, que em virtude dos mesmos principios houvesse toda a liberdade para os subditos e cidadãos dos dois paizes de dirigir seus proprios negocios, em todos os portos e logares sujeitos á jurisdicção de qualquer delles, como os proprios nacionaes; no setimo, que não ficassem sujeitos a nenhum embargo e não fossem detidos sob nenhum pretexto, navios e mercadorias dos subditos e cidadãos dos dois paizes; no oitavo, que se fossem obrigados a buscar refugio ou asylo em um dos dois paizes, fossem recebidos com humanidade e com todo favor e protecção; no nono e seguintes, preceituou o tratado sobre uma protecção efficaz aos subditos e cidadãos dos dois paizes; isenção para elles do serviço militar e de qualquer contribuição ordinaria que não fosse geral; restituição de navios, mercadorias e effeitos tomados por piratas na jurisdicção de cada um; processo a respeito de navios e objectos naufragados; liberdade de disposição de bens e heranças, conforme as respectivas leis; direitos, prerogativas e immuniidades dos agentes diplomaticos e consulares; e, emfim, regras e preceitos a observar em caso de guerra entre os dois paizes contractantes ou com terceira potencia no que respeitasse á propriedade neutral.

Vae-se ver que a reciprocidade commercial, prevista no tratado, não podia existir em egualdade de condições. E por isso, assim que pôde, della desvencilhou-se o Imperio.

Nos seus preceitos geraes foi o tratado cheio de garantias para o desenvolvimento commercial entre os Estados Unidos da America e o Brasil. Numa parte, sobretudo, conteve principios dos mais liberaes e formosos, — os que se referiam á protecção da propriedade neutral em caso de guerra.

V

A PROPRIEDADE NEUTRAL E A GARANTIA DO DIREITO

(1828)

Foi um Ministro do Brasil, o Conselheiro Benevenuto Augusto de Magalhães Taques, quem, em discussão memoravel, escreveu: “Bastantes são os incommodos que a guerra maritima traz inevitavelmente ao commercio dos neutros, e a idéa mais humanitaria e mais liberal foi sempre aquella que limitou quanto possivel os estorvos postos a esse commercio. E’ gloriosa para os Estados Unidos da America a parte que nestas discussões tomaram e os esforços constantes que empregaram para fazer prevalecer o bom direito”.

Disse certo o Ministro de Estrangeiros do Imperio. Para não ir mais longe, ha mais consolador documento que as instrucções com que o Governo de Washington habilitou seus plenipotenciarios ao Congresso de Panamá, convocado para 1826? Foram do punho de Henry Clay, e isso diz tudo (Ver *British and Foreign State Papers*, 1825-1826, pag 496). “Monumento que por si só serve de dignificar uma chancellaria”, chamei-as eu num estudo sobre aquella assembléa fracassada (Ver *A Assembléa do Isthmo*, no livro citado *De Monroe a Rio Branco*, pag. 58).

A abolição do direito da captura, sobretudo, mereceu, da grande Republica, desde cedo, prolongado desvelo. E’ um brasileiro ainda, o Embaixador do Brasil na Segunda Con-

ferencia Internacional da Paz, reunida na Haya em 1907, quem o lembrou. "A' ce point de vue, orou o Conselheiro Ruy Barbosa, a 28 de Junho daquelle anno, par rapport à la condamnation du droit de capture, soit qu'il s'exerce par la course, soit qu'il advienne un privilège des marines de guerre, rien de plus remarquable que l'exemple des Etats Unis, dont le langage dans la proposition soumise aux Conférences de la Paix en 1899 et 1907, ne fait que reproduire une thèse contemporaine du berceau de la grande république où elle a été defendue en 1783 dans ses négociations avec la Grande Bretagne, en 1785 dans le traité avec la Prusse, en 1823 dans le project de Convention avec la Russie, en 1854 dans la réponse de Buchanan a Lord Clarendon, à propos de la guerre de Crimée, et de 1856 à 1858 dans son refus d'accéder aux declarations du Congrès de Paris."

O Brasil, tambem, não se deixou ficar atraz nessa luta pela garantia aos direitos neutraes. Nas estipulações que assignou desde o inicio de sua vida independente poz bem expresso seu interesse. Não houve appello em bem dos neutros que nelle não tivesse éco. Um acto seu, dentre tantos outros, ficou memoravel, dadas as circumstancias em que se deu, porque se achava em guerra provocada, e no continente ia viva a campanha contra as suas instituições: o protesto contra o bombardeamento de Valparaiso pela esquadra hespanhola no Pacifico. "O Brasil e a maior parte dos Estados sul americanos, escreveu naquelle documento famoso o Ministro de Estrangeiros José Antonio Saraiva, novos ainda, não dispõem de todos os recursos precisos para se fazerem respeitar; e, disseminados ao longo das costas extensas e indefezas, estão sujeitos aos abusos da força e necessitam por isso que sejam mantidas as maximas da civilização moderna, que constituem sua principal e mais efficaz protecção."

Já lembrada foi por mim, num estudo sobre as tradições internacionaes do Brasil, nossa pratica nestes assumptos. Falando dos Estados Unidos da America, não seria demais narrar o que ocorreu por ocasião da adhesão, que se nos pedio, ás declarações do Congresso de Paris.

(Continúa).

HELIO LOBO.

O CORVO

(EDGARD POE)

*A' memoria de Machado de Assis — o
inexcedido e inexcedível traductor do ge-
nial poema de Edgar Poe, consagro esta pal-
lida paraphrase, que em nada se approxima
e jámais pretendeu approximar-se da im-
morredoura traducção feita pelo Mestre dos
Mestres.*

I

*Desta amarga existencia em certo, amargo dia,
A' hora da meia noite, augural e profana,
Eu, de velha doutrina, as paginas relia,
Curvo ao peso do somno e da fadiga insana.*

*Mal do meu pensamento a direcção seguia
Por essa hora de horror em que da treva emana,
Toda em funda hediondez, desoladora e fria,
A atra recordação, a atra saudade humana.*

*Foi assim que senti, do meu triste aposento,
Como um leve sussurro a passar, lento e lento,
E uma leve pancada a bater nos humbraes.*

*Disse commigo: alguém vem, pela noite fóra,
Em retarda visita e retarda-se agora...
A bater mansamente á porta, nada mais!...*

II

*O' se o recorde, e bem! numa hinvèrnia brava,
O rispido e glacial Dezembro decorria,
E da lareira ao chão, cada braza lançava
O supremo fulgôr da sua lenta agonia.*

*E eu, a esperar, em vão, a aurora que tardava,
Queria, em vão, achar nessa velha theoria
Contida no volume antigo que estudava,
Um consolo sequer á dôr que me pungia.*

*Em vão! consolo, em vão! á minha dôr profunda,
Em vão! repouso, em vão! á alma que se me inunda
Desta immortal saudade aos prantos immortaes.*

*Porque jámais se esquece alma consoladora
Como essa que nos céos é chamada Eleonora,
Nome que nunca mais ouvirei, nunca mais!*

III

*Ante o vago oscillar, indefinido e brando,
Das cortinas que o vento, ao leve, sacudia,
Ia-me o coração sinistramente entrando
O sombrio terror da noite erma e sombria.*

*Um tetrico pavôr que então desconhecia
E que me estrangulava o peito miserando,
A alma, sem compaixão, de duvidas me enchia
E pouco a pouco foi meu ser avassalando.*

*Emfim, para volver á ambicionada calma
E a coragem, de novo, amparar-se-me d'alma,
Repetia a mim mesmo estas palavras taes:*

*"Nada mais é, talvez, que retarda visita
Que vem da noite em fóra e entrada solícita!
E' visita que vem, por certo, e nada mais!..."*

IV

*A calma que até ahí do peito me fugia
Voltou de novo ao peito e á coragem primeira.
Não mais vacillações, não mais mente erradia.
Ao estranho rumôr fallo desta maneira:*

*“Como nesta occasião o somno me prendia
E a pancada foi tal, tão leve e tão ligeira,
Que presto não corri; perdoai-me esta ousadia,
Dama ou senhor que estaes da minha porta á hobreira.”*

*Tão receiosamente e vagarosamente
Batestes, que não fui receber-vos contente,
Como hospede que sois e á minha porta estaes.*

*E assim fallando e olhando, escancarei a porta,
Mas só encontrei naquella hora adiantada e morta,
Treva! Treva sómente! A treva e nada mais!*

V

*Cravo os olhos na treva e longamente a escruto,
E a treva é muda e é muda a propria ventania,
E longo tempo assim com o proprio medo lucto,
De duvida e terrôr povoando a phantazia.*

*Sonhos que outro mortal, como eu, nunca ousaria
Sonhar, me vêm, num bando esmagador e bruto.
Profunda calma aquieta a quieta calmaria.
Immovel é o silencio e só o silencio escuto!...*

*A unica voz humana, o unico som ouvido,
E' este nome, em surdina e, a medo, proferido;
E' este nome que encerra os meus mortos ideaes.*

*Sou eu quem o profere, eu que o trago na mente.
E um éco a repercutir, repete-o vagamente:
— “Eleonora! Eleonora!” E' isto, e nada mais!*

VI

*Entrei de novo em ancia e ardendo a estranho fogo,
Senti que dentro em mim todo o meu ser ardia.
Ouvi distinctamente outra pancada, e logo,
De outra pancada o som mais claro percutia.*

*A essa nova impressão, volto-me e monologo:
Talvez cousa qualquer me bata á gelozia.
Certamente que sim, pois que ludibrio e jogo
Do pavor de mim mesmo, eu, certo, não seria!*

*Fujamos, pois, do medo ao tenebroso imperio.
Animo, coração! sondemos o mysterio,
Se bem que a noite esteja uivando aos vendavaes.*

*E continuando fui: Nada mais foi que o vento,
Não foi mais que o feroz, não foi mais que o violento
Sopro de furacão! Foi isso e nada mais!...*

VII

*Abro a janella e vejo entrar, ruidosamente,
Amplas azas batendo e ares de fidalguia,
Um magestoso corvo altivo e irreverente,
Como arauto feral da noite erma e bravia.*

*Sem fazer o menor signal de cortezia,
Sem um gesto sequer de hesitação prudente,
Como entraria um nobre, alta dama entraria,
Entrou e se alojou despreoccupadamente.*

*Vagaroso e solemne, ar indolente e farto,
Exactamente sobre a entrada de meu quarto,
Seguro abrigo achou acima dos portaes.*

*Esta recordação até agora me enerva:
Sobre um pallido busto antigo de Minerva,
Rigido e senhorial, postou-se, e nada mais!*

VIII

*A este passaro audaz, de ébano á côr das pennas,
Grave na compostura e na physionomia,
Que ao cerebro me dava idéas mais serenas,
Que me acalmava o peito, e a sorrir me induzia,*

*Voltando-me disse eu: "Tu que te não enscenas
De altas cristas ou poupa á negra frontaria,
Velho corvo feral que te mostras apenas,
Certo, não és o vil nuncio da covardia.*

*Corvo! antigo viajôr que das regiões da noite
Partiste a procurar um tecto que te acoite,
Dize-me tu quaes são teus titulos reaes!*

*Qual a patria ante a qual teu orgulho se ufana?
Quaes as tuas regiões na noite plutoneana?...
E o corvo senhorial respondeu: "Nunca mais!!..."*

IX

*Ao perceber assim que a ave me comprehendia
E que dava resposta a esta pergunta estranha,
Que eu, entre espanto e medo, a medo lhe fazia,
Senti, de pasmo, n'alma um peso de montanha.*

*Porque ainda quem tenha uma intuição tamanha,
Capaz de perceber o que outrem mal veria,
Certo, não achará neste deãalo um guia
Para o tirar do cháos em que a alma se emmaranha!*

*Ninguém verá como eu, a ave negra num busto,
Sem que a mova o receio e sem que a mova o susto,
Tranquilla espreguiçando as azas triumphaes,*

*Ouvir a minha voz a lhe indagar o nome
E ante a curiosidade atroz que me consome,
Dizer-me simplesmente a phrase: Nunca mais!...*

X

*A ave hedionda, entretanto, erma, a encimar o busto,
Sobre cuja brancura as azas distendia,
Como se essa palavra o sentido mais justo
Tivesse e contivesse a suprema harmonia;*

*Fosse do pensamento um envólucro augusto,
Cheio de precisão e cheio de energia,
Nada mais pronunciou, nem ao menos, a custo,
Uma pluma moveu da plumagem macia.*

*Eu, que continha mal toda a minha saudade,
Apenas murmurei: Amigos de outra idade
Tive, partiram; certo, assim também te vaes!*

*Assim também te irás, mal rompa em luz a aurora!
Esperanças que tive, assim fostes embora!
E o corvo repetiu a phrase: Nunca mais!...*

XI

*Todo o assombro em meu ser por temôr se annuncia,
Ouvindo a ave augural, sem o menor estorvo,
Tal resposta me dar, com tanta analogia,
Que inda agora, a lembra-la. éco por éco a sorvo.*

*Certo a phrase aprendeu na triste companhia
De algum mestre infeliz cujo destino torvo,
Da dôr o escravisqu á fera tyrannia,
E a sabe assim de cór, o foragido corvo!*

*Tantas vezes a ouviu, tão repetidamente
O seu mestre infeliz lh'a fez vibrar na mente,
Que hoje a profere a rir, como a profere em ais!*

*De profundis! cruel de uma morta esperança,
Tão tristonhas canções deixaram na lembrança
Do corvo este estribilho, este só: Nunca mais!...*

XII

*Como apezar de tudo a calma conseguia
Fazer-me d'alma vir, do labio, um riso, á tona,
Chegando-me ao portal, do corvo hospedaria,
Sentei-me e recostei-me a uma antiga poltrona.*

*Frente á frente do corvo, a alma já me sorria
E todo entregue a mim, como quem se abandona,
Busco ancioso indagar que novas me traria
O funebre viajôr que inda hoje me emociona!*

*Procuro comprehender qual o escondido goso
Desse vil e sinistro arauto tenebroso
Que em dois termos resume os seus vis cabedaes,*

*Que os seus vis cabedaes de sciencia e de linguagem
Resume, ao exhibir-me a tetrica plumagem,
Crocitando e grasnando a phrase: Nunca mais!...*

XIII

*Deixo-me após ficar como quem se extasia
Entre allucinação e funda conjectura,
Ante a luz da razão e a nevoa da utopia,
Sem nada a me apoiar a mente mal segura.*

*Nada mais pronunciei, nem um som se me ouvia
E como a um ferro em braza, a uma horrivél tortura,
Da ave ao olhar hostil e á perfida ironia
N'alma entrou-me o terror que as almas transfigura.*

*Mas a um torpor de quem vagamente resona,
Recosto-me ao espaldar dessa velha poltrona,
Que eu para alli trouxera em ancias infernaes,*

*E vejo a luz brilhar sobre o roxo velludo
Em que por tanta vez d'Ella o semblante mudo
Brilhou, mas nunca mais brilhará! Nunca mais!*

XIV

*Sinto assim a envolver-me uma nuvem de incenso,
Solta de um incensorio occulto que pendia
Das invisiveis mãos de anjos que em côro extenso
Revoavam roçagando a ampla tapeçaria.*

*Haurindo o ar aromado e, de balsamo, denso,
De mim para mim mesmo exclamo em gritaria:
Infeliz! Infeliz! Um Deus piedoso e immenso,
Pelos anjos te manda o repouso e a alegria!*

*Do nepenthes é o sumo! Eil-o, bebe-o! Eil-o, esquece!
Elle é a seára do bem, do esquecimento a messe!
Nelle ouvirás a voz dos gosos celestiaes!*

*E' o nepenthes idéal que Deus te manda agora!
Bebe-o! Bebe-o olvidando a tua morte, Eleonora!
E o corvo crocitou de novo: — Nunca mais!*

XV

*Passaro ou Satanaz, ave de prophecia,
Sejas ave ou Satan, sempre has de ser propheta.
Venhas do teu inferno ou da brava hibernia
Que naufrago te fez, acalma esta alma inquieta.*

*Já que a noite exigiu, no vôo que te guia,
Que cahisses aqui, onde a angustia secreta,
Onde o secreto horror tem tecto ou moradia,
De pouco que disseste o sentido completa!*

*Dize-me, por quem és, se neste mundo triste,
Existe algum repouso, algum consolo existe
Para estes meus crueis soffrimentos mortaes!*

*Existe esse mendaz balsamo da Judéa
Que, da saudade, a dôr nos arranca da idéa?
E o corvo, inda outra vcz, repetiu: Nunca mais!*

XVI

*Propheta ou Satanaz, negro ser da desgraça,
Propheta sempre atroz de negra prophecia,
Pelo azul deste céu que sobre nós se espaça,
Pelo Deus, todo luz, que em ambos nós radia,*

*Dize a esta alma sem luz e de duvidas baça,
Baça de incertidão e de melancholia:
Ser-lhe-ha dado abraçar o anjo que entre anjos passa,
E de cujo esplendor hoje o céu se atavia?*

*Ser-lhe-ha dado abraçar a virgem pura e santa,
Virgem casta e piedosa e que os anjos encanta
Com seus gestos de encanto e encantos virginaes?*

*Ser-lhe-ha dado abraçar, oh! dize-o sem demora,
A rútila, a radiosa, a radiante Eleonora?
E o corvo, inda outra vez, repetiu: Nunca mais!*

XVII

*“Que esta palavra, emfim! de negra prophecia
Do teu regresso o inicio ambicionado seja.
Regressa ao reino teu, á noite que te envia,
A’ noite plutoneana, essa que em ti negreja!*

*Volve! Cala essa voz que me fére e angustia!
Reentra no temporal, volve á tua peleja
De lá fóra, e não fique uma só pluma esguia
Neste chão, de tua vil plumagem malfazeja!*

*Não quero que de ti uma reminiscencia
Fique nesta de dôr, sagrada residencia,
Sobre a qual distendeste as azas funeraes!*

*Vae-te! Deixa da deusa a face casta e branca!
Arranca-me do seio as garras vis, arranca!”
E o corvo crocitou de novo: Nunca mais!*

XVIII

*E o corvo permanece em perpetua estadia,
Sinistro a repousar, do marmore, á brancura.
Quem o contempla assim pela verdade jura
Que algum sonho feroz no aspecto se annuncia.*

*E' um demonio a sonhar sonhos que o inferno cria
E que lhe enrijam mais a riça catadura,
Tal o fulgôr do olhar que os olhos lhe allumia
E com que a propria sombra elle sondar procura.*

*Essa sombra que a luz da lampada suspensa
Faz reflectir no chão, qual atra nuvem densa,
No mesmo chão negreja em linhas sepulchraes:*

*E desse ambito negro, esse ambito de sombra,
Minha alma que da dôr da saudade se assombra,
Nunca mais sahirá! Nunca mais! Nunca mais!*

EMILIO DE MENEZES.

LIVROS...

AFFONSO ARINOS — Lendas e Tradições brasileiras — Conferencias realizadas na Sociedade de Cultura Artistica, S. Paulo.

Não é possível, para quem tenha conhecido Affonso Arinos, escrever sobre qualquer dos seus livros sem evocar-lhe a figura. Ela era aliaz uma dessas figuras radiantes de vida, um belo exemplar de homem, que poderia figurar entre os tipos apolíneos, no genero de Joaquim Nabuco e poucos outros.

Era um gigante meigo. Pela sua alta estatura, dominava sempre as multidões no meio das quais estivesse. Juntava a isso ser airozo e simples. De uma grande elegancia natural de gestos, sabendo trajar com a mais apurada correção, simples e sobrio, ele atraía naturalmente a atenção. Atraía, encantando. Tinha uma voz cheia, grave, um pouco velada. Si fazia gosto vê-lo, não menor era o agrado em ouvi-lo.

Affonso Arinos tinha a paixão do patriotismo. Tendo vivido muito tempo nos sertões do Brazil, que conhecia palmo a palmo, guardava dessa epoca uma inesquecivel recordação. De mais, preocupava-se muito com as couzas do seu paiz.

Habitando ultimamente na Europa, ele parecia ter requintado essa preocupação.

Affonso Arinos sofreu muito a influencia do peregrino e anarquico espirito de Eduardo Prado. Foi o proprio Arinos que o confessou, revelando aliaz que em Eduardo

Prado se inspirára Eça de Queiroz, ao traçar o tipo do Jacinto, da *Cidade e as Serras*.

Nem Eduardo Prado, nem Arinos, acabaram, porém, como o Jacinto. Este foi ao começo ávido das ultimas descobertas da civilização, só podendo viver no centro de uma grande capital européa, com os requintes do luxo e do conforto. Acabou, entretanto, preferindo a simplicidade da vida aldeã. Arinos e Prado inverteram essa ordem. Começaram na simplicidade dos campos, no interior dos nossos sertões e terminaram no luxo, no conforto, no bem-estar de Paris.

E diante disso fica-se com o desejo de saber bem do que era feito o patriotismo dos dois... Era realmente "patriotismo" ou apenas uma atitude artistica?

Eça de Queiroz, Afranio Peixoto e varios outros já têm feito aluzões a esse extranho estado de espirito de alguns estetas, que acham muito bonita a conservação das velhas ruas tortuozas de antigas cidades mal calçadas, mal alinhadas, mal iluminadas, — finos artistas que têm ironias mordazes para todos os requintes do progresso e, no emtanto, só se ajeitam bem, só sabem viver nos focos mais intensos da civilização moderna.

Arinos era assim. O sertão do Brazil lhe parecia uma maravilha. Ninguem contasse com o seu apoio á menor transformação do aspeto das nossas velhas igrejas, de tudo quanto fosse tradicional em nossa terra. Mas pessoalmente, podendo viver aqui ou em Pariz, preferia Pariz... E' alias uma preferencia facil de compreender.

O que parece é que as pessoas nessas condições não se analisam bem a si mesmas. Isso as impede de sentir a contradição entre as suas vidas e suas opiniões. Para qualquer paiz mais valem os que nele vivem, labutam, e se esforçam para fazê-lo progredir, embora declarando-o sempre a mais insuportavel das nações do mundo, do que os patriotas ferventes que a declaram uma nação admiravel, não permitem que se lhe irroque a menor acuzação, mas vivem longe, sem contribuir para o seu adiantamento.

Affonso Arinos era um temperamento fundamentalmente, integralmente artistico, desses para quem tudo o que ha no mundo se divide apenas em couzas belas e cou-

zas destituídas de beleza. O Verdadeiro e o Falso são categorias que não os interessam. Si podessem, deixariam o povo mergulhado na ignorancia, só para que este conservasse tais e quais tradições antigas, que se lhes afiguram muito bonitas.

O livro de Arinos sobre *Lendas e tradições do Brazil* é uma prova desse estado de espirito.

O autor dessa obra nunca figurou entre os cinzeladores meticulosos da forma. Si deixou numerosos trabalhos, que são bellissimos, foi porque tinha realmente o temperamento de um grande escritor. Via com os olhos de artista. Via bem. Dele se pode dizer como Théophile Gautier que era um homem para quem o mundo existia. Porque não faltam aqueles que passam por entre as cenas mais belas sem quazi lhes prestar atenção. Arinos sabia descrever com uma intensidade prodijioza de colorido. O que a sua pena evoca, aparece nitidamente diante dos nossos olhos. Mas tudo isso é nele um dom natural; não é o meticuloso trabalho de polimento e cinzelatura artistica. Ele sempre foi um improvisador.

As *Lendas e Tradições do Brazil* não desmentem esse modo de vêr. Valem menos como um livro definitivo do que como a indicação de uma obra que deve ser tentada. Já depois da publicação desse volume Olavo Bilac fez uma conferencia sobre o mesmo assunto. Mas a tarefa está ainda pedindo novos trabalhadores.

Quando alguém se decide a colecionar lendas, tradições, poezias populares, o que se chama o *folk-lore*, precisa vêr bem que programa quer executar.

A reunião, por assim dizer, grosseira de todo o material que fôr encontrando é apenas a primeira parte do trabalho. Não é a melhor. O colecionador tem só a difficuldade de ir de lugar em lugar colher nas boas fontes, bem fielmente, o que se pode apurar.

Mas o essencial está em fazer a seleção dessa colheita, buscando-lhe as origens e explicando-lhe a formação e a evolução.

Pensem, por exemplo, nas coleções de quadras populares. Em regra, os colecionadores procuram sobretudo as

que lhes parecem mais bonitas, as que exprimem pensamentos elevados, embora sob uma forma sinjela.

Ora, não é isso o que se deve buscar no *folk-lore*. Si um homem do povo, ignorante, exprimiu um pensamento muito elevado, muito acima da mentalidade dos que o cercam, ele deixou de ser *representativo*. E' uma exceção individualmente curiosa e interessante; mas que não traduz o espirito do povo de que faz parte.

O estudo do *folk-lore* deve servir para a descoberta da psicologia coletiva. O interessante, em uma coleção de quadras populares não é a estrofe rara, que revela um grande poeta, a quem falta apenas cultivo, no homem simples do povo que a compoz. O essencial é a quadra que se parece com muitas outras e que, por isso mesmo, na sua banalidade, revela um sentimento generalizado.

Não ha meio mais eficaz de chegar ao conhecimento da psicologia nacional de qualquer povo do que o balanço ao seu *folk-lore*.

Classificando o material do nosso, varios pesquisadores, á frente dos quais o mais laborioso foi talvez Sylvio Romero, procuraram indagar o que provinha da origem portugueza, africana e aborijene.

Affonso Arinos alude a isso e mostra como é, ás vezes, difficil remontar até a primeira aparição de uma lenda em qualquer povo, seguindo-lhe as transformações. Mas aí exatamente é que está o grande mérito da tarefa. Mérito científico e mérito patriótico. Quando alguém toma uma lenda, oriunda da nação que povoou um territorio, e vai acompanhando as suas metamorphoses atravez do tempo, o estudo das causas dessas transformações permite conhecer em que direção está evoluindo o povo, quais os sentimentos que tinha e não tem mais e em compensação quais os que não tinha e tem agora.

O livro de Affonso Arinos é uma boa coleção de lendas e tradições brasileiras. Boa — não porque seja muito abundante; mas porque a escolha foi muito feliz. Não ha, porém, nenhum estudo sobre essas lendas e tradições.

E' certo que, ao principio, Arinos indica as classificações possiveis pela origem ou pelo assunto. Mas não se demora nisso.

Cita, ao começar, algumas lendas de origem portuguesas, como, entre outras, a *Náu Catarineta*. É a história de uma nau que, estando em viagem fez vinte anos e um dia, acabára por esgotar todos os mantimentos. Os marujos pensaram primeiro em satisfazer-se com pedaços de sola; mas como isso fosse impossível, decidiram tirar á sorte quem teria de ser assassinado e comido. A sorte designou o comandante. Felizmente, porém, um marinheiro avistou terra e pôde assim salvar a vida do seu "capitão-general". Este, como recompensa, lhe deu a própria *Náu Catarineta*.

Arinos assevera que esta lenda é ainda cantada, dançada e até representada pelo povo, em varios pontos do Brazil.

O que, porém, ele não nos diz é si a letra que reproduz se conservou, tal qual. E isso seria da mais alta inverosimilhança.

Faz vinte annos e um dia
Que andamos n'ondas do mar,
Botando solas de molho,
O' tolina!

Para de noute jantar.
A sola era tão dura
Que a não pudemos rilhar.
Deitam sortes á aventura,

O' tolina!
A ver quem se ha de matar!
Os dados rolam todos
Sobre as ondas do mar
Logo foi cahir a sorte
O' tolina!

No capitão general!
Capitão: — Sobe, sobe, meu gageiro
Meu gageirinho real,
Vê se vês terras de Hespanha,
O' tolina!

Areias de Portugal...
Gageiro: — Não vejo terras de Hespanha,
Areias de Portugal...
Vejo sete espadas nuas
O' tolina!

Todas para te matar!...

Basta lêr esses versos para notar que a linguagem é genuinamente portugueza. Portugueza de Portugal. Ninguém pode crêr que, tratando-se de uma composição que já

tem alguns séculos, transplantada para um paiz distante, nela não se hajam feito diversas alterações.

Sylvio Romero dá uma variante ouvida em Serjipe e outra no Rio Grande do Sul. Todas duas já são mais abrazilizadas, sendo que a ultima tem um final bem diferente da lenda orijinal: o gageiro, que avista terra e que se chama Chiquito, cai ao mar:

— Alviçaras, meu capitão,
Alviçaras vos quero dar:
já vejo terras de Hespanha,
areias de Portugal;
tambem vejo trez meninas
debaixo de um laranjal.

— Todas trez vos dera a ti:
uma para vos lavar,
outra para vos engomar,
a mais bonita de todas
para comtigo cazar.

Palavras não eram ditas,
Chiquito caiu no mar.

O texto rio-grandense é mais humano que o primitivo portuguez. Lá se diz que o resultado da sorte, recaindo no capitão, penalizou os marinheiros:

A maruja era tão bôa
que o não queria matar.

De qualquer modo, porém essa historia é das que não têm nenhum fundo brasileiro. Pode ter durado pelo que ha nela de dramatico, mas não corresponde a nenhum sentimento nacional.

Evidentemente essa e outras lendas são do tempo das grandes navegações, do tempo em que o mar era um misterio tenebrozo, do tempo em que os navegantes não sabendo bem orientar-se — o calculo das lonjitudes foi durante inumeros séculos um problema, que parecia insolúvel — era frequente que os navios se perdessem, errassem á tôa pelos mares. A *Náu Catarineta* é parenta do Navio Fantasma.

Tudo isso não tem, portanto, raizes no Brazil. Fundo e forma — nenhuma das lendas analogas a essa é nossa.

D'aí talvez o fato de não se terem alterado muito. Mas o curioso é notar em que direção se fizeram as raras alterações que ainda aparecem.

Por um lado, é a compaixão, a que os marujos da lenda orijinal pareciam inacessíveis. Por outro, é a repugnancia á ideia de ter como premio voltar para as aventuras no mar.

O gageiro da historia primitiva era bem um portuez do tempo dos descobrimentos. Como premio, pedia a *Náu Catarineta* para partir de novo, ir de novo enfrentar os perigos do mar. O sentimento do sertanejo brasileiro teria isso mais como um castigo do que como um premio. Ha muito na nossa poezia popular a nota de tristeza fatalista. O transformador anonimo da lenda preferiu esse sentimento, optando por um desfecho brusco:

Palavras não eram ditas,
Chiquito caiu no mar.

E' possivel que haja um pouco de fantazia nesta interpretação. Seja como fôr, o essencial, sempre que se tome uma lenda antiga, de orijem conhecida, é buscar e interpretar as suas alterações.

As lendas mais antigas do volume são as das Amazonas e da Yara ou Mãi da Agua. São lendas que vêm de uma antiguidade varias vezes milenar! Ou, si não procedem directamente das que achamos em outros povos; si, como as deles naceram espontaneamente e independentemente em varios lugares, provam pelo menos que obedecem a uma necessidade psicologica identica em varias raças e varios tempos.

Foi Orellana que declarou ter visto as nossas Amazonas — tribu guerreira, que bania do seu meio os homens.

Arinos manifesta uma clara tendencia para achar que o fato deve ter sido real. Não se pode pensar nisso sem lembrar as varias tribus de Amazonas mais ou menos lendarias de que ha vestijio nas tradições de diversos povos.

As mais antigas são as Amazonas africanas, cuja rainha Myrina subjugou os Atlantides, os Numidas e os Etíopes. Foi necessaria a intervenção de Hercules para extermina-las.

Por ordem de antiguidade, vêm depois as Amazonas da Azia, que foram vencidas no cerco de Troya, quando Achilles matou Penthesiléa.

E, como parece que cada parte do mundo deve ter as suas Amazonas, as americanas, que Orellana diz ter visto, vieram preencher uma lacuna.

Ter-se-á realmente constituido alguma tribu exclusivamente feminina entre os nossos indios? E' difficil saber a verdade.

Das Amazonas aziaticas a tradição conta a origem e essa origem é aceitavel. Os povos vizinhos dos territorios habitados pela raça sármata atacaram-n'a e exterminaram-lhe todos os homens. Vendo-se sós, as mulheres juraram vingança e constituíram-se em uma sociedade exclusivamente feminina. Assim, o facto não foi uma aberração inexplicavel: proveio de uma fatalidade historica.

Qualquer que seja, no entanto, a veridicidade de todas essas tradições, o que se vê, quando se estabelece a comparação entre elas e a nossa, é que nós pomos logo na nossa uma nota de carinho, de amor, de sensualidade.

De facto, o que havia de mais interessante na vida das Amazonas brasileiras era o cazamento anual que elas efectuavam. Arinos narra esse costume.

Em certa epoca, os homens de uma tribu vizinha vinham vêr as Amazonas. Em uma embarcação traziam as rêdes de todos. Ao chegarem, as Amazonas precipitavam-se, cada uma tirava uma das rêdes e ia arma-la. Cada indio ia então vêr onde estava a sua rêde e a Amazona que a tivesse armado era a sua espoza de um dia, designada pela sorte.

Só um dia. No immediato, todos partiam de novo.

Nas tradições das Amazonas aziaticas ha alguns episodios amorozos. São raros e excepcionais. Em regra, os guerreiros que as combatiam é que se apaixonavam por elas. Quando Achilles viu Penthesiléa morta não consentiu que Thersito zombasse dela: matou-o, irritado. Uma fantazia de poeta foi que levou Catulle Mendés a dizer, falando da rainha das Amazonas:

Elle ne savait pas qu'avant la fin du jour,
mourante, elle mordrait la sanglante poussière.

en jetant au vainqueur, beau comme une guerrière,
un regard moins chargé de haine que d'amour!

O que predomina nas narrações sobre as Amazonas dos outros continentes são os feitos de bravura e ferocidade, de odio e de vingança. As nossas não deixaram uma historia muito longa. Não se sabe como se constituíram; não legaram a lembrança de proezas muito ferozes; mas sabe-se qual o seu rito essencial do amor...

Não seria talvez impossivel, fazendo essa mesma análise para todas as lendas européas importadas para o nosso paiz e nele transformadas, mostrar sempre o adoçamento dos traços de ferocidade, a substituição dos sentimentos violentos por outros mais brandos, mais meigos.

E quem sabe si essa não é uma regra geral, mesmo em outros dominios?

Já se notou que, vindo dos climas mais frios para os mais quentes, mesmo dentro de qualquer paiz, as linguas se abrandam, a pronuncia se torna mais lenta. Os sentimentos seguirão talvez a mesma marcha.

Seria curiozo fazer esse exame sobre a evolução psicologica das lendas e tradições que importamos. Curiozo e patriotico, porque isso forneceria um dos recursos para se penetrar a psicologia do nosso povo.

Arinos não teve essa ambição. Ele quiz em meia duzia de conferencias dar apenas uma amostra da variedade do nosso *folk-lore*. O essencial para o seu fim era despertar a curiosidade sobre um assunto pouco explorado. Ainda assim, ele se referiu a muitas lendas interessantíssimas: as Amazonas e o seu Rio, as Yaras, o S. Francisco e suas lendas, a Serra das Esmeraldas, as Minas de Prata, o Caboclo d'Agua e varias outras.

Deixou um livro leve e encantador. Alguem o devia tomar como baze afim de fazer o estudo para que ele fornece apenas uma parte do material.

MEDEIROS E ALBUQUERQUE.

A FALLENCIA DA DOUTRINA NA GUERRA NAVAL

Impugnemos este titulo. Na serie dos acontecimentos que constituem a conflagração européa não ha, nem fallencia de doutrina, nem guerra naval. A doutrina não falliu, e, não falliu, pela mesma razão de que não ha, em verdade, guerra naval. O que ha é uma tremendissima e unica guerra regulada por principios que são em terra como no mar, os sós com que indifferentemente os exercitos se guiam e os navios manobram. Uns e outros triumpham hoje, como triumpharam sempre. Com todas as suas inusitadas applicações industriaes, o seu opulentissimo avitualhamento bellido e a sua formidavel potenciação de catastrophes os exercitos de terra e de mar estão a produzir, nesta guerra, máo grado alguns episodios despicientes, os mesmos phenomenos normaes em que se restribaram os de que ella é, por assim dizer, a recapitulação pormenorizada e a progressão geometrica crescente dos agentes primeiros destruidores.

O avanço e o retrocesso teutonico, o recúo e o revide fulminante do Marne, a retracção estrategica de Hindenburgo, em Tannenberg, onde entre cujos atoleiros a ala direita moscovita malbaratou-se destroçada, a exacção do "bloqueio" de ambas as costas da Allemanha, a classica e por todos os motivos academica batalha do Coronel, a refrega rapida mas brilhante de Heligoland, e o lance audaz de Beatty, o mais estrategico dos marinheiros, não são actos de mera inspiração individual. Recapitulam-se, a qualquer momento, no menos exercitado dos taboleiros de jogo de guerra. Reproduzem-

se, pela analyse das suas situações iniciaes, n'aquelles mesmos resultados definitivos do terreno. Preveem-se.

Por mais paradoxal que fosse esta guerra, os principios com que ella se tramou, desencadeou e venceu se não postergariam assim tão precipite. Preparada á luz dos ensinamentos coihidos a phenomenologia de todas as guerras anteriores, organizada como para actos convergentes de uma vida em que todas as energias nacionaes se convertem em francosapparelhos de arremetidura béllica, exigindo para se manter até os proprios elementos biologicos da nação, e, acarretando do mesmo passo que para as actividades industriaes, a luta geral e porfiada entre as politicas, a ordem das transformações que ella poderia soffrer não seria de vulto a abrir entre suas phases a larga solução de continuidade donde se pudesse dizer, que esquecidas as melhores lições dos nossos mestres militares, ou abrogados por inefficazes os methodos em que com elles firmamos a guerra, perdeu-se em um dia o que se ganhou em vinte seculos.

A guerra, como todos os movimentos bio-sociaes collectivos, está submettida a processos que não só se tramam, si não ainda se manifestam com finalidade irresistivel.

Não está nos poderes do homem o resolver de prompto, sob influxo de inspirações exclusivamente estheticas, o que só se resolve, por correlação, sequentemente. Os campos de batalha são meios naturaes, regidos pelas mesmas leis com que se elabora na paz a propria evolução. Scientifica nas suas origens, philosophica na sua phase intermediaria, esthetica ao deante, a acção guerreira, avesando-se ás contingencias do *processus* mental commum a toda especie de conhecimento, surge-nos como resultante de tres fórmulas irreductiveis, tres estados creados, os dois primeiros, pelos valores da sciencia e da philosophia, o terceiro e ultimo pelos do da arte. Não ha acção guerreira que não tenha a sciencia da sua concepção, a philosophia dos seus methodos, a arte dos seus conductores.

A concepção da batalha, a coordenação e a previsão dos seus casos já por filiação ou analogia, já por deducção ou inducção, constituem a parte scientifica e philosophica da acção. A provisão das suas necessidades nos dominios da extensão é a arte. A primeira parte, promana unica, e exclu-

sivamente da reflexão. E' obra do conhecimento. A segunda vem d'atravez os estados d'alma, pela sensibilidade, do sentimento. E' uma obra "emocional". Uma não é nada sem a outra. Ambas é que realisam o combate. Mas, por invariavel nos seus processos, a primeira, que se origina da meditação inductiva e deductiva, conserva a todo instante o cunho inconsutil da sciencia. Não se polarisa. Não se transmuda. Não se individualisa. De qualquer fórma que a tomemos é sempre aquella lei inexoravel de que se não foge impunemente, é sempre a regra incoercivel, é a sciencia inconvertivel. Ao contrario da segunda, toda expressão de nós mesmos, das nossas necessidades moraes ou affectivas que provemos segundo a nossa sensibilidade, de mil formas, volitivamente, independe dado o seu character amoral, das razões do sentimento. Um problema de geometria não se ha de modelar ha de se resolver de accôrdo com as leis embora artificiaes que todas são ellas da propria mathematica. Tal como uma columna que se projecta á luz das leis geometricas, com todos os requintes algorithmicos, não se ha de levantar e palpar para os espaços sinão a golpes de escopro. As naves das nossas cathedraes assentam n'uma geometria velha de vinte seculos. Construindo-se hoje como se não construiam ha cem annos, não foi a sciencia que variou. Foi a arte. Os principios scientificos ficaram onde estavam. Os meios da arte, isto é, os com que ella se satisfaz foi que se transformaram. Do mesmo modo que conservando-se immunes os principios, são os meios de que nos provemos para os cumprir, o que se modifica na guerra. Com outra indumentaria venceu Napoleão como Alexandre. De outras naves combateu Suffren como Nelson. A outros engenhos oppoz-se Anibal como Cesar. Os principios de um foram os principios de outros e todos venceram com os mesmos principios. Mas de um para outro só a arte variou. Variaram-lhes os sentimentos estheticos, as faculdades artisticas, os pendores pela arte. A sciencia é que não mudou.

No desenlace das batalhas, a execução dos planos comporta por vezes casos tão profundamente concretos, que, ultrapassando as raias do conhecimento, só teem solução pela arte. Neste ponto a guerra póde romper com todos os seus principios e moldurar-se como uma tela. Está ao sabor do

sentimento. E' o instante das revelações inopinadas, dos retoques esculpturaes, dos lances e das grandes temeridades. O nosso Barroso, entre os fogos convergentes das baterias de terra, plantadas a tiro de bésta da sua garbosa "Amazonas" e os canhoneiros da esquadra paraguaya, comprehende que é necessario fazer alguma cousa mais, e, transformando pela primeira vez no mundo um navio de vapor em ariete, põe em fuga as naves do chefe Mesa. Imita-o, mais tarde, em Lissa, o almirante austriaco Tegetoff. Kuroki, entre alternativas de derrota e victoria, contra todos os preceitos, lança mão das suas reservas e alastra pelo mundo o triumpho de Mukden. Os primeiros quadrados de Napoleão, as bordadas vélicas de Nelson, as cargas de Cesar, nas situações em que se perfilhavam, eram como deslumbramentos de arte. E' que os héroes antigos davantagem artistas, sentiam mais do que meditavam a guerra. Os de hoje reflectem mais. Porque senhores de outras predicções. Mas reflectir, sentir e agir são, afinal, uma mesma cousa. A batalha da Jutlandia é reflexão, sentimento e acção ao mesmo tempo. Reflexão porque cumprida á risca dos ensinamentos guerreiros. Sentimento porque, com unidades mais frageis, Beatty combateu — ante o inesperado — o grosso da esquadra alemã, sem perecer. Acção porque resulte de tudo isso. Elle lhe foi o *coup de pousse*, aquelle celebre *coup de pousse* com que Brulof tomando de um lapis palpitou o desenho inanimado...

A' luz destas deducções os acontecimentos mais ao parecer desgarrados do fio evolutivo são a todo ponto justificaveis.

Primeiramente, não são casos de excepção, impostos por necessidades que se não provinham com os meios de que nos armamos para realisar esta guerra, na successão de cujos factos tivéssemos de appellar *a priori* para outros principios.

Depois, os factos culminantes em derredor dos quaes ella determinou-se tomando essa translação embora lenta mas definida e fatal para a victoria que —des em que as primeiras náos inglezas começaram o primado do Mar do Norte e as hostes franco-inglezas venceram no Marne — ficou assentada, são em tudo iguaes aos das guerras anteriores.

No assegurar a liberdade da extensão, batendo ou "bloqueando" o inimigo, "bloqueando-o" ou batendo-o no mar,

sitiando-o ou batendo-o em terra, substantiva-se o problema strategico da guerra.

Buscando o inimigo para o combater e “bloqueiando-lhe” a esquadra a breve trecho do abrir-se das primeiras hostilidades diplomaticas, a esquadra ingleza incidia na mesmice historica de todas as guerras da civilisação. Fazia o que sempre se fez. Garantia a segurança das communicações cisatlanticas das bases de operações do exercito franco-inglez ao mesmo passo que exercendo sobre as bandeiras o direito de visita, impedia para logo o reabastecimento do inimigo. Assentava as bases para o prolongamento indefinido da guerra, cujas necessidades estancaria com a só vehiculação humana e material das colonias, que em incessante communicação com as metropoles, recomporiam as perdas na medida das suas transcorrencias. Resumia, a demais, as operações navaes pelo alliviar as de transporte de força daquela complexa formação, com que se premunem através os mares, as marinhas semi derrotadas, sem *sea powder*.

E’ como se vê a applicação juxtalinear dos principios mais comesinhos de estrategia.

Mas entre as anomalias que se apontam para pedir a fallencia d’aquelles, e—é de ver-se-lhes a ingenua censura—tres importam no mostrar que contrariamente as nossas previsões: o transporte de forças devendo-se fazer á cauda de uma esquadra, faz-se á ilharga de uma meia duzia de “destroyers”; o ataque torpedico preconisavel só para a noite, entrou pelo dia a dentro; a linha de fila perdeu a sua capitania.

Ora, o dominio do mar no primeiro caso, a tecnologia das armas nos dois ultimos nol-os explicam de sobejo.

A primeira observação é um corolario do principio fundamental do dominio do mar. O acompanhamento dos transportes por “destroyers” com ser de boa estrategia, consulta, além d’isso, as maiores impertinencias do bom senso. Dominio do mar significa liberdade de locomoção. Sem elle não ha na guerra transportamentos maritimos de forças. Elle é que os realisa e assegura finalmente.

Com o dominio do mar, estava a “Entente” apta para transportar livremente as suas forças, e, se não fôra o ataque submarino, de as transportar ainda mesmo que sem a as-

sistencia de "destroyers". Mas a superveniencia do ataque torpedico submarino impondo certas e determinadas restricções ao principio do dominio do mar, como o aéreo lhe imporia, por sua vez, outras do mesmo vulto, levou a que se premunissem os "comboios" de contra aquelles ataques, por meio de "destroyers". O seu emprego é, por consequencia, logico e racional.

Não colhe ainda a segunda objecção. O ataque torpedico não podia ficar onde começou. Começou á noite. Mas augmentou tanto no seu alcance, tornou-se tão alongado, distendeu-se tanto com a mão de obra industrial que acabou por ser empregado de dia. O torpedo é o rival mais proximo do canhão. A tendencia balistica actual contem-se inteiramente no torpedo e no canhão. Procura-se atirar torpedos tal como se atira com canhões. Não admira, pois, que em plena batalha da Jutlandia os "destroyers" operassem a revezes com os "dreadnoughts" e fulgurassem...

A terceira objecção é um equivoco. A linha de fila constitue, theoricamente, a linha fundamental de combate. Mas é intuitivo que ha outras considerações além da simples referente á disposição da artilharia que restringem o uso d'ella. Baste considerar-se entre outras as attinentes á extensão da formação tactica e as que decorrem das imperiosas necessidades tacticas de momento. A batalha da Jutlandia transcorreu por isso mesmo, entre linhas de fila e de columnas. Foi linha de columnas, quando houve de encurtar-se a formação. Linha de fila foi, quando se fez mister de aproveitar as vantagens balisticas da propria distribuição da artilharia de cada navio.

A linha de combate continua de ser a de fila, a mais simples, a mais perfeita, a mais prolifica de todas. Não ha navio que se não trace sem a sua indagação inicial. A artilharia dispõe-se para o combate em linha de fila. E' o criterio universal. Até neste ponto, a doutrina ou mais rigorosamente o methodo, não falhou.

O que falhou nesta guerra, não foi decerto a predicção com que a anteviam os nossos magos militares. Falhou o ponto de vista moral. A primeira e maior vantagem strategica dos imperios centraes encontra-se n'esse desquitar-se peccaminoso das leis mais comesinhas de humanidade...

A sua primeira superioridade proveio de um crime horrendo: a invasão da Belgica. O seu ultimo alento é ainda outro crime innominavel: a pirataria naval. Esses brilhos instantaneos, esses fulgores incomparaveis, essas marchas que desarticulavam as previsões mais rigorosas, essas campanhas apavorantes que mal apontavam logo se alastravam, pelos territorios inimigos, victoriosas e terriveis na sua immensa crueza, tudo isso é mais obra de crimes que de guerra.

O mais não se inventou. Está no proprio determinismo da guerra.

CARLOS DE LEMOS.

EDUCAÇÃO HYGIENICA

A ergasthenia escolar (*surmenage*) e suas causas. — Mobiliario inadequado. — A rotina na educação physica e o regimen do encyclopedismo. — Os martyres da instrucção. — A escola e o hospicio. — Abrir escolas seria fechar prisões? — A estatistica escolar da criminalidade da infancia. — O prof. Letulle na Academia de Medicina. — Renascença physica. — O cerebro e o musculo. — O "athleta por dentro" e o "athleta por fóra".

A ergasthenia escolar, ou, melhor dito, o esgottamento emocional (*nervous exhaustion*), que se objectiva na atrophia das faculdades intellectivas, na nimia accessibilidade á fadiga mensuravel pelos processos de Griesbach e Vannod, e emfim no pauperismo muscular, dê que nos podem dar testemunho as observações experiencias pelo ergographo de Mosso, constitue o primeiro acto deste drama ethnico, educativo, cujo enredo, desenrolado a principio na vida escolar, quando não acabe tragicamente á porta das prisões ou na galeria dos hospicios, perpetúa-se á surdina com o abastardamento da raça e a invalidação para o trabalho.

• O problema não é de hoje; as queixas, longe de serem novas, remontam "aos ultimos tempos da Grecia, onde já se engrossava um conjuncto certo de conhecimentos que deviam assimilar os filhos das altas classes" para se aggravarem em 1830 na Allemanha, onde, como na França, depois de uma synalepha de alguns annos, voltaram á baila insistentemente nos annos que se seguiram á guerra franco-prussiana.

Se o mal, como se vê, não é endemico ou, por outra, privativo de nosso paiz, o perigo é incontestavel que se caracteriza pelos mais graves symptomas sobretudo entre nós, onde temos, a aggravarem-nos as consequencias, não somente a temperatura de nossas zonas calidas, em que "como numa pyra, toda a energia se consome e se volatiza", e prolongada durante todo o anno sem os estimulantes do inverno, como tambem a fraqueza, que nos vem de nossas mães, o exgottamento atavico que se vae perpetuando em caracteres ethnicos quasi definitivos na media da população brasileira.

E se nesta encantada infancia dos hellenos e dos pelasgos, como em França, a ergasthenia não encontrou obstaculos ás suas devastações na efflorescencia primaveril e na robustez phisica da media da classe collegial, que fizeram Dumas Filho perguntar: "Como é que sendo as creanças tão intelligentes e robustas, os homens são tão tolos"? respondendo: "Deve ser por culpa da educação" — que podemos esperar de um paiz onde nos adytos dos gymnasios já se acotovela ao revez uma infancia scoliotica, de thoraces precarios e herdeira destas organizações debéis, que lhes põem na pupila dos olhos esta luz mortíça de uma adynamia caracteristica?

Não é preciso, clamava um velho professor da Universidade de Berlim, fallar sobre o abaixamento da força nervosa média da infancia de hoje, sobre a acção da vida actual e seus effeitos exhaustivos e irritantes, nem sobre a rapidez sempre crescente com que se fatiga... O que não convem esquecer é que "o desejo e o prazer de trabalho, que eram evidentemente maiores nas gerações anteriores, tem constantemente diminuido."

O mal ahi está: Quaes porém as causas da ergasthenia escolar?

* * *

Sendo variadas e importantissimas as causas deste phenomeno de pathologia nervosa, é mister focalizal-as em seu conjuncto para depois esmiuçal-as, definindo-lhes o gráu de responsabilidade na consummação deste attentado pedagogico, deste "peccado phisico", segundo dizia H. Spencer, fallando pittorescamente de uma moral do corpo — dessa hygiene que, se antes era um rito religioso, passou a ser hoje uma instituição social, como o Bem, que

se era "antigamente o fructo de uma simples emoção, é hoje uma necessidade reflectida".

Este problema já não é absolutamente uma esphinge posta nos arraiaes educativos e cujo enigma precisasse da decifração de um Edipo... Na Academia de Medicina de Paris, Lagneau ha muito tempo estabeleceu, segundo diversos documentos estatisticos, que a cifra dos escolares dos dois sexos attingidos de cephalalgia, epistaxis frequentes, escrofulas e scolioses augmentava na proporção mesma da duração dos estudos.

As suas consequencias que nos proporcionarão capitulos separados, já as maiores mentalidades medicas de França nol-as descreveram no seu duplo aspecto physio-psychico, ou chamando-lhes "insignificancia de espirito" (Fonssagrives) "exgottamento das aptidões intellectuaes" (Dally), ou englobando-as nas expressões de anniquilamento da vontade e energia moral" (Lagneau) de "Excitabilidade exaggerada" (Beaumetz), ou finalmente, de "embotamento da intelligencia" (Beckel).

O phenomeno tem sido, pois, atacado á saciedade, nas suas consequencias e nas suas causas. Estas não são tantas, porém, que não possam facilmente accomodar-se nas quatro grandes categorias: a) dos programmas plethoricos e systema do encyclopedismo: b) de falta de hygiene na construcção do predio e escolha de mobiliario escolar inadequado; c) da rotina e empirismo da educação physica, e emfim d) do regimen sedentario e immobilisação demorada nos bancos das escolas — causas que agora apenas acenaremos de passagem para lhe voltarmos, em artigos successiveis, a um estudo mais acurado.

A quem de facto attente na etiopathogenia do exgottamento nervoso das escolas, depara-se logo como causa das mais serias o systema intensivo da instrucção propedeutica que nos lembra a phrase celebre, com que um dos academicos com tanto espirito quanta justeza estereotypou a situação: "Não se deve sacrificar a humanidade" ás humanidades" (tomado o vocabulo "humanidades" no sentido actual de "estudos das disciplinas necessarias á matricula nas academias", chamando-se primitivamente na res-nacença "humanistas" os que, irem ás Universidades, a estes estudos se entregavam, em contraposição aos "scolasticos" homens de escola).

A escola, na expressão de Greard, para ser racional, deveria

ajustar-se ás aptidões da media das intelligencias e não martyrizar a infancia por um regimen plethorico, que sobre contraproducente, provocando o enojo pelos estudos que se lhe afiguram inacessiveis á comprehensão, determina quando menos a decadencia physica naquelles mais altivos que tentem amalgamar no espirito conhecimentos de que nunca talvez precisariam...

Ao emprego do mobiliario escolar improprio imputa Victor Brudenne, em grande parte, a degenerescencia organica, produzida pela formidavel pressão dos orgãos internos do thorax e dos intestinos, compromettendo gravemente o acto respiratorio que se integra no seu duplo phenomeno de introdução do ar nos pulmões e consequente oxydação nos tecidos (causa fundamental das combustões vitaes) e da expulsão de venenos, como o acido carbonico, que devem ser eliminados de organismo.

E o que diríamos da rotina dessa educação physica brutal, a cujos exercicios violentos, administrados sem criterio e ao sabor de um exhibicionismo perigoso no gravissimo periodo pubertario, incidente com o periodo escolar, se deve entre nós este grande arsenal pathologico das luxações, fracturas, osteomielites, incurvação das pernas e desvios da columna vertebral, tão faceis naquelle periodo (até a idade adulta) em que sendo o esqueleto em grande parte cartilaginosa, "é por isso sujeito a profundas alterações no plano normal do desenvolvimento, se ocorrerem movimentos forçados improprios"?

E dizer-se (para citarmos a escriptora sueca Ellen Key) que tudo isto se consuma impunemente em pleno "Seculo da Creança!" Ao regimen sedentario cabe, por ultimo, uma parcella no depauperamento physico dos collegiaes, imputavel á auto-intoxicação chronica do organismo nos proprios bancos da escola, resultante "das más installações escolares, em ambientes de pouco arejamento, e dessa immobilisação aturada que tão gravemente compromette as condições de existencia do menino, imperiosamente impostas pela natureza".

Dahi, toda esta serie de males que a traços severos pinta o professor Toulouse, medico director do asylo de Villejuif, mostrando o coëfficiente importante de loucura aguda, com que a escola contribue para o engrossamento da população amental das casas de saude, de cujas portas não póde muitas vezes arrancar a legenda "Lasciate ogni speranza ó voi che entrate"...

*
* *

Dahi o descredito da celebre phrase de Victor Hugo "abrir escolas é fechar prisões", desconceituada pelo relatorio official do professor Letulle da Academia de Medicina ao Ministerio da Instrucção Publica, accusando a escola de ser responsavel pela recrudescencia anormal da criminalidade precoce da infancia, "baseando-se sobre comparações de estatistica entre 1850 e 1907; 1850 em que a frequencia escolar era minima, 6.879 crimes de rapazes de 15 a 20 annos; 1907 em que a frequencia era maxima, 36.806 crimes de rapazes de 15 a 20 annos!

E assim "abrir escolas seria fechar prisões"? ou quando alcançariamos esta infibratura que fizesse o homem encanecer numa infancia infinita, e que Euclides da Cunha exigia (Contrastes e Confrontos) para os naturalistas, e a sciencia agora reclama para todos os homens de vida intellectual? Quando seriamos emfim "esta sorte de titans pensadores (de que fala) "em que os musculos cresçam com o cerebro, por maneira que a innervação vibratil e poderosa se juxtaponha a uma compleição inteiriça e risistente feita para as rudes batidas do deserto" ou aparelhadas para as diuturnas lucubrações do cerebro e embates repetidos da lucta pela vida?

E depois apregoar-se que "abrir escolas é fechar prisões"? Os hospicios multiplicam-se; a lotação das prisões e hospitaes se completa...

Não será tambem por culpa de nosso regimen de educação?... O que é certo é que muitas destas creanças passam deante de nós cantando o "moriturae te salutant: As que vão morrer te saudam!"

*
* *

Bem quê este problema complexo da educação-physisca, tal qual é estudado sob seus multiplos aspectos, seja essencialmente, no seu molde technico, uma assistencia moderna á infancia ou um instituto de providencia, e, nas suas bases uma sciencia biologica exacta, podemos, comtudo, procurar-lhe o germen, a ideia primeira desta "nova forma de educação", no movimento de propaganda

accentuado no primeiro quartel do sec. XIX na Dinamarca, Suecia e Allemanha principalmente.

Não passaria de um truismo reafirmar-se que o sec. XIX foi o seculo da renascença physica, mas o que porventura teria escapado a muitos seria a partilha que, pequena embora, ao Brasil e a Portugal competiu, por varios de seus illustres filhos, nesta reacção em prol da educação physica, que, apesar de já tão brilhantemente preconizada pelos Montaigne, Mercuriales, Locke, Rousseau e Frôbel, apenas agora, desenhando-se dos rudes preconceitos que a deturpavam, começa a fechar as portas das escolas ás indigestas e discrecionarias evoluções da acrobacia...

O valor destes autores, "in subjecta materia", é por certo relativo: estriba-se essencialmente na affoiteza com que enfrentaram o assumpto, despertando na pedagogia estas questões relegadas então á desuetude, e reagindo contra o animismo esteril — "este dogma de ferro que asphyxiava a carne, filha da terra, compromettendo gravemente o espirito."

Não nos quer parecer, pois, que evocar uma vez por outra os vultos da renascença seja a mesma cousa que perfilhar-lhes as theorias, que desenrolavam ou o methodo que, de accordo ás vezes com o empirismo da epoca, defendiam.

* * *

De facto, o objecto da educação physica, a qual se adstringe hoje o duplo intuito de manter na sua integridade a aparelhagem funcional dos órgãos do corpo, como de fortifical-os, obtendo-lhes todo o desenvolvimento que comportam, era antigamente pouco definido e impreciso, constituindo um territorio fronteirico com a acrobacia e a instrucção militar, e exposto ás reiteradas irrupções destas ultimas, como um territorio que lhes pertencesse de direito.

Fraccionando-se, no conceito moderno, em "preventiva e positiva", abraça no primeiro departamento a hygiene geral, e sobretudo escolar, isto é, alimentação, o vestuario dos alumnos, a distribuição das horas de estudo e recreio, as condições hygienicas do predio e as installações de mobiliario escolar adequado, para tratar na segunda parte da applicação posologica e methodisada do exercicio propriamente gymnastico, dos jogos infantis e de todo esse opulento arsenal esportivo da educação ingleza.

Ao espirito pelo corpo, ao cerebro pelo musculo — é o lema suggestivo da educação physica moderna, pela qual estes jogos infantis, exercicios gymnasticos e esportes devem ser de tal modo urdidos e seleccionados de accordo com as condições physicas e psychicas do individuo, que, enrijando o corpo, agindo beneficamente sobre as funções e solidificando a saude, representem o papel preponderante que lhes está reservado na formação e aprimoramento do character, segundo a doutrina do syncretismo e as leis da unidade biologica do ser humano.

Bafejada pelas novas doutrinas da psycho-physiologia, a educação physica falsearia hoje o seu grande destino se, zelando pelo “animal” não tendesse, como fim ultimo, na phrase de Pascal, á vida superior do “anjo” de maneira a poder, avigorando o physico e constituindo o “athleta por dentro” garantir o moral de enervamentos, debilidades e nervosismos, e provocar a actividade funcional do systema nervoso, cuja disciplinação e aperfeiçoamento nos estreitem as relações com o mundo exterior, aumentando a receptividade da massa encephalica, pelas reciprocas influencias entre o phenomeno psychico e motor, entre a motilidade e a intelligencia.

O cerebro que fosse sempre cerebro como a luz sempre é luz; mas restringindo-se a grossura e opacidade das placas dum vidro além do qual se tivesse collocado um foco de luz, não se facilitaria cada vez mais a passagem dos raios desta luz pelo vidro interposto?

Ou, por outra, que valeria o cerebro para o mundo, ou que importaria para o cerebro o mundo, distanciados pela opacidade, por assim dizer, do systema da vida relacional, que é o systema mais susceptivel de educação, “por se construir funcionando” no aphorismo de Dantec (applicavel a toda mechanica animal) e que serviria ao cerebro de poderoso instrumento para as suas lucubrações, se disciplinado nos jogos sociaes e systematicos por uma educação physica adequada?

A intelligencia (não ha negarmos) é a alavanca, cujo ponto de apoio é o musculo. Esta phrase já não é uma figura de rhetorica: encerra no fundo uma verdade scientifica.

* * *

Outro fosse aqui nosso intuito, e desenvolveriamos a these de psychologia experimental, em que plasmamos este nosso, quasi

diríamos, *apophtegma*, que no fundo não é mais do que o principio orientado da educação physica moderna, que se apoia sobre as intimas relações entre o physico e o moral e que, exigindo tomadas em consideração a idade, o sexo dos alumnos e os multiplos e variados aspectos que os differenciam, nos manda cuidar do corpo, mas em vista do cerebro, velar sobre elle, e enfim tratar do physico, mas para facilitarmos a aquisição do nosso ideal — a vida do cerebro, a vida “hyper-organica”).

E’ que quanto “mais forte é o corpo mais obedece, e quanto mais fraco mais commanda”, conforme o *chrystalisára* a observação arguta de Rousseau.

A educação physica, segundo este prisma, é pois, como se vê, um vasto problema moderno, cuja complexidade merece estudada no espaço, no tempo e na ethnologia: nem se comprehenderia pedagogicamente a educação physica senão com a preadaptação do systema ás condições climatericas do meio e ás circumstancias historicas e ethnicas da raça, “cujos typos anomaes se proponha corrigir, pela regeneração, reintegrando-os á forma primitiva senão nos individuos ou nas gerações actuaes, ao menos na descendencia”.

A esta novissima concepção da educação physica, chegamos, porém, não só devido ás novas doutrinas da psychologia experimental, da anthropologia pedagogica e da medicina, como também, mercê do movimento reaccionario nos fins do seculo XVIII e sobretudo principios do XIX, pelas obras então publicadas na Allemanha por Gutsmuths, Jahn, Rotestein, Basedow e Spiesse, na Scandinavia por Ling e Nactigall, na França por Amoron e Roger Collard, e por Pestalozzi na Suissa.

Entre os pioneiros das novas ideias, foram estes os nomes que mais se destacaram e cujos estudos, constituindo a literatura melhor de pedagogia hygienica do seculo passado, não deixaram de impressionar seriamente os circulos professoraes do mundo europeu, onde tiveram bôa acceitação, dealbando no horizonte educativo os esquissos da renascença hellenica, e lançando as primeiras bases d’esta educação physica, que viria a transformar-se depois n’uma sciencia biologica exacta.

VIDA OCIOSA

I

Atravesso um longo trecho do povoado, que ainda dorme na penumbra. A orla do horizonte empallidece. Cantos roucos de gallos erguem-se de todos os quintaes. Arvoredos somnolentos debruçam-se sobre velhas cercas, sombrios e relentados, com um fulgor de diamante negro em cada folha. A aragem corta e ligeira névoa adensa-se nas extremidades da rua. E sorvendo até o imo dos pulmões o ar humido e frio, sinto meu sangue reagir alvoroçadamente, dando-me uma doce impressão de bem estar.

A estrada. Um resto da melancolia da noite ainda se exprime no cricrilar transnoitado dos ultimos grillos; em compensação, o hesitante rangido com que as primeiras cigarras ensaiam a musica do dia, o crescendo de pios e regorgios na grande matta do outro lado do rio, annunciam o dia que alvorece.

Essa hora exerce sobre mim effeitos contradictorios. A's vezes acabrunha-me, intumesce-me o coração de velhas recordações imprecisas; ha em minha alma o renascer de sensações antigas, e que de longinquas jaziam em lethargo, como mortas. Para despertal-as basta um quasi nada: um reflexo alvacentos num alagadiço, um vôo ondulante de passaro, o sussurro da viração nas folhagens... De que me lembro então? A que scenas deslembradas de minha vida se prendem essas fugitivas sensações? Sabê-o apenas o subconsciente. Nesses instantes a alma tumultua-me; dentro de mim *alguem* debruça-se á janella do passado, e alonga olhos nostalgicos para o que quer que seja que não distingo. Sim!

Diviso ás vezes uns como toques ephemeross de paisagem entre nevoas: minha mãe que com o lenço me acena, certa madrugada de despedida; um perfil de companheiro de infancia, uma fita de fumaça immota no ar parado, desnovellando-se sem pressa, e que o comboio ao longe continua a estirar pela varzea, até o cabo de certa interminavel recta, minha conhecida da infancia.

Saudades, emfim, de pessoas e cousas velhas, ou de pessoas apenas, que as cousas dos antigos tempos como que se personificam e vivem, fitando-nos, como almas chorosas, do fundo de nosso passado.

Outras vezes causa-me um recrescer de vitalidade. Sinto-me germinar. Como um canteiro prolifero, minh'alma desabrocha em aspirações, e sinto-me forte para realisal-as. Parece que todos os triumphos dependem da minha simples vontade. Um "quero" equivale a um "fiat". Se estou enfermo, esqueço a lazeira physica, todo impessoalizado na consciencia da força. Não! meu coração não desequilibra seu rythmo, nem os pulmões arfam penosamente; não sou carne, não tenho besta! sou uma idéa que *quer*, uma energia que *póde*.

O caminho segue a cavalleiro do rio, que deriva á minha direita, encoberto pela vegetação. A's vezes corre tão perto, que, arremessando-se uma pedra em sua direita, se ouve o grulhar das aguas deglutindo-a. Flue mysterioso e silente, apenas espaço a espaço trahindo sua presença o marulho da correnteza arrufando-se em coivaras, ou um breve reflexo prateado numa entreaberta das ramarias. E a estrada, sanguejante, com vincos de carros de bois e o molde de cascos de animaes, prolonga-se á minha frente, orlada de laçarias bambas de cipós florescidos. Em certo ponto, numa surpresa de colorido, surge uma sempre-lustrosa revestida de flôres rôxas, alto a baixo, tantas flôres que se não lhe vê outra côr; e no chão, onde roja as dobras da rica tunica, esgarça-se num rastro de petalas violaceas. Nas vertentes o caminho abahula-se em facões. Não raro, ladeando a estrada, cruzeiras negras abrem os braços carcomidos; peciolos resequidos coroam o tope de uma ou outra, indicando que a creatura que alli tombou inda não está totalmente esquecida; e achegadas aos seus pés, pia offerenda dos viandantes, morouços de pedras soltas.

Que alegre tintinabular me canta agora nos ouvidosi Que lyrico madrigal, cadente e argentino, vem carrilhonando estrada em fóra? Ah, é uma tropa. A' frente trota a madrinha, com um collar de campainhas por peitoral. Vem lepidamente, estimulada pela doce musica que suas passadas ferrem, orgulhosa talvez dos laços de baeta vermelha que a adornam, como rustica divindade de um culto primitivo. Até ao alto do pau do arrocho, enristado sobre as cargas como um conto de bandeira, ondula a flammula ridente de duas tiras escarlates. Embala-me assim a alma com as suas toadas da minha infancia, canta-me essa velha cantiga serrana, simples e sem letra, ó doce apparição das estradas mineiras, poetica fantasia de tropeiros roidos de saudades, que se á noite descantam nos arpejos da viola as suas melancolias de eternos desterrados, de dia sentem que o jornada é mais suave embalado pelo teu carrilhão sonoro e jovial, doce encantamento para os ouvidos, e refrigerio para a nostalgia.

E repicando festiva, com o surdo acompanhamento do patear da tropa, a agreste harmonia perde-se a distancia.

Agora a vetusta porteira, de largos tabões horizontaes. O coice é um tronco, mal falquejado, tendo ao topo uma abertura esculpida em cruz. Ao abrir, ella emette um rangido prolongado e sonoro; e volta silenciosa para fechar-se em baque poderoso sobre o moirão-batente, que retumba pelos grotões como um tiro de peça.

Não sei porquê, é grande a força emotiva destes dois sons combinados; quando os ultimos écos se calam, inda noss'alma está a vibrar, ferida profundamente em suas mais intimas cordas; e á bocca vem-nos aquelle mesmo resaibo de vaga saudade, uma melancolia de recordações longinquas; talvez porque suggerem, com a influência do meio, com a paz agreste da natureza, a lembrança de velhos fazendões semi-abandonados, onde as horas passam arrastadamente, apenas escandido o seu espesso silencio pelo baque das porteiras lá fóra, e pelo fanho bater de horas do velho relógio, alto como um armario, empertigado a um canto do immenso salão de jantar.

Como toda a porteira de antigas estradas, esta é um monumento em que collaboram a mão do homem e a da nature-

za. E' característica e pittoresca. Para cima e para baixo, vallos divisorios colmados de um "betume" de raizadas, gramineas, trapoerabas de florinhas azues. A restinga de matta que orla em geral toda a beira de vallo, alli arqueia as ramagens em tunnel, sobre a estrada. Unhas-de-vacca de folhas fendidas, angicos rendilhados, bicos-de-pato de bastas e miudas folhas, crescem ao lado dos moirões, entremisturando ao alto as verdes galhadas obliquas, em tacito concerto para resguardar naquelle trecho uma pouca de sombra fresca e preciossima.

Quando as soalheiras escaldantes zimbram as abundantes invernadas que margeiam o caminho, estorricando os capinzaes, subtilizando em ondadas de pó a terra vermelha das estradas, procurando haurir, indessedentaveis, até á ultima gotta de seiva da vegetação causticada, para aquelle que andou longo percurso á inclemencia do sol, a porteira é uma surpresa e uma delicia. A urdidura das copas é impenetravel; das barrancas revestidas da verde cabellugem de avencas e musgos, poreja continuamente um pouco de humidade que não chega para empapar a terra, mas que sobeja para fazer da temperatura caricia e voluptuosidade para a epiderme. As proprias borboletas se comprazem nessa nesga de sombra ilhada ahi providencialmente; quem chega vê-as no chão humido, aos enxames, pintalgando a terra, como petalas soltas espalhadas pelo vento, petalas de tonalidades vivas, com predominancia do amarello-canario e vermelho de fogo. A' chegada do viandante evolum-se e revoluteiam, como torturadas por um pé de vento; mas não fogem; e, esvoaçando ás tontas, esperam que o importuno se afaste, para, esthetas rusticas, quem sabe! deleitarem-se em bordar de novo, na grata penumbra, ingenuas phantasias coloridas.

Agora, pela manhã frigida, este bosque põe-me um arrepio á flôr da pelle. As borboletas—preguiçosas! ainda para aqui não vieram, a espairecer as suas "borboletices". Das folhagens encharcadas espaçadamente o orvalho gotteja, criando o chão de pequeninos furos; e ao estrondar da porteira no batente, precipita-se numa chuva ephemera, que rumoreja largamente e cessa de improviso.

Seguem-se duzentas braças de campo. D'aqui em deante

vae-se sempre subindo, suavemente, por um chão apisoado e enegrecido. O morro é todo encaroçado de cupins, a que as gramineas põem cerco, num sem conto de frageis pendões aprumados. Aqui e alli-vingam escalar os comoros mais baixos, que abafam sob a sua invasão, deixando apenas adivinharem-se as convexidades submersas. Quantas vezes do eirado da velha fazenda do Corrego Fundo, que neste momento demando, durante a estiagem das primeiras chuvas, contemplei, nesse campo, o exôdo ascencional das alleluias! Então, de mil furos invisíveis, via borbotar como vaporações turvas, cones de fumo vivo que subia e se espalhava, dando, ao raso do campo, um tom côr de fuligem, fino e vibratil, que observado de perto era o debater de myriades de azas minúsculas. E divertia-me o alvoroço das gallinhas de siá Marciana, o pescoço esticado para o ar, cacarejando afflictas, a regalar-se do farto manná que lhes cahia do céu sob a forma de insecto.

Já do oriente, tangenciando a lombada da serra, e premido sob uma nuvem rosa e ouro, filtra-se o primeiro raio de sol. Pelas barrancas sombrias da estrada, em moitas de barba-de-bóde, rebrilha aqui e além obliquo fio alvissimo. Recrudesce a vozeria dos passaros, e azas multiplicam-se nos ares, aos trinços, aos chilros, e surriadas de crystal.

Mais abaixo mostra-se enfim uma curva do rio, harmoniosa e suave como uma linha humana. A' superfície liquida desfilam nevoaças, aos esquadrões, sopradas pela aragem matinal. Do lado da estrada as aguas espraíam-se claras sobre areias; do outro lado, alto e ininterrupto paredão de verdura, exuberante, selvatico, como se a correnteza delimitasse as terras habitadas do sertão bruto. E d'aquelle tapume enredado com que a natureza parece entrincheirar-se contra a invasão dos pequeninos civilizados, d'essa exuberancia quasi aggressiva, do longe e confuso alarido dos seres da selva, do engrazado das copas, do perfume acre de matta virgem que em ondadas a viração traz, vem-me uma attracção conturbadora, o violento anhelar de fazer-me féra ou jequitibá, para compartilhar, como parte de indivisível todo, da rude e mysteriosa vida da floresta.

Mas meus olhos fogem á vertigem e attentam numa figura humana acorada como um mocho, num cupim. E' o

Americo, meu grande amigo, que me espera. Radiante acena-me uma saudação e precipita-se ao meu encontro; alegremente correspondo em gesto e movimento; afinal estreitamo-nos em reforçado abraço.

Mais uma centena de passos, e eis-nos chegados á fazenda do Corrego Fundo.

II

Alquebrada de velhice, a casa mal se firma agora nos esteios obliquos e comidos de cupim. Vergastadas dos temporaes, e aluidas pollegada a pollegada pela acção erosiva do tempo, as paredes destroçadas só raros vestígios mostram da ultima mão de cal levada vinte annos antes.

As ripas enxadrezadas com os paus a pique, exhibem por toda a parte a sua ossatura carunchosa. E' mais um cadaver de casa, uma carcassa decomposta, que já exhibe as costellas descarnadas. Ao lado da casa, onde foram as tuilhas, é hoje um montão de escombros; e no eirado, para onde se abre a porta principal, cresce o capim desafogadamente. Contrastando com esse ar de morte e abandono, e dando uma nota ridente, de vida, ao vetusto pardieiro, sobe dos fundos uma espiral de fumo azul, que se desfibra lentamente no espaço.

Ahi moram o velho Prospero e siá Marciana, paes do Americo. Já rumando os oitenta ou noventa annos (nem sei quantos!) dão exemplo de serena velhice, sem amarguras contra a vida, nem o pezar de deixal-a. Emquanto poudes, o velho trabalhou. Foi fazendeiro, teve grandes rebanhos de gado, e extensos alqueires de plantações; mas, por ser bom e confiante, o que tinha foi-se rapidamente, quando sua actividade começou a declinar, e ao peso dos gastos não podia oppor equivalente receita. Ingratidões e abusos de confiança levaram-lhe até o ultimo vintem; o que porém se lhe salvou do sossobro, e á sua companheira, o unico e precioso thesouro inconsumptivel de que não os puderam esbulhar, foi a branda alegria d'alma que os acompanhou em todas as vicissitudes do passado, e que dá á velhice de ambos uns toques de mocidade vivaz, como festões de madresilvas alastrando

em paredes meio derruidas. Pauperrimos, a propria vivenda em que moram é alheia — pertence a um irmão mais moço de Prospero, fazendeiro “desempenhado”, e tão sovina que o ceder-lhes por favor essa moradia, deixa todos boqui-abertos. Os velhos nunca se queixaram; mas sei que o proprietario, o major Claudino, não lhes dá ahi completo socego. E’ uns dez annos mais moço que Prospero. Foi este quem lhe deu a mão para começar a vida, e continual-a; e tambem foi Claudino quem aboçanhô os ultimos restos de sua fortuna, valendo-se de contas pouco comprehensíveis e de jurros mysteriosamente intrincados. Nessa época, como quizesse expulsar os velhos da fazenda, levantou essa barbaridade tal clamor entre os conhecidos e parentes, que Claudino cedeu, a contragosto, deixando-lhes o uso-fructo da casa e de algumas braças de terreno. — “Estão velhos, pouco hão de durar”, dizia para conformar-se. Mas os velhos estão varando valentemente o restante do seculo; e Claudino com isso impacienta-se, diz impertinencias, reclama contra o descalabro crescente de tudo, e quer leval-os para sua propria casa. Prospero limita-se a replicar sorrindo e sem levar a mal: “Tenha paciencia, mano! Espere mais um pouco. Para o anno eu e a prima já estamos pescando mandys no rio da Eternidade...” (A “prima” é siá Marciana. Dá-lhe este tratamento, por serem parentes chegados).

Emquanto esperam, vão pescando mandys no rio que passa aos fundos da fazenda. Tanto basta para esquecerem os annos e as enfermidades. Toda a tarde, Prospero, com o rosto encoberto sob as largas abas de um chapéo achamboado, entra em sua velhissima canoa de peroba, que é preciso tentear com cuidados infinitos para não fazer agua, e vae distribuindo aqui e alli, pelas duas margens, anzoos de espera e laços de capivara; e sobre a madrugada seguinte, lá vae correr os mesmos sitios, a dar balanço nos rendimentos da noite... E longe em longe acontece acabar de matar no anzol, a pontoadas de chuço, um enorme dourado, que alegremente traz ás costas, ladeira ácima, e que, resfolegando, num gesto triumphal, atira pesadamente sobre a mesa de jantar.

Durante o dia, elle, mais a velha, radicam-se á sombra d’um ingazeiro, cujas ramarias espalhadas protegem do sol,

e pescam no remanso que em baixo faz o rio, e que transformaram em ceveiro. E vendo-os ahi juntinhos, as varas paralelas curvando-se ao peso das chumbadas, cotovelo contra cotovelo, a gente adivinha que os dois irão juntinhos para a cova, quando um d'elles assentar de zarpar para as trévas eternas, que talvez já estejam tão proximas como a primeira curva do rio.

O velho Prospero foi caçador apaixonado.

Quando lhe peço que me conte trechos de sua vida, vêm estes, as mais das vezes, misturados com episodios de caça: o primeiro parto de siá Marciana, ligava-se intimamente com a aventura de uma celebre Pirata, cadellinha onceira; quando lhes morreu o segundo filho estava havia tres dias batendo matto bravo, atraz d'uma bandeira de queixadas; e, ao voltar a casa, carregado de magnificos despojos, seus gritos de triumpho morreram-lhe na garganta, ante o cada-verzinho exposto numa mesa, entre quatro vélas altas. Agora que lhe falta resistencia para varar brenhas e desentocar onças, canaliza o seu furor venatorio contra os peixes, contentando-se, quanto a caças de pêlo, em armar ás capi-varas que lhe destroçam o arrozal.

Invejo-lhe a mania da pesca. Escolheu-a bem para passatempo da velhice, pois não depende de agudeza de vista, nem de musculos reforçados. Seus braços de canoeiro pratico, embora tremulos, ainda sabem o geito de "temperar" uma canôa sem excessiva despesa muscular. Lastimavel é o escriptor que, dobando-se os annos da segunda metade da vida, nota em si incapacidade crescente para obter a tensão espiritual que engendra as obras primas; ao meticuloso sabio que esmiuça ao microscopio os elementos invisiveis das cellulas, sua preocupação de especialista, deve ir-se-lhe, com o acume da visão, o gosto pela vida. Ai dos que, em sobrevivendo o momento, não estiverem aparelhados para empunhar a philosophica vara de pescar do velho Prospero! E isso o torna feliz. Tiraram-lhe a fortuna — tomou do anzol; arrebatem-lhe o anzol, ainda resta o rosario; de modo que, a sua bondosa simplicidade, si lhe perdeu a abastança, grangeou-lhe a conformidade na desgraça. Rememora os antigos annos de fartura, compraz-se ás vezes em narral-os, como um viajante relata as maravilhas que viu no decurso

da viagem. Essas recordações teem para elle o doce resaibo das boas cousas gosadas, sem que lhes sinta amargor por serem cousas idas.

Contou-me um dia que, no tempo de seu pae vivo, havia tantos escravos na fazenda, que davam de comer á molecada num cocho de que ainda no eirado restam vestigios. Despejavam alli dentro tachadas de cangiquinha, e com uma buzina convocavam a miuçalha esparsa. De todas as senzallas, da casa, da horta, do pasto, negrinhos acudiam correndo, como uma horda de capetinhas nu's. E as mãos avançavam soffregadamente na comida. "Ficava estivado de negrinho, tudo pelado", explicou Prospero em sua linguagem pittoresca, accentuando a phrase com um gesto em linha direita, para indicar a fila ininterrupta de petizes, de uma e outra banda do cocho. Por morte dos paes herdara bons lotes de cultura; veio depois a legitima da "prima", o que ainda seu trabalho accresceu, nos annos felizes da mocidade. Por essa época povoavam-lhe a casa parentes e amigos. Até parecia hotel. Pessoas havia que lá passaram mezes, a ares ou para caçar. Um tal Leonardo, comido de syphilis, permaneceu na fazenda mais de anno, em tratamento. Ao restabelecer-se, Prospero emprestou-lhe dinheiro para comprar um sitio. O pobre do Leonardo! se não tinha recursos para tocar a vida! Com esse principio arranjou-a tão bem, que hoje é homem de largas posses. E' verdade que os esqueceu e que, quando os cruza, mál bole no chapéo; mas anda tão atarefado, sua camaradagem é tão grande, que na cabeça, cheia de preocupação, não póde guardar attenção para cortezias futeis. Negou-lhes uma vez auxilio — não por ingratidão, e sim porque o muito serviço põe a gente assim azaranzado e de máu humor, e a elle, coitado, serviço não faltava. O pobresinho do Leonardo! Como a velha se lembra ainda d'elle quasi cego, babando pu's, com a bocca cheia de tumores que mal o deixavam alimentar-se, tanto que era preciso descerem-lhe leite á garganta por um canudinho de bambu'! E agarrava-se a siá Marciana chamando-lhe mamãe e chorando, num retrocesso á infancia, quasi imbecilizado pela molestia.

Entre outras passagens tambem contou-me que estanceara por lá umas semanas certo medico portuguez, o dr.

Philippe, homem muito divertido, e a cuja figura evocada os velhos sorriam um para o outro. Sem clinica, vivia a correr terras, de sapatões ferrados e roupa no fio... Nem recursos tinha para viajar a cavallo; ia de logar em logar com a malinha às costas e bastão na mão, e por isso na cidade puzeram-lhe a alcunha de dr. De-a-pé. Que maldade, coitado! Pôrem appellido num homem infeliz e sensível, que, ao falar na "terra", marejavam-se-lhe os olhos, saudoso da mãe e da irmã que lá ficaram tão longe, sem amparo, da outra banda do grande mar.

Mas os velhos sorriam lembrados de certo episodio malicioso. Querendo aprender a caçar, esse bom dr. Philippe mal sabia pegar numa espingarda. Deu alli seus primeiros tiros, e a cada um, que assignalava um insuccesso, escapava-lhe um "ma-raios" de desapontamento. Prospero, porém, não desanimava com o alumno, e repisava como estribilho: "Ainda espero ver um dia o doutor matar uma capivara!" Afinal esse dia chegou. A matta virgem alastrava até tão perto da fazenda, que á tarde os uru's e inambu's vinham mariscar no terreiro, confraternizando com as gallinhas e marrecos da criação domestica. As capivaras, então, eram uma praga. Uma tarde foi visto um casal d'ellas á beira d'um açude ao fundo da horta. "Pegue na espingarda, dr. Philippe, e venha!" disse o velho; "d'esta vez ha de matar uma, nem que eu segure pela perna, para o senhor acertar! Não quero que diga que passou por aqui e não matou nem uma capivara". Foram-se ao açude. A' sua chegada, os grandes roedores mergulharam promptamente na agua negra. Certo momento appareceu um focinho á tona, bem perto do dr. Philippe. Elle atira á queima-bucha: "Má-raios!" Outro tiro — por um milagre acerta. A cachorrada encarrega-se de tirar d'agua o animal ferido, e summariamente o acaba ás dentadas. O dr. ficou radiante da façanha. Então o velho Prospero propoz-lhe uma questãozinha magana: "Dr., o senhor que é medico entende muito de organismos viventes; por isso, diga-me si esta capivara é macho ou femea" "Oh! nada mais simples!" exclamou o dr. offendido pela insignificancia da consulta. E olha o bicho despreoccupado, depois examina-o attento, e concentra-se na analyse e submete-o a uma revista conscienciosa e scientifica... Porfim desis-

te, enfiado e perplexo. Então Prospero solta uma casquinada: "E' macho, dr.! Olhe o focinho... Capivara macho tem um callo no nariz". E os velhos riam-se, á evocação da descocha do dr. De-a-pé, por levar o formidável quinau.

Chegada a uma recordação como esta, mistura de antigas grandezas com reminiscencias de velhas caçadas, a retentiva do velho transvia-se do fio direito da narração, e, esquecido do mais, deleita-se em memorar proezas de caçador. E é sobremaneira agradável ouvi-las, principalmente em torno de um brazido, em noite frígida. Se o tempo é desabrido, e as chuvas fazem das estradas extensos lameiraes, reúnem-se nesses serões mais pessoas na velha fazenda, viandantes colhidos pelo temporal, e que esperam, ao abrigo de suas telhas hospitaleiras, estiagem propicia para a continuação da jornada. E quando acerta serem caçadores esses viajantes encharcados, ainda augmenta o prazer da palestra, pois cada um desfia o mais interessante de suas recordações. Quanto a siá Marciana, essa limita-se a commentar as narrativas do "primo" com as suas impressões pessoais de esposa extremosa, as angustias das longas esperas, o olhar pela janella verrumando o oceano das copadas que se deramavam em torno ou sondando as ultimas curvas das estradas, a medir o tempo com as pulsações do coração... Como tardavam os caçadores! Prouvesse a Deus não houvesse acontecido uma desgraça! E quando Prospero voltava, que jubilo ao vel-o são e salvo, e ao apreciar, como entendedora, o porte da suçuarana que dizimou a matilha, ou o numero de queixadas abatidas no bando!

III

—Então, dr. Felix! tardou mas sempre appareceu, repetia-me o Americo exultando, ao abrir a cancella que dizia para o eirado, deixando á esquerda a porta da vendinha da fazenda.

Ao chegarmos á entrada principal da casa, com o indicador cruzando a bocca recommendei-lhe silencio; e gritei para dentro, engrossando a voz:

— O de casa!

Respondeu-me de dentro uma voz de velha:

— Quem está dando “ô de casa” póde entrar, que d’esta vez não me assusta!

Ouvi no mesmo instante vindo da cozinha, o arrastar conhecido das chinellas de siá Marciana, e a voz do velho Prospero, já um tanto surdo, que lhe perguntava o que succedia de anormal áquella hora tão matutina.

—E’ o tropeiro de fala grossa que me assustou o outro dia, explicou ella.

Penetrando a sala de entrada, depuz o chapéo sobre uma mesa negra de uso, chata e larga, d’esse estylo esparramado dos antigos estrados e arcas de guardar sementes. Relanceei as paredes fuliginosas, cobertas de desenhos de grandes peixes: dourados ao natural, piabas de tres palmos, mandys gigantes ainda com os ferrões alvoroçados e as barbatanas em leque, promptos para a defesa — registro fiel das felicidades de pesca do velho Prospero, que o Americo, amador assim de sciencias numerosas como de artes varias, perpetuara sobre a cal a urucú e pó de sapateiro, como o chronista fiel das antigas expedições de descobertas. Cada peixe grande que subia do rio, antes de ir para a pannela fazia escala ante o artista primitivo, que lhe debuxava a effigie na parede.

Abracei os velhos que tropegamente vieram ao meu encontro.

— Então, como vamos de doenças? perguntei-lhes, enetando o assumpto obrigatorio á chegada, questão preliminar, como dizemos em nossa gyria forense (não sei se já disse que sou bacharel, e juiz municipal de um termo sertanejo).

— Ah, dr. Felix! Andamos cheios de “não presta!” exclamou a mulher. Vamos pendendo de velhice. Minhas carnes estão seccando, meu corpo é só osso. Tambem já estou uma irára velha — accrescentou mostrando os cabellos encanecidos.

Para despreoccupal-a, disse Prospero que aquillo não era nada. A “prima” sempre teve d’essas alternativas de engordar e emmagrecer d’um momento para outro.

— Ella tem natureza de cachorro — terminou, rindo-se. Siá Marciana protestou, altamente escandalizada com a comparação.

Depois foi o turno do Americo, que se queixou do mal moral que lhe causava aquelle ermo e a falta do convívio de homens superiores. Por fim tive de soffrer um interrogatorio minucioso, que me obrigou a desfiar-lhes, á mingua de molestias mais graves, todos os meus defluxos, dores de dentes e mordidelas de pernilongos, sobrevividos desde a minha ultima visita; os velhos, a todo o instante sussurrando um “coitado!” ouviram-me concentradamente. Siá Marciana receitou-me um simples, bom para tudo isso; Prospero contraveio, aconselhando outra coisa. Disputaram-se um pouco neste ponto, mas afinal vieram a um accôrdo. Sobre que accordaram não puz tento.

Conversando chegamos á varanda. O descalabro das paredes era o mesmo. Sobre os pannos de cal empardecida escapos á acção roaz do tempo, viam-se novos desenhos de peixes enormes, alguns ainda de anzol espetado no beijo, meticulosidade de cópia do consciencioso artista. A mobilia ahi compunha-se de um vasto estrado que podia servir de cama, de uma immensa arca e duas cadeiras desconjuntadas, uma ainda com uns restos de palhinha e conservada com cuidado, porque era “a cadeira do dr. Felix”. Para contental-os, sentei-me um pouco na alfaia privilegiada que me offereciam quatro mãos solicitas; em seguida fui aboletar-me á oriental sobre a arca, vindo o velho ladear-me, devido á sua surdez. Ovi as queixas que me faziam pelas minhas espaçadas visitas: que viviam a esperar por mim, a fazer conjecturas sobre a minha ida, si era hoje ou amanhã ou a que hora, a todo o instante indo sondar a estrada. a ver si eu apontava. Quanto ao Americo, ia toda a manhã para o seu posto de observação, que era o cupim onde eu o vira acocorado.

— Si o senhor soubesse a falta que nos faz, vinha todo o dia — remateu Americo.

Perguntei então ao velho sobre as ultimas pescas.

Ah! dr. Felix! exclamou apaixonadamente, fiquei hoje aborrecido. Os aruráus esta noite fizeram mutirão e rasgaram-me todas as rêdes da lagôa. Já esses damnados

do papo amarello me comiam leitões, quando era o mangueiro no fundo da horta, e agora, perseguem-me os peixes!

E contou-me que entre a massaroca das redes rotas encontrara a metade de uma piaba de dois palmos, magnifico peixe que poderíamos comer ao almoço.

Emquanto Prospero falava, era visível o desgosto que sentia Americo, pelo rumo trivial que a conversação tomava. De espirito fundamentalmente scientifico, anciava por abordar questões de maior tomo; mas repugnava-lhe profanar altos problemas, mesclando-os ás phrases dispersas de uma palestra vulgar. Porfim, não se conteve, e alvitrou um conhecido expediente:

— Dr. Felix, quero um particular com o senhor.

Nunca fui amante das conversas reservadas. Lembra-me que, a primeira, foi com o meu primeiro mestre, que me chamou a um quartinho, mimoseando-me ahi com meia duzia de varadas! Já lá vão mais de tres lustros. A segunda, tive-a com um ex-futuro-cunhado, que, em noite atra, os olhos fuzilantes, um bruto cacete alçado, á guiza de mundéo, sobre minha inerme personalidade de estudante, me propoz um dilemma: "Ou casar, ou..." O logar ermo e a attitude diziam o resto. Até hoje não sei que milagroso santo me tirou dentre as aspas do terrivel Minotauro. Que embirração, inventarem os philosophos essas especiosidades escolasticas! D'esse tempo em deante, os colloquios á parte me causam horror. Sendo, porém, conhecida a natureza inoffensiva do que me solicitava o bom Americo, accedi. Em consequencia, meu amigo travou-me o braço, e conduziu-me a seu quartinho.

IV

Os velhos não protestaram contra o despotismo do Americo, que assim me roubava, em dois tempos, ao seu convívio. E' que adivinharam que iamos falar sobre os "estudos". Mas a este ponto precisa ser focalizada á vista do leitor, n'alguns dos seus aspectos, a alma e a situação do meu amigo.

Americo, apesar de seus quarenta annos, era ainda uma especie de filho-familia. Na fazenda sua unica funcção era gerir a vendola, que abria a porta exigua para a estrada, compartimento mais frequentado pelos mangan-gás e maribondos, que pelos transeuntes raros.

Usava a barba, intonsa e arrebellada ao Deus dará, e, ao alto da testa, accidentada de várias bossas correspondentes aos seus varios talentos, rareava-lhe o cabello em profundas entradas, apresentando um capucho revolto, na linha de symetria. As bossas da fronte e os olhos encovados davam-lhe uma expressão aquilina que parecia ter a virtude de revolver escaninhos d'almas.

Americo tinha assombrosas disposições para fazer a canivete, com pontas de bambu', pedaços de carretel e palhetas de mica, umas canetas de fórmias caprichosas, pintadas a urucú e pó de sapateiro, de um amarello terroso listrado de preto. Dava-lhes ainda outros matizes com succos de fructinhas sylvestres. As canetas amontoavam-se aos mólhos nas prateleiras da venda, e alli ficavam eternamente, patente mostra do desequilibrio entre a offerta e a procura da mercadoria. Os pedaços de carretel serviam para tirar sortes: a gente fazia-os rodar, e, ao parar, um certo pique apontava no eixo uma letra ou uma phrase que respondia á pergunta formulada a esse oraculo de nova especie.

Nos intervallos dessa fabricação, mergulhava-se em suas leituras predilectas, entre ellas um tratado de mesmerismo nunca assás manuseado, outro de physica, e qualquer cousa de Allan Kardec. o que tudo, agindo separado e conjuntamente, era para estremecer-lhe a fraca razão. Gostava das conversações scientificas, não admittindo que se perdesse tempo em prosas de nonada; e, debatendo sua especialidade, sabia encantoar o interlocutor desprevenido em questões profundissimas, insondaveis, que explicavam a desusada proeminencia de suas bossas frontaes. Para isso tinha um geito especial, uma certa manha em concatenar perguntinhas fecundas, na apparencia inoffensivas, e que insensivelmente iam guindando a gente ao pinnaculo de altos problemas transcendentales. Estas questões constituíram o nobre emprego de sua vida. Na época em

que todo o mundo se casa, elle esqueceu o matrimonio, todo embebido em resolver o problema do infinito do tempo e do espaço. Onde começa o mundo? Onde acaba? Seria o espaço o conteudo d'uma immensa bola de vidro? E para além desse vidro? Outras bolas? Quando começara o tempo? Se desde o principio até hoje decorrera o infinito, como poderíamos chegar até o *hoje*, se de hoje ao fim ha o mesmo tempo infinito e nunca chegaremos ao fim? E com a attenção aguda applicada a estes altos problemas, não vira a mocidade que fugia, nem as roceirinhas casadeiras que o rodeavam, attrahidas pelas culturas paternas. Só agora, depois que lhe demonstrei por uma serie de finas inducções e deducções que a reproducção da especie é um dever moral, porque a sciencia não póde morrer, e porque se todo o mundo pensasse como elle a humanidade se extinguiria e a sciencia com ella; e, como a unica forma legitimadora da reproducção é o *conjugio vobis*, concluia-se que etc. Americo convenceu-se; e depois ficou, além de convencido, altamente estimulado, quando lhe contei com ar mysterioso que já tinha á mão uma viuva moça e rica, que só esperava para apparecer-lhe, acabar de assimilar umas tinturas de magnetismo e electricidade, com uns toques de Kardec, para não ser uma esposa vulgar, e incapaz de sustentar uma conversação instructiva com o seu scientifico marido.

Americo fôra toda a vida o orgulho da familia, o seu grande homem; e todos lastimavam que não houvesse seguido uma carreira superior. Desde creança revelara inclinações destoantes do seu meio. Em pequenito, enquanto os outros fedelhos andavam a correr pastos a pegar animaes, ou a brincar de "tempo será", elle deixava-se ficar no chão, espichado de barriga, a passar figuras do "Manual de creador de gallinhas". — "Era um amor pelos livros!" dizia siá Marciana ao marido, indo buscal-o para vir de mansinho apreciar o serio applicado do pirralho. E os dois ficavam a cocal-o com o olhar repassado de commoção. E faziam planos: seria isto, seria aquillo. Mais tarde, nos tempos de estudante, firmou-se a vocação. Tinha uma memoria para guardar as cousas que aprendia! Depois que o mestre o deu como preparado, e que pediu, af-

flicto, que não lhe mandassem mais o “Merquinho” (bons quinaus lhe pregara o pequeno!) este continuou a ser, só comsigo, bom estudante. Conservara sempre, e sempre manuseada, a sua bibliotheca de alumno, recapitulando, no intervallo de mais altas cogitações, a materia aprendida, com uma sêde de conservar que era quasi avareza; e a conservara com tal afêrro, que inda agora, que dobrava os quarenta annos, tinha fresquinha na memoria a exotica onomastica das ilhas da Oceania e dos vulcões do Mexico; sabia de côr todas as definições da Grammatica da Infancia, e traduzia correntemente os exercicios do Sevène. Si não encorporou esse cabedal, tambem não desaprendeu o sabido. A’s vezes pedia-me que abrisse ao acaso um de seus livros escolares, e lesse a primeira linha. Eu o fazia. E Americo tomava logo o fio da phrase, e desembestava por alli abaixo sem uma hesitação; a materia sahia-lhe fluente, corredia, sabidinha, e em um nunca acabar.

Depois da sahida do collegio, nem tentaram os paes mettê-lo na lavoura: Americo revelara uma aversão profunda por tudo que não fosse sciencia pura, e por isso tambem não praticara em officio e nem occupara empregos; vivia na fazenda á espera de uma oportunidade para continuar os estudos fóra numa grande capital; mas o amor maternal, hesitações sobre a carreira a seguir, o apêgo á fazenda, e, principalmente, um não sei quê muito imperioso e que nunca souberam o que fosse, não os deixavam encontrar uma oportunidade bastante opportuna para a execução dos seus mimosos planos. E assim foi ficando e amadurecendo em annos, meu bom e estudioso amigo.

— O Americo não é como qualquer um, elle tem qualquer coisa aqui — dizia ainda o velho, dando pancadinhas na cabeça. — Elle é porque nunca sahiu da roça, senão poderia ser hoje medico, advogado... ou... ou mesmo professor (era uma escala ascendente).

E se bem que melancolizados com o esteril dobar dos annos, os velhos ainda esperavam que o filho, *mais tarde*, attingisse uma daquellas summidades.

Chegados ao seu quarto Americo fez-me sentar á beira cama, para o mysterioso colloquio. Em frente estava um armarinho em cima de uma mesa. Em suas prateleiras

via-se um cáos de fructinhas seccas, papeis amarelentos, cascalhos de côr e forma exquisita, volumes desconjuntados, com folhas espessas e de bordos revirados, pelo applicado manuseio em tantos lustros. A' margem d'aquella mesa um velho Delamarche aberto, exhibia um mappa das constellações. Induzi que andava Americo virado para a astronomia.

— Sr. dr., começou, desculpe ter-lhe pedido este particular; mas, o sr. comprehende, ha assumptos de interesse que não convem debater levianamente.

— De que se trata? perguntei, algo curioso.

Sem responder, Americo concentrou-se, firmando dois dedos da mão esquerda nas arcadas superciliares. Passados instantes, perguntou-me:

— Acredita na pluralidade dos mundos habitados?

— Acredito.

— E... será gente pacifica?

— Conforme o grau de seu adeantamento.

De novo a fronte pendeu-lhe sobre o pollegar e index, e Americo submergiu-se no subjectivo. Esperando a continuação eu examinava-lhe as bossas, comparando-lhes as dimensões respectivas e conjecturando: esta, mais chata, era a do magnetismo; outra, mais pontuda, a das especulações philosophicas; aquella, sobre cujo cimo lustroso uma mosca deambulava em idas e vindas, era a do espiritismo; a outra...

— Porque o meu receio, continuou Americo enxotando a mosca, é que o scientista do futuro que primeiro realizar a comunicação interplanetaria, seja recebido num meio hostil, que o faça prisioneiro das alturas; e, semelhante desterro, como premio de uma arrojada tentativa, seria innominavel ingratição.

Concordei que era uma possibilidade lastimavel; não acreditava, porém, que quem quer que fosse, em dias vindouros, chegasse a correr tal risco. As excursões intermundiaes nunca seriam praticaveis.

— Como não! E o progresso da sciencia, sr. dr.! protestou Americo.

— Mas não crê que noutros astros mais velhos que o nosso, esteja a sciencia infinitamente mais adeantada?

— Sim...

— Pois bem, se fosse possível semelhante viação, já nos teria visitado algum habitante dessas regiões privilegiadas.

— Ora essa! e eu que ainda o não havia pensado! pas-mou Americo.

E, transparecendo-lhe da physionomia o allivio de uma preocupação incommodativa, removida por aquelle argumento, tomou-me a mão, asseverando com calor:

— Uma palestra com o senhor vale contos de réis!

Protestei modestamente; Americo insistiu que valia; teimei que não, elle que sim, e não cessaria a disputa se não ouvíssemos a voz alegre de siá Marciana, avisando:

— O café está na mesa! Não deixem esfriar!

(*Continúa*).

GODOFREDO RANGEL.

MACHADO DE ASSIS

CARTAS INÉDITAS

4 de Fevereiro de 1905.

Meu caro José Verissimo.

Hontem depois que nos separámos recebi o livro e a carta que V. me deixou no Garnier. Quando abri o pacote, vi o livro e li a carta, recebi naturalmente a impressão que me dão letras suas, — maior desta vez pelo assumpto. Obrigado, meu amigo, pelas palavras de carinho e conforto que me mandou e pelo sentimento de piedade que o levou á devolução do livro. Foi certamente o ultimo volume que a minha companheira folheou e leu a trechos, esperando fazel-o mais tarde, como aos outros que ella me viu escrever. Cá vae o volume para o pequeno movel onde guardo uma parte das lembranças della. Esta outra lembrança traz a nota particular de amigo.

Apezar da exhortação que me faz e da fé que ainda põe na possibilidade de algum trabalho, não sei se este seu triste amigo poderá metter hombros a um livro, que seria effectivamente o ultimo. Pelo que é viver comigo, ella vive e viverá, mas a força que me dá isto é empregada na resistencia á dôr que ella me deixou. Emfim, póde ser que a necessidade do trabalho me traga esse effeito que V. tão carinhosamente afiança. Eu quizera que assim fosse.

Quanto á minha visão das cousas, meu amigo, estou ainda muito perto de uma grande injustiça para descrêr

do mal. Nabuco, animando-me como V., escreveu-me que a mim coube a melhor parte — “o soffrimento”. A visão d'elle é outra, mas em verdade o soffrimento é ainda a melhor parte da vida.

Adeus, obrigado, não esqueça este seu velho

MACHADO DE ASSIS.

Rio de Janeiro, 6 de Dezembro de 1904.

Meu caro Nabuco.

Quando ia responder a sua carta de 8 de Outubro, aqui chegada depois da morte da minha querida Carolina, trouxe-me o correio outra de 17 de Novembro, a respeito desta catastrophe. A nova carta veio com palavras de animação, quaes poderiam ser ditas por V. São ellas cabaes e verdadeiras. Ha só um ponto, meu grande amigo: é que as lê e relê um velho homem sem forças, radicalmente enfermo. Farei o que puder para obedecer ao preceito da amizade e da bondade. Ainda uma vez obrigado!

Indo a carta anterior dir-lhe-ei que a inscripção para a academia terminou a trinta de novembro e os candidatos são o Osorio Duque Estrada, o Vicente de Carvalho e o Souza Bandeira. A candidatura do Jaceguay não appareceu; tive mesmo occasião de ouvir a este que se não apresentaria. Quanto ao Quintino não fallou a ninguem. A sua theoria das supeioridades é boa; os nomes citados são dignos, elles é que parecem recuar. Estou de accôrdo com o que V. me escreve ácerca do Assis Brazil, mas tambem este não se apresentou. A eleição entre os inscriptos, tem de ser feita na primeira quinzena de fevereiro. Estou prompto a servir a V. como guarda da consciencia litteraria, por mais bisonho que possa ser. Ha tempo para receber as suas ordens e a sua cedula.

Adeus, meu caro amigo. Tenho estado com o nosso Graça Aranha, que trata de estabelecer casa em Petropolis, onde vae trabalhar official e litterariamente; ouvi falar de outro livro, que, para ser bello, não precisa mais que a filiação de *Chanaan*. O Verissimo está de ha muito restaurado. Eu, se viver do grande golpe, não o deverei menos a V. e ás suas bellas palavras, para o unico fim de resistir; não é que a vida em si me valha muito.

Releve-me a insistencia, e receba um abraço amantissimo do amigo velho

MACHADO DE ASSIS.

Rio de Janeiro, 19 de fevereiro de 1907.

Meu caro dr. Alfredo Pujol.

O nosso Euclides da Cunha trouxe-me a sua carta com o seu benevolo pedido. Não tendo nenhum retrato moderno, e não valendo dois ou tres antigos e moços que me restam, mandei fazer esse, que lhe envio pelo correio. Deste modo satisfaço com muito gosto um desejo que me honra e commove. Não ha como a boa vontade dos moços para restituir á vida o que os velhos já não acham nella. Tenho tido dessas restituições que me consolam e a sua fica entre as melhores pela expressão do sentimento e pelo valor da pessoa, que é grande.

Releve a demora, e acceite os agradecimentos de um admirador velho,

MACHADO DE ASSIS.

Rio de Janeiro 1 de março de 1907.

Meu prezado confrade dr. Alfredo Pujol.

Aqui tenho e agradeço o seu retrato e a amavel carta que o acompanhou. O meu era-lhe devido pela razão que lá

digo na carta que lhe escrevi, quando o nosso Euclydes me fez ver de palavra e com o proprio texto de V. Exa. o desejo que nutria de guardar alguma lembrança de um pobre velho solitario.

Já uma vez nos vimos, como recorda agora, na Camara dos Deputados, ainda que de passagem. A vida e o tempo nos separaram logo. Cá estou ainda agora no meu Cosme Velho, casa numero 18, onde terei o gosto de o receber e de o servir, como admirador e amigo,

MACHADO DE ASSIS.

RESENHA DO MEZ

CÉO E AGUA

Em agosto de 1916, a bordo do "Amazon", passou por nossas plagas, rumo da Europa, José Enrique Rodó, o primoroso escriptor de "Ariel", o erudito chronista do "Mirador de Próspero" e o profundo pensador dos "Motivos de Proteo".

A natureza incomparavel da nossa terra proporcionou-lhe assumpto para uma pagina soberba, em que vibra, sempre terso e elegante, o estylo original do philosopho uruguayo.

Publicou-a a revista norte-americana "Las Novedades", em seu numero de novembro, sob a epigrapha "Cielo y agua", e, como deve ella interessar a todos os brasileiros, especialmente aos amantes das boas letras, eil-a fielmente vertida para o nosso idioma:

— "Tenho o sentimento do mar. Essas affinidades instinctivas com as cousas da natureza, essas mysteriosas sympathias, que parecem recordações de uma existencia elemental, não me falam de minha fraternidade com a montanha abrupta, nem com a dilatada pampa, nem com outra das duras fórmulas da terra, mas de minha fraternidade com as aguas immensas e ondulantes, com o ser erradio do vagalhão. Abro o coração e a alma a este ambiente maritimo: sinto como si a minha substancia espiritual se reconhecesse em seu centro.

"Sempre me pareceu de consciencias immoveis, de caracteres apegados ao fixo e esthetico, a incompreensão da belleza do mar e do que ha nelle de suggestão profunda. E' elle o reino da apparencia passageira e cambiante, da indefinida successão de linhas e de tons, onde todo relevo e toda figura, apenas esboçados, se dão em sacrificio ao movimento innovador. A irrequieta superficie bosqueja, ha myriades de annos, uma fórmula que não chega a precisar jamais. Dir-se-ia a porfia indomavel do artista que se abraça ao material rebelde, e, possuido de uma norma interior, cem vezes recomeça a sua obra e outras cem vezes a desfaz. Dir-se-ia tambem a maneira por que, na consciencia verdadeiramente viva e dinamica, as idéas fervem, passam e se substituem, sem petrificar-se nunca em convicção immutavel.

"Como um maravilhoso simulacro das nuvens, levanta-se no horizonte a bahia do Rio de Janeiro. Não ha melhor espectaculo para quem chega, iniciado pelo mar na visão do grande e do magestoso. Si é possivel fixar em alguma parte o portico do mundo, —este é o portico da America. Estas sublimes linhas de montanhas, estas luxuriantes grinaldas de bosques, estas immensas e harmonicas curvas de praia, suggerem a idéa architectonica de um mundo que se abre, de um continente que compendia a sua infinidade e o seu caracter em um aspecto capaz de ser abarcado com os olhos.

Por este arco triumphal deveu penetrar na Atlantida sonhada, para consagral-a na Historia, o genio latino. Aqui, aqui, e não em outra parte, deveram tocar as caravelas da excelsa aventura e plantar o pendão primeiro e a primeira cruz.

Volvo para o meu mar e para as milhas ondas. Doce emprego do tempo é vel-as nascer, morrer e renovar-se, e, no abandono de um entresonho, sentir que a immensidade invade a nossa alma e como que a penetra com o seu espirito, e não saber, emfim, si o objecto da contemplação está no infinito das aguas ou está na profundidade da nossa propria alma. Doce é então associar a cada onda um pensamento, uma lembrança, uma ficção, e dizer: esta, pujante e clamorosa, é a fé que me sustém, a aspiração que me leva para deante; aquellas que alvejam lá ao longe, são as saudades dos que me querem; esta outra, pequenina e exanime, que parece alguma cousa e nada é e se dissipa num leve brinco de espuma, é a promessa que deixei incumprida, o meu desejo que morreu ao nascer, o anelo que não hei de realizar nunca...

Eis agora o porto da Bahia, amplo e bello. A cidade, sem possuir o soberbo quadro de montanhas de Santos e do Rio, mas pinturescamente escalonada sobre o seu pé de ondas azues, evoca em mim a imagem de uma Montevidéu dos tropicos. Confirmo, em frente de suas paisagens, uma impressão do panorama fluminense: de tudo quanto este maravilhoso sol delinea e colora, são as palmeiras gigantescas, ondeantes, o traço que me captiva os olhos e permanece indelevel na phantasia. Será só pela belleza esbelta e sobria dessa admiravel columna natural? E' tambem, sem duvida, porque, differentemente de outras fórmulas empolgantes, porém faltas de sentido historico, deste mundo virginal, aquella arvore incende na imaginação um nimbo de idealidade embellezante, um prestigio immemorial de historia e de lenda. Não ha plenitudes de poesia sinão onde se une á obra da natu-

reza a vibração, o saibo do sentimento humano.

"Mar e céu, outra vez. A suggestão da onda ajusta o meu soliloquio á tonalidade lyrica. Acabo por ver o mar com os olhos de um grego da Odysséa, com o candor da imaginação heroica, que lhe deu uma alma e a encarnou em mil fórmulas divinas.

"Salve, titã ceruleo, — diz minha palavra interior, — salve, velho titã, que arrulhaste os meus primeiros sonhos, quando eu aspirava á gloria do nauta e o heróe do meu anelo era o Simbad das "Mil e uma noites"! Só tu és livre, só tu és forte! Não ha lindes que te repartam em patrias e herdades, nem vontade que te submeta, nem pégada que em ti dure. Não ha immundicie que seja capaz de macular-te, porque a todas desvaneces em tua infinidade e a todas redimes com a tua pureza. Nos teus antros ignotos vélas os mundos da lenda e da fabula, monstros, thesouros e jardins azues, que guardam para sempre a frescura da creação... Teus amigos são o céu e o vento: tens de um a profundidade mysteriosa e do outro o desasocego implacavel. A força e a graça estão contigo: é teu o côro das oceanides, que suavizou a dôr de Prometheu. Com o teu alento salubre, tornas audaz e indomito o animo do homem. Ao teu lado, toda paixão se depura, toda meditação se ennobrece. Salve, titã ceruleo, mestre de almas grandes, inquieto como o pensamento, amargo como a vida, singello como a verdade!

"Cae a tarde. Inclino-me ao costado do navio, para contemplar, quer os ouros e purpuras do pôr-do-sol, quer os alabastros, os marmores, os onyx, que a esteira do barco vae compondo com a onda transparente. Balsamica emanção de paz e de mysterio parece exalar-se da soidão infinita. Vejo umas claras pupillas de creança fixar-se, com doce espanto, numa estrella que surge. Rumor de vozes, apagados echos de musica, arremedam a palpação longinqua do mundo. Nivea mão arrojada ao vento do mar um montão

de papeis rotos, que a rajada dispersa em seus vãos e que, á maneira de brancos alcyones, vão perder-se na immensidade”.

Rio de Janeiro, I — 917.

BASILIO DE MAGALHÃES

NOSSOS DEFEITOS

O vezo de depreciar e amesquinhar as coisas nacionaes, é, entre nós, inveterado, não ha negar. Em muitissimos casos, o méro facto duma coisa ou duma pessoa serem estrangeiras constitue boa recommendação, fazendo ju's aos nossos louvores e á nossa preferencia.

Reconhecemos plenamente que podem existir exemplos em que isso seja satisfactoriamente justificado, mas por outro lado é mister não cairmos no extremo.

Temos notado, por exemplo, que aquelles que são mais promptos a apontar os nossos defeitos, a critical-os, a estabelecer comparações não raro irritantes e injustas, são justamente, os que menos cooperam para a remoção desse defeitos, para a melhoria da situação, para o advento de dias melhores.

São raros aquelles que estimam que se lhes apontem os defeitos e os erros. Nem todos sabem aquilatar devidamente um aviso, uma admoestação, especialmente quando dirigidos no verdadeiro espirito.

Em muitissimos casos, o simples facto de estarmos a repetir os defeitos alheios, a repisal-os, a constatal-os, tem provado ser uma medida altamente prejudicial e mesmo retro-ativa. Ha quem resolva persistir no erro, quem endureça o coração, quando tratado sem sympathia sem amor. Uma illustração instructiva se encontra na organização das modernas prisões, na maneira como actualmente, nos paizes mais adeantados do mundo, são tratados os prisioneiros. Mesmo os processos primitivos e deshumanos para arrancar ao criminoso a confissão do delicto estão rapidamente evoluindo, e cedendo o lugar a normas mais brandas e mais efficazes.

Illustrado observador, que tem vivido por largos annos em nosso paiz, a cujo progresso moral tem-se dedicado com todas as suas forças e boa vontade, chegou á sabia conclusão de que é “pela persuasão suave, firme e sympathica” que obtaremos de facto o verdadeiro correctivo para defeitos e males que se notam entre nós.

Não é decerto por exhibições tantas vezes grotescas, de enthusiasmos violentos, não é com discursos campanudos, com dissertações dogmaticas, citando opiniões ou idéas, que podem ser excellentes para o meio onde ellas surgiram, mas, que não se applicam ao nosso caso, não será assim que conseguiremos algo de pratico e de proveitoso na verdadeira direcção.

Nosso povo ainda é falho em muita coisa; todo patriota sincero e sensato está prompto a admittil-o, mas, a verdadeira maneira de supprir essas falhas não é decerto estar constantemente a denuncial-as, a critical-as e a estabelecer comparações irritantes destruindo quicá qualquer parcella de estímulo ou de boa vontade que possa ainda existir. O melhor plano é “desenvolver suas mais elevadas susceptibilidades” fortalecer suas mais nobre aspirações, e “inculcar os mais altos ideaes”.

Ha aqui uma vasta esphera de acção para todo o cidadão deste vasto e bello paiz. Não é preciso que passemos procuração a uma personalidade especial, ou que façamos contribuições pecuniarias para que seja feito um serviço que cada um, individualmente, póde prestar com toda a efficacia.

Primeiro, cuidemos de emendar-nos, de aperfeiçoar o nosso proprio character, afim de que possamos ter a precisa autoridade para falar e para recommendar aquillo de que somos um exemplo vivo e eloquente. Será sómente desta fórma que nossas palavras calarão profundamente e que nossa doutrina produzirá o almejado e sazonado fructo. O exemplo é altamente contagioso, e constitue o melhor e mais convincente argumento. As boas intenções,

de per si, de nada valem, e é dito com propriedade, que dellas está calçado o inferno. Existem defeitos entre nós, não o contestamos; mas não é caso para desanimar. E' mister corrigil-os; é mister eliminál-os! Saibamos porém promover a sua eliminação. Cada um elimine primeiro a sua propria falta de sympathy para com as fraquezas alheias, persuadindo suave mas firmemente, que devemos fazer logar para uma virilidade real e uma liberdade ordenada, cultivando aquellas qualidades que constituem um são character.

Não ha melhor serviço prestado á Patria do que esse de cooperar sincera e intelligentemente para o advento de maior numero de cidadãos dignos, desenvolvendo as mais elevadas susceptibilidades, fortalecendo as mais nobres aspirações e inculcando os mais elevados ideaes. Quando assim o fizermos e quando ao encetar tão nobre tarefa, já tivermos apropriado aquillo que recommendamos, podemos com segurança esperar o fructo de nossa sementeira e ter a certeza de que estamos realmente trabalhando para que muitos dos nossos defeitos sejam uma coisa do passado.

Falámos ha pouco da inconveniencia de estar constantemente a apontar defeitos, a critical-os impiedosamente. Alguem objectará que doutra fórma é impossivel extirpal-os desde que a sua presença não é constatada ou denunciada. Entretanto, o facto de existir tanto desanimo entre os que iniciam uma campanha em pról de desejaveis reformas, prova exuberantemente o que affirmámos ha pouco. E' preciso promover o reconhecimento de faltas e defeitos sem provocar qualquer frição desagradavel. Temos topado com pessoas que não toleram a mais leve observação. Ora, é de imaginar que tal susceptibilidade suba de ponto, quando nossas palavras, ainda que bem intencionadas revelem qualquer laivo de critica ou de censura. O sentimento de offensa brotará logo, nullificando afinal qualquer esforço

tendente a conseguir-se a almejada correcção.

De tudo o que fica dito, resalta a necessidade imprescindivel de — disciplinar o educador. — Este deve ser eminentemente qualificado para bem desempenhar sua ardua mas importante tarefa. Com calma, com sympathy, com amor, deve elle approximar-se daquelle cujos defeitos deseja vêr reformados. E'sómente imbuidos do verdadeiro espirito, tratando com caridade o nosso semelhante, que conseguiremos convencer-o de sua falta e vê-lo emfim marchar na verdadeira direcção. Mas, ha ainda um factor de relevancia com que se deve contar: — perseverança. Em nossa educação propria, cumpre proseguir com constancia.

Presenciamos a miudo os mais bellos planos e as mais nobres resoluções; mas, não obstante a sua belleza e a sua nobreza, permanecem inactivos e afinal, como a miragem do deserto, dissipam-se, desapparecem, porque fallece-lhes o imprescindivel elemento de realidade, aquella sinceridade, que nos induz não só a tomal-os a sério, mas tambem a perseverar até que elles se encarnem e tomem corpo.

Essa ausencia de perseverança explica plenamente grande parte dos nossos insuccessos. Donde brota, muitas vezes, esse sentimento de incapacidade, e afinal de desanimo dissolvente? Evidentemente do pessimo costume de encetar uma tarefa e de abandonal-a a meio caminho.

De tudo o que ficou dito, podemos fazer a seguinte summula, que afinal não encerra regras fixas ou infalliveis; mas, que decerto contém sugestões já provadas e valiosas para a eliminação de defeitos, que impertinentemente constatamos:

- 1) Cooperemos individualmente com o nosso bom exemplo.
- 2) Procuremos corrigir pela persuasão suave, firme e sympathyca.
- 3) Não façamos critica impiedosa ou comparações irritantes.
- 4) Saibamos desenvolver as mais altas susceptibilidades, fortalecer

as mais nobres aspirações e inculcar os mais elevados ideaes.

5) Se almejamos o papel de educadores, qualifiquemo-nos devidamente para elle, preparemo-nos, disciplinemo-nos.

6) Tendo bem alto e bem claro o nosso objectivo, — perseveremos!

Aqui ficam, pois, estas idéas simples, sem pretensões, sem preocupações dogmaticas, animadas apenas pelo sincero desejo de que possam ser uteis para a solução dum problema que muitos julgam insolúvel, porque, a seu vêr, são prejuizos que já vem no sangue e que são o estigma de uma raça!...

Rio Grande do Sul

FRED. G. SCHMIDT.

MOVIMENTO LITERARIO

Está a sair a terceira edição dos *Poemas e Canções*, de Vicente de Carvalho. O proprio autor dirige a terceira impressão do seu livro, a que juntou numerosas notas e produções ineditas.

A noticia de uma terceira edição de um livro de versos, é tão lisonjeira para o poeta como para o seu meio. Se, por um lado, demonstra que o poeta é lido e admirado, por outro depõe a favor do bom gosto e cultura do povo que o lê. Vicente de Carvalho, vendo esgotadas por essa forma, rapidamente, as edições do seu livro, tem assim a maior e melhor consagração a que pode aspirar um escriptor...

A Emilio de Menezes foi ha dias offerecida, nesta capital, uma bella festa, que se realisou no salão do Conservatorio Dramatico e Musical. Emilio recitou numerosas poesias que figurarão no seu proximo livro, a apparecer por estes dias, entre as quaes alguns sonetos da paraphrase do "Corvo", que a *Revista do Brasil* conseguiu obter e publica neste numero.

A Academia Brasileira realisou no dia 17 a eleição para a vaga de

Garcia Redondo. Dos dois candidatos em luta, o sr. Luiz Guimarães Filho e o sr. Agenor de Roure, foi escolhido o poeta dos *Sonetos e rimas*.

Estão ainda abertas na Academia as vagas do conselheiro Lafayette e de Oswaldo Cruz. Para a desta é candidato o dr. Aloysio de Castro. Para a de Lafayette o dr. Alfredo Pujol, nosso director.

Se ainda não está nas livrarias, dentro de poucos dias figurará nas suas montras o novo livro de Amadeu Amaral — *Espumas*, que está sendo editado pela revista *A Cigarra*.

Outro livro a apparecer: *Nós*, de Guilherme de Almeida. Ainda outro: *Torre encantada*, de Homero

Prates.

A assignalar ainda, como novidades de livreria — *Estudos criticos*, do sr. Jos- Maria Bello; e *Numa e a Nymphe* do sr. Lima Barreto. Deste, porém, só temos noticia pelos jornaes do Rio, pois até hoje não chegou a S. Paulo...

MOVIMENTO THEATRAL

Encerrou-se com exito a temporada official da Companhia Dramatica de S. Paulo, organizada por um grupo de amigos do theatro chefiados pelo dr. Gomes Cardim. O objectivo principal desses cavalheiros é constituir em S. Paulo uma companhia permanente que possa, todas os annos, proporcionar ao publico uma série de espectaculos bons em que predominam peças nacionaes. Parece-nos que lhes não será difficil conseguil-o. Basta que se cijnjam ás indicações que o proprio publico lhes deu.

O publico mostrou claramente que a tudo prefere peças genuinamente nacionaes, com aspectos da nossa vida mesmo que do ponto de vista technico sejam peças defeituosas. O maior triumpho da temporada foi

um dramazinho ingenuo do fallecido dr. Cesario Motta, a *Caipirinha*.

E' uma peça que não resiste a uma critica severa. Os seus defeitos saltam aos olhos mais inexperientes e para aggraval-os houve ainda o concurso dos interpretes que, embora artistas estimaveis alguns, estavam na impossibilidade physica de reproduzir com perfeição os nossos typos da roça.

Mas é tanta a sêde de nacionalismo em nosso publico, é tão grande o cansaço em que o theatro estrangeiro o prostrou que essa peça com todas as suas maculas, com todas as suas velharias de estylo e de acção lhe deu uma satisfação immensa e, emquanto outras, de fóra e da terra, traçadas com todos os primores da arte apenas figuravam nos cartazes duas ou tres vezes, e eram levadas deante de salas quasi vazias, ella se eteruivava na scena, applaudida sempre por uma assistencia numerosa.

O dr. Gomes Cardim e os seus companheiros ficaram sabendo o que é que o publico deseja. Os nossos escriptores de theatro ficaram scientes tambem de que nunca farão coisa que preste e que viva emquanto se obstinarem a arremedar o theatro francez, imitando-o servilmente no que elle tem de peor ou traduzindo-o com maior ou menor felicidade. Do theatro estrangeiro chega-nos a dóse annual que offerecem no Theatro Municipal á alta sociedade de S. Paulo, por preços elevados, e com a vantagem de não corromper a nossa lingua e os nossos costumes — a nossa lingua por que é na dos outros que nos proporcionam esse theatro e os nossos costumes porque, embora de uma moral deploravel, esse theatro é entendido por muito pouca gente...

Os nossos empresarios precisam convencer-se de que a mais singela comediassinha nacional, isto é, que desenhar os nossos costumes, a nossa gente e a nossa terra, vale mais para nós que todo o theatro francez e que o nosso publico comprehende mais a *Caipirinha* que *Misanthrope*. Os adulterios elegantes que o

theatro francez nos serve, com todas as perfeições de linguagem e de technica, interessam muito menos á nossa gente do que por exemplo, um episodio da nossa vida eleitoral...

Não quer dizer que devamos eliminar de vez o theatro estrangeiro. Não. Elle tem a sua utilidade: dá aos nossos escriptores optimas lições de technica e ensina aos nossos actores a arte de representar. Além disso, a literatura theatral de um paiz como toda a literatura em geral, não pôde isolar-se, inteiramente, da dos outros paizes. Ha na arte theatral de um povo, como em todos as outras artes ao lado da sua feição nacional, alguma coisa de universal, alguma coisa que a torna parecida com a arte dos outros povos e que é por assim dizer, o seu molde commum.

O que é necessario é que os nossos escriptores ponham dentro desse molde commum um conteudo nosso. O theatro que escrevem e o que chamam brasileiro ainda não tem esse conteudo: ou não tem coisa alguma ou tem coisas alheias. E' um theatro vasio quando não é um theatro de emprestimo ou de franca rapinagem.

O caracter nacionalista das nossas peças só será completo, além disso, quando tivermos artistas nacionaes que as interpretem. Os que temos são poucos e, esses mesmos no geral, com uma educação theatral muito deficiente. Para constituir a companhia de S. Paulo, o dr. Gomes Cardim teve de recorrer em grande parte, ao elemento estrangeiro. Mas entre os poucos alguns existem com valor incontestavel. Dir-se-á que não chegam para as necessidades de uma temporada. Não ha duvida. Mas, com pertinacia e intelligencia, dentro de algum tempo chegarão. Aqui mesmo em S. Paulo temos onde lhes recrutar auxiliares e emulos. Não existe aqui um Conservatorio dramatico?

Porque não se hão de conjugar os esforços dessa instituição com as do grupo organisador da Companhia Dramatica afim de se aproveitarem no theatro as vocações que forçosamente se encontram entre os rapa-

zes e as raparigas que frequentam as aulas do conservatorio?

Qualquer tentativa nesse sentido seria de uma grande utilidade e teria, certamente, o apoio do publico e dos poderes estaduais e municipal.

A comissão, chefiada pelo dr. Gomes Cardim, já fez alguma coisa. Faça um pouco mais e terá completado a sua obra meritoria.

O que não deve é parar.

BIBLIOGRAPHIA

A enxurrada de 1914 — Volta aos tempos de d. João VI? — por Lima Campello, Rio de Janeiro, 1916.

O sr. Lima Campello, vivendo retirado em seu Estado, sentiu-se impressionado com a marcha dos negocios publicos no Brasil. Assustou-se, muito justamente. O seu patriotismo, sincero e ardente, entrou a temer pela sorte da nossa nacionalidade. A que praias desconhecidas irá dar a nossa desarvorada nau? Que rochedos não encontrará ella por ahi fóra, assim perdida, desmantelada, sem governo e sem rumo certo? — E, como não é politico, e não pode, pois, da tribuna do parlamento ou em entrevistas aos jornaes, contar ao paiz os seus receios e as suas tristezas, — pensou em escrevel-as e publical-as. E' a razão do opusculo que temos á vista, cerca de 150 paginas largas de "critica social". Para o A. o nosso mal provém da falta de moralidade nos actos e de methodo no trabalho. Ou nós adoptamos logo, no exercicio da nossa função politica, aquellas duas virtudes, ou então devemos perder duma feita as esperanças, e aguardar, resignados, o momento fatal em que seremos vendidos na luta pela vida.

O povo brasileiro é, por indole, profundamente honesto, mas quasi todo analfabeto, ou pouco mais que isso. Restam as classes intellectuaes, que, constituindo uma peque-

na "élite", governam ou desgovernam o paiz, ao sabor do acaso e das conveniencias de cada um. Ora, nessa classe privilegiada existem, entretanto, muitos homens de boa vontade. Para elles é que o A. appella, com calor e convicção, pré-gando "uma acção libertadora para saccudir o jugo dos tyrannos que nos agrilhoam". Ventilando varias questões de administração e politica geral, o sr. Lima Campello suggere alguns alvitre, com os quaes julga que nos salvaremos. Não é aqui logar para discutil-os... Mas, não podemos deixar de fazer votos para que os nossos prohomens attendam ao appello do A., e, comprehendendo as suas apprehensões, que são, afinal, a de muitos brasileiros — procurem dar á politica e á administração do paiz outro rumo que nos leve a bom porto.

REVISTAS E JORNAES

HOMENS E COISAS NACIONAES

VIGARIOS ESTRANGEIROS

Ha noticia de que os bispos e arcebispos brasileiros vão publicar uma pastoral collectiva, recommendando aos fieis o cumprimento dos deveres patrioticos, impostos pela gravidade da situação internacional. Apesar desses conselhos serem dirigidos directamente a todos os catholicos, é natural que maior divulgação lhes seja dada pelos sacerdotes, sobretudo pelos vigarios, em todas as occasiões propicias. Num paiz de analfabetos, como o Brasil, e em circumstancias como as deste momento, a palavra oral é um meio muito efficaz de propaganda. Ninguem melhor que os padres a pôde empregar em condições mais favoraveis. Quizesse o clero tornar-se o orgão de varios ensinamentos para aperfeiçoar as nossas pobres populações do interior, e além da missão religiosa que lhe incumbe caber-lhe-ia uma grande missão so-

cial, de resultados proficuos para a Nação inteira.

Parece, porém, que a primeira condição para despertar no clero esse interesse particular pela sorte da nossa gente, interesse que vá além da preocupação de salvamento das almas, é identificar todos os seus dirigentes, quer dizer, não só o episcopado, mas todos os vigários, capellães e coadjutores, com os destinos nacionaes dos brasileiros.

O clero teve sempre um papel importante na evolução da nossa nacionalidade. Na Inconfidencia Mineira e na revolução de dezeseite, que foram os movimentos principaes a favor da Independencia, houve a collaboração ás vezes decisiva de sacerdotes, como a desse estoico Miguelinho, coroado até pelo martyrio. Nos tempos tormentosos do primeiro reinado e da Regencia o clero deu á politica figuras de primeira ordem, de que Feijó pôde ser apontado como exemplo culminante. E' possivel que as paixões partidarias afrouxassem o rigor do dever sacerdotal. Em todo o caso, o clero era uma força nacional, que resvalava naturalmente para o terreno onde se decidiam os grandes interesses do paiz. Até o fim do Imperio houve padres de partido em Provincias inteiras, no Pará, no Ceará, no Rio Grande do Norte, em Sergipe e em Minas Geraes.

A separação da Igreja do Estado e mais que isso a ausencia de partidos afastaram o clero da politica, donde desapareceram as agremiações definidas e duradouras, escolas de disciplina e de fé, cheias de attracção para espiritos formados na obediencia da Igreja.

Coincidiu com esse facto o crescimento da população no ultimo quarto de seculo, o desenvolvimento material de regiões ainda hontem adormecidas ou desconhecidas, principalmente no Amazonas, em S. Paulo, em Matto Grosso, no Paraná. A administração ecclesiastica alargou-se em proporções exaggeradas e a criação de parochias e curatos correspondeu á proliferação dos bispos, muitos dos quaes sem meios para viver.

Parece que tambem a Igreja soffreu dessa febre de crescimento intempestivo, em que havia grande dóse de imprudencia nos saques sobre o futuro, sem reconhecimento bem medido das forças reaes que deveriam responder pela audacia dos sacadores. Emquanto tudo isso assim augmentava, um elemento diminuia: era a sympathia da mocidade pela carreira ecclesiastica.

Já havia alguns annos, antes da queda do Imperio, o phenomeno estava evidente. Até 1870, mais ou menos, era um signal de distincção para cada familia ordenar um filho. Depois, um sopro de scepticismo, emanado de novas doutrinas philosophicas, mudou o sentimento da juventude e emquanto as faculdades regorgitavam, os seminarios empobreciam de alumnos.

Com a immigração estrangeira, engrossada ha cerca de trinta annos, foram vindo levas de padres, a principio portuguezes e italianos, depois hespanhões, holandezes, francezes e principalmente allemães. Aos padres seguiram-se frades e freiras de varias ordens, que encheram os conventos, quasi vãos desde a prohibição do noviciado brasileiro, sob o Imperio. O ensino em internatos, sobretudo femininos, ficou quasi monopolizado pelos collegios de religiosos estrangeiros. Os collegios dos padres brasileiros, outr'ora tão numerosos, começaram a fechar um a um. Ainda se apontam no Rio as grandes casas onde tantos delles floresceram. Começando em predios de aluguel, as novas casas de ensino foram-se dilatando, depois mudando para immensos immoveis, destinados a agasalhar centenas de alumnos. De norte a sul, notavelmente no Rio, em Petropolis, Nova Friburgo, S. Paulo, Bello Horizonte, S. Leopoldo, a grande massa desses edificios chama a attenção dos forasteiros.

Não só a educação da mocidade brasileira passou ás mãos das corporações religiosas de varias nacionalidades, cada uma das quaes procura incutir a influencia da respectiva raça no espirito dos seus alum-

nos, começando por arvorar nos salões retratos dos seus chefes de Estado, dos seus heroes e symbolos nacionaes, mas tambem a direcção espiritual das massas catholicas vae sendo pouco a pouco conquistada pelos vigarios estrangeiros. E' preciso que essa questão seja aventada e encarada de frente.

Acabo de sentir quanto ella pôde impressionar a um observador. Ha menos de um mez fui ver em Ouro Preto e Marianna os officios da Semana Santa. Queria avivar as recordações da minha infancia e fixar aquelles quadros, cheios de poesia, que me encantaram com o seu mysticismo os primeiros annos da vida. Só nas pequenas cidades do interior, onde ainda a fé floresce, só num daquelles remansos preservados das immigrações que desvirtuam a tradição, semeia dado viver, como aos quinze annos, aquelles dias consagrados pela Igreja á Paixão de Jesus.

Na sexta-feira fui assistir numa das matrizes de Ouro Preto ao officio do dia. Ha um momento em que tres dos celebrantes deixam o altar e sobem aos pulpitos. E' o canto dos Evangelhos, narrando o martyrio do Christo, desde o momento da prisão, no Horto das Oliveiras, até o "consummatum est" na cruz sobre o Calvario. Um dos padres é o chronista que refere todas as scenas do glorioso supplicio; outro reproduz as vozes ouvidas aos personagens principaes da Synagoga, como Pilatos, que intervem no episodio fatal do julgamento; o terceiro é Jesus, grandioso na altiva sobriedade do seu falar. O côro representa o povo, gritando, bramindo, impondo a condemnação daquelle justo: "Crucifige eum! crucifige eum!"

A pobreza das vozes tirava todo sabor á largueza do cantochão. Mais que isso, porém, me impressionava a pronuncia latina de Jesus, cujo papel, de direito, deveria caber ao vigario. Informaram-me, então, que era realmente o vigario quem cantava e que o vigario era um padre hollandez.

Terminado o Evangelho, novo padre surgiu no pulpito, para prégear o sermão da paixão. A's primeiras palavras percebi que o prégador tambem era estrangeiro. Apesar de grande o seu esforço em pronunciar convenientemente o portuguez, deixava logo adivinhar a origem hespanhola, ás vezes claramente, como falando das "miradas" que deviamos lançar para a cruz no momento de adoral-a. Disseram-me que esse sacerdote fôra chamado especialmente de Bello Horizonte, como um luzeiro da tribuna sagrada. Não quero dizer do merecimento do seu sermão, pois ouvi, dos proprios que o mandaram vir, juizo accorde com o meu pensar.

De tudo isso, porém, ficou-me a triste impressão de que até no dominio das cousas espirituaes estamos cedendo dia a dia ao estrangeiro a posse de uma influencia que deveria estar em nossas mãos. Em fins do anno passado publiquei um livro para mostrar que a mocidade, está concentrando todas as suas aspirações no funcionalismo e nos varios diplomas de "doutor". Estes ultimos vão-se transformando num simples degrão para a preferencia a toda especie de emprego publico, e todo o orçamento está sendo convertido numa caixa de ordenados e pensões. As profissões que levam á independencia pessoal e dispensam o amparo do Estado, concorrendo ao mesmo tempo para o augmento da riqueza publica, estão de preferencia nas mãos dos estrangeiros. A's mãos dos estrangeiros está passando tambem o ensino e até a direcção das almas.

O Brasil é um paiz carecedor de immigração e devendo promover a immigração; mas isso não quer dizer que seus filhos entreguem ao immigrante até os instrumentos moraes mais efficazes para influir na formação do espirito nacional. A nossa aspiração deve ser transformar o immigrante em brasileiro e não deixar que o brasileiro come os varios aspectos das differentes colonias que aqui venham viver. E' certo que

a superioridade technica e o adelantamento intellectual de algumas serão obstaculo á desejavel assimilação. Um dos meios de promover-l-a é facilitar a fusão de individuos de varias origens, pondo-os em contacto com o velho elemento nacional e não consentindo a formação de nucleos de nacionalidades exclusivas, que entretêm na descendencia o espirito e a tradição da sua raça e até a lingua de seus paes. Além disso, o Estado e as grandes forças sociaes, podendo obrar nesse sentido, não devem abdicar nas mãos do estrangeiro funcções creadoras e conservadoras do sentimento nacional.

Por mais livre pensador que seja um homem de Estado, tem de tomar na devida conta o fundo religioso do seu paiz. As religiões são grandes forças nacionaes, capazes de influir sobre problemas onde ás vezes não se deveria suspeitar da sua influencia. A questão do "home-rule" na Irlanda é, na realidade, uma questão religiosa entre a pequena minoria protestante, rica e poderosa do Ulster, e a enorme massa catholica, de mediocre valor economico. O clero, portanto, é um instrumento consideravel de preservação nacional.

Não se comprehende que o Estado tenha feito uma lei de separação amistosissima, para a Igreja viver ao seu lado melhor do que vivia antes, cultivando uma especie de alliança onde ella tudo obtem em honras e vantagens, e o Estado não veja até onde essa separação possa ser nociva aos interesses que lhe cabe defender. Parece que os nossos dirigentes politicos devem roubar algum tempo ás graves questões que de preferencia os preoccupam e procurar conhecer a nacionalidade dos nossos vigarios coadjuutores, curas e capellães. Em poucos dias os governadores poderiam colher, nesse sentido, informações preciosas. E' preciso saber a que causas, a que influencias attribuir essa invasão de vigarios estrangeiros: si ha uma deserção ou uma preterição nacional.

O proprio episcopado brasileiro, cuja reunião se annuncia para breve com intuitos patrioticos, inspirados pelas inquietações internacionais da hora presente, antes de tudo deve dar um balanço a esse respeito para ver a quem vae confiar a nobre missão de exaltar no animo dos brasileiros a paixão do Brasil. E' preciso verificar se o numero de padres mingouo tanto que já não seja possivel preencher só com elles a direcção e os postos principaes das nossas parochias. Não haveria outra desculpa para os chefes das nossas dioceses, a não ser que elles estejam executando recommendações, ás quaes não se possam furtar. Elles estão vendo agora que de um momento para outro a direcção das almas tambem exige um sopro de inspiração patriotica. Si realmente não temos bastantes padres, ao menos aos que existem devem caber as melhores freguezias, as mais populosas, as mais importantes. Esses vigarios brasileiros constituiriam exemplos capazes de despertar no espirito dos nossos mancebos o desejo da successão. Si os brasileiros vivem á cata de empregos, o emprego de vigario não é para desprezar. Aliás, si os jovens de familias abastadas ou com recursos para prover a propria educação raream nos seminarios as dioceses abastadas devem promover a educação de meninos pobres, capazes de ser facilmente attrahidos para uma carreira onde poderão elevar-se em dignidade social.

A tremenda lição dada ao mundo nestes dias calamitosos deve advertir todas as nações de perigos que até bem pouco tempo nem as mais atiladas tinham ainda previsto. A Igreja tem uma missão humana, acima das disputas das nações e das raças; porém, por mais que tenham celebra-lo ao altar o sacrificio do cordeiro immaculado, rarissimos padres terão substituido nas veias o sangue de seus paes pelo sangue de Jesus.

(Tobias Monteiro — *A Noite*, Rio de Janeiro).

A NOSSA POESIA

Entre nós, a literatura, desde os tempos coloniaes vive de méras imitações. A poesia que tem sido quasi a unica manifestação literaria que possuímos, é de terceira ou de quarta ordem. Basta para verificalo dizer que os portuguezes deste seculo não têm literatura de primeira mão; como nós outros, são imitadores mais ou menos habeis; e, apesar desse valor secundario, offerecem alguns nomes como os de Garrett ou Castilho, superiores a todos os nossos.

Gonçalves Dias, considerado o maior dos poetas brasileiros, é inferior a qualquer delles.

Em tempos mais proximos, entre os imitadores serodios e retardarios de Hugo, encontramos um hugolatra, Guerra Junqueiro, mais poderoso e opulento que Castro Alves.

Assim, a nossa inferioridade é evidente nesta serie de epigonos da poesia franceza.

Não escondemos, aliás, semelhante subalternidade e antes a confessamos nos arremedos e copias dos titulos e rotulos de escolas: tivemos romanticos, parnasianos, symbolistas, mysticos e quejandos flagellos mundiaes.

Ja se vê que a poesia é internacional, e o proprio desastre do *indianismo* do *tacape*, do *boré* e da esdruxula *inubia* dos nossos romanticos foi uma advertencia decisiva.

Entretanto, a respeito das nossas relações luso-brasileiras na poesia ha certos accidentes que convém lembrar, pois que são a nosso favor.

E' certo que vivemos secularmente da seiva portugueza. Os nossos antigos poetas, desde Gregorio de Mattos, vivem á sombra da poesia lusitana. A chamada *escola mineira* de Basilio da Gama, Santa Rita Durão, Claudio Manoel da Costa, é um ramo da Arcadia portugueza, toda formada ás margens do Mondego. Portuguezes e brasileiros são nessa epoca essencialmente indistinctos. Entre elles ha apenas um poeta de genio, um luso-brasileiro,

Thomaz Gonzaga, nascido em Portugal e aqui victima da inconfidencia mineira.

Este Dirceu é um camoneano, em antagonismo com todos os arcades, e é seguramente o maior poeta do seculo XVIII.

Posta de parte, cá e lá, esta excepção gloriosa, não passam todos elles de seres gregarios, vivem em bando, formam tribu e escola e arremedam-se reciprocamente, a custa da seiva italiana do velho Sannazaro e das arcadias romanas.

Com a independencia do Brasil, as predilecções, em regra sempre as mesmas, começam a tomar um rumo novo e de longo curso. A educação superior, já então instituida na America, offerece-nos outras possibilidades. Podemos imitar as literaturas estrangeiras sem o intermedio portuguez.

De facto, no seculo que acabou, antes de Portugal tivemos em primeira mão o romantismo. Magalhães precede Garrett.

E' já muito a precedencia na imitação ou na renovação das fontes, embora essa prioridade não nos liberte, do assiduo influxo dos romanticos da antiga metropole. Emancipação politica e literaria.

Outra ascendencia ainda mais caracteristica, depois do romantismo. Portugal não teve nunca *parnasianos* de vulto, de inspiração e de technica; e tivemos, então, os nomes consagrados de Raymundo Correia, Alberto de Oliveira e Olavo Bilac.

Por esse tempo, os portuguezes não offereciam mais que um hugoano, Guerra Junqueiro, ou um poeta simplista inspirado, mas rustico, como João de Deus.

A poesia de Banville, Heredia, Gauthier, Lecomte de L'Isle não teve representantes em Portugal. O *parnasianismo* em lingua portugueza pode só ser conhecido naquelles nossos poetas Raymundo, Alberto e Bilac. Somos o unico porta-voz vernaculo dessa escola poetica.

Trata-se ainda de epigonos da poesia franceza, de influxo, aliás in-

superavel em todo o mundo latino; mas precedencia e privilegio aqui são nossos, e de grande esplendor.

O proprio hugonismo com as suas antitheses monstruosas e suas sobejidões verbaes, apezar de conhecido e aclamado, só veio a ter uma expressão portugueza, digna de nota, em Guerra Junqueiro, quando entre nós era coisa velha desde os primeiros versos de Luiz Delphino aos das *Espumas Fluctuantes* e da legião dos chamados *condoreiros* da poesia nacional.

Tivemos em Alvares de Azevedo a poesia byroniana, de entre Byron e Musset, movimento original que tambem não descobrimos na literatura portugueza.

E' claro e nem me hão de fazer a critica mesquinha, de que affirmo tenham sido Byron, Banville ou Lecomte de L'Isle, desconhecidos nas terras de Portugal. Foram naturalmente conhecidos e imitados; mas, dos seus epigonos ou discipulos nenhum é representativo.

De Hugo falava com entranhada admiração o velho Castilho e quasi se dava por discipulo do grande genio francez. Mas Castilho, conservador, classico e rigido, de limitada imaginação verbal, nem de longe podia lembrar o liberrimo poeta francez.

Os portuguezes desconhecem inteiramente a nossa literatura. Não ha muitos annos um erudito de lá, benevolo e amavel, escrevia da sua admiração pelos nossos poetas e citava-lhes os nomes: *Gonçalo Dias*, *Alvaro de Azevedo* e *Castro Alves*.

Apenas...

E' impossivel, pois, que reconheçam as precedencias apontadas.

Tudo isto que desalinhavadamente ahi está, vem a proposito da poesia novissima que entre nós parece já definitiva sob os nomes dubios ou incertos de *mysticismo*, *symbolismo* ou coisas que os valham.

Pouco importam os nomes; é uma poesia, de facto, nova e differente do *parnasianismo* caracterizado pe-

la sua technica esculptural inteiramente classica, rigida e severa.

A poesia nova é livre no metro e na expressão, o seu rythmo tem o desalinho da prosa, variado e profuso; e tambem possui o seu vocabulario e os seus *themas* predilectos.

Os parnasianos, technicos, inflexiveis, não acompanharam essa evolução; intimamente detestam, acreditamos, essa poesia nova.

Ora, - grave dizel-o: os parnasianos não têm razão alguma. A poesia é sempre a mesma, mas tem as suas modas.

E, em taes casos, a evidencia é um pouco arriscada.

Os srs. Alberto e Bilac fazem-se a si grande mal em teimar pela publicidade de inspiração inteiramente *demodée*, fóra de tempo, com a sua technica sempre rigida e perfeita, mas tendo a menos o frescor juvenil e a oportunidade agora extincta.

Os dois grandes poetas, já merecidamente consagrados, podiam conformar-se ás contingências da nossa historia literaria que se faz sempre seguindo correntes externas, como acabamos de vêr, sem que as gerações influam umas, sobre outras.

Da mesma sorte que foram *parnasianos* de origem franceza contra os ultimos romanticos da sua terra, agora têm que ceder a outras correntes extranhas, renunciando a qualquer influxo sobre os homens novos.

A poesia *parnasiana* entre nós já se tornou fatigante em retardatarios, imitadores provincianos, que aprenderam as excellencias technicas dos seus mestres, igualaram quasi a sua perfeição, e, por assim dizer, banalizaram, até ao fastio, a sua esthetica.

Dahi, o desencanto de antigos segredos, o excesso de sonetos perfectos e inuteis, aos milhares, aos milhões, que causam terriveis embarços a collectores latitudinarios e complacentes como o dr. Laudelino Freire, e suscitam animosidades a criticos inhabeis da especie do que aqui escreve por dever de officio. (João Ribeiro — *O Imparcial*, Rio de Janeiro).

HOMENS E COISAS BSTRANGEIRAS

EMILIO VERHAEREN

Eu conheci Emilio Verhaeren antes que a gloria e coroasse, antes que a homenagem dos seus entusiastas admiradores divulgasse o seu nome, reconhecendo nelle um dos mais altos e dignos representantes da poesia contemporanea. Por esse tempo, quando o seu tormento methaphysico e a sua angustia espiritual se exprimiam no tryptico lyrico — *Soirs*, *Débacles* e *Flambleaux noirs* — o poeta tinha um aspecto que bem se conformava com a sua obra: e eu o vejo ainda tal qual me appareceu um dia no meu gabinete em Bruxellas, magro e ossudo, com a physionomia sulcada pela dor, e os rudes bigodes flamengos, e os olhos claros, penetrantes; e tão cheios de energia e vontade, como o gesto decidido e o timbre martelado da voz. A sua obra futura se esboçava então, com todo o seu esplendor e toda a sua grandeza, naquella fronte obstinada e pensativa: passada a crise passageira, a obra devia repontar magnificamente, animada por todas as "forças tumultuosas" da vida. Porque este grande poeta — e é uma das suas características — foi, a um tempo, um realista e um sonhador. Realista, pelo senso de observação pittoresca, pelas preocupações sociaes, pelo conhecimento do mundo moderno, pelo interesse com que acompanhava as manifestações organicas e mechanicas da nossa civilisação; mas, dando á sua imaginação o fundamento da realidade, o poeta a ampliava e o deformava, com admiravel jogo de optica, até obter uma visão dramatica, epica ou lyrica, na qual o mundo obedecia ás leis da sua magia pessoal. Toda a obra de Verhaeren é fundada sobre este principio esthetico, ou antes, sobre esta faculdade: elle foi o evocador sincero de uma realidade magnificamente deformada, expressão dos mais generosos impetos, das mais nobres

idéas. Infinito amor e infinita piedade pelo genero humano, profundo e masculino affecto pela terra natal é o que transluz dessa poesia, cheia de respeito pelo passado, de confiança no futuro: e a alma do poeta se mostra inteiramente, com as suas violencias apaixonadas, chimeras passageiras, visões grandes e brutas, sensibilidade profunda. Para compôr essa obra, Emilio Verhaeren formára um instrumento admiravel, uma lingua bizarramente pessoal, original pela variedade do vocabulario (o seu vocabulario não excluia neologismos nem technicismos), e por audacias sympathicas que chegavam até a virtuosidade de singular effeito. Ser expressivo — era essa a preocupação constante do nosso poeta. E para sel-o, cada vez mais livremente, renunciou ao uso exclusivo do verso classico, e deixou-se guiar pelo seu fino senso do rythmo. Mesmo quando torna ás cadencias tradicionais, o verso se torna, nas suas mãos, instrumento de justa expressão — e grita, troveja, murmura ou canta em harmonia com a sua necessidade. Do Verhaeren de ha vinte e cinco annos, tal como o vejo commovidamente em espirito, ao Verhaeren de hontem, que não veremos mais e que uma morte brutal arrancou á nossa admiração e á nossa amisade, que progresso seguro e ininterrupto, e que merecida celebridade! A sua fama crescia de anno para anno, porque, através de um labor incessante, desenvolvia, afinava a sua innata virtude poetica, potente como a de poucos poetas. Essa onda de poesia já se via nas exuberantes *Flamandes*, de sua primeira mocidade, nas estrophes sonoras e esculpturaes de *Moines*, e tornamos a encontrar nos *Villages illusoires*, nas *tentaculaires*, *Aubes* *Philippe II*, cada vez mais abundante, mais rica, mais vibrante, ás vezes moderada até a doçura, outras exaltada até o phrenesi. Essa virtude que fez d'elle um grande poeta, um admiravel creador de imagens e de rythmos, evocador de potencia estranha, Verhaeren pôz ao serviço do seu impetuoso e universal amor da vida; e

essa vitalidade magnifica é que dá particular belleza á sua poesia, dotando-a de accento magico e singular força de encantamento. Quarenta annos de trabalho não tinham exaurido a fonte preciosa. Após um periodo de anciedade e melancolia, illuminado pelo lampejar dos *Flambeaux noirs*, Verhaeren tinha tomado definitivamente o seu rumo, e proseguia com segurança. O successo não o fez vaidoso: na gloria, foi sempre igual, continuou a ser um homem simples, conservou o seu coração fiel e a sua mão leal. Não a si, mas á sua poesia attribuia a honra de universal respeito de que se sentia rodeado. E como o tempo não conseguira enfraquecer o seu genio, longos annos fecundos lhe pareciam reservados. "Verhaeren, dizia-me um dia um amigo commum, terá uma velhice como a de Victor Hugo". Quem falava assim não sabia que prophetisava para o poeta belga o exilio da sua terra amada, nem um *Année terrible*. Mas se os fados negaram a Emilio Verhaeren a longa fecundidade do autor dos *Chatiments*, não lhe negarão o ingresso entre os mortos que vivem eternamente porque em si resumiram um pouco da alma de um povo e da gloria de uma patria. (Henri de Régnier — *Mercur de France*, Paris).

A SEGUNDA REVOLUÇÃO RUSSA

A revolução russa de março de 1917 não surpreendeu senão os meios governamentais de Petrogrado, porque os acontecimentos que se desenrolaram na Duma, no 2.º semestre de 1916 e nos dois primeiros mezes deste anno, eram de molde a esclarecer os menos perspicazes. Era, pois, de prever essa crise de subversão. A luta incruenta que os progressistas e os socialistas sustentaram contra os successivos ministerios, e que custou a autoridade suprema de Goremykine, Sturmer e Trepof, não tinha as apparencias de uma luta parlamentar commum. Não eram partidos que lutavam, mas concepções politicas antagonicas. Os discursos de Miliukof,

de Kerenski, de Chidlovski, de Chingaref, de Tchkeidoé, e outros, muito antes de 9 de março, eram cheios de ameaças para o czarismo e para a dynastia dos Romanof. Ha muitas semanas, todo homem que reflectia tinha os olhos irresistivelmente voltados para a Russia. Percebia-se que grandes acontecimentos estavam lá em gestação.

A revolução seria longa ou rapida; tomaria o aspecto de uma derrocada ou de uma luta sangrenta; imporia ao soberano uma abdicção ou uma alteração na sua prerogativa. Poucas pessoas, porém, suppunham que a revolução seria radical, a ponto de transpor a etapa do liberalismo constitucional para tomar o rumo da democracia social.

Os Miliukof, os Chidlovski e os Chingaref, reclamavam um ministerio responsavel. Para justificar as suas reivindicações, elles allegavam a impericia da maioria dos secretarios de Estado, as faltas grosseiras que tinham sido commettidas na conducta da guerra, e que valeram ao paiz as mais rudes decepções, os actos de corrupção, de concussão e de traição que se denunciavam publicamente ou em segredo. Apoiavam-se no descredito da autocracia, que tinha provado, como em 1904, a sua incapacidade, a fraqueza das suas instituições e suas tivas incuráveis. Accusavam — e muitos factos lhes davam razão — o czar de mediocridade, de submissão a favoritos despudorados, de ignorancia das realidades mais evidentes; accusavam a czarina de negociações suspeitas com os inimigos da Russia; a burocracia de malversações e incuria; os ministros de indifferença aos grandes interesses nacionaes. Os argumentos que serviam a esses progressistas serviam tambem a propaganda dos "comités" operarios, os quaes, em 1914, nas vespas da guerra, já tinham retomado a sua energia combativa. Esses "comités" operarios eram ainda mais levados a mobilisar os seus effectivos em março de 1917, porque reinava quasi miseria de cereaes — se o paiz é dos mais

ricos da Europa em cereaes — e porque uma enorme fermentação se fazia nas massas populares. A revolução foi realisada por elementos que não se haviam concentrado antes, mas que todos condemnavam um estado de coisas funesto. Os liberaes queriam a liberdade, e o proletariado pão. O exercito e a marinha seguiram o bloco progressista ou os agrupamentos socialistas, e o czarismo desmantelou-se sem resistencia, porque não tinha mais defensores. Nas suas reminiscencias publicadas recentemente o conde Benkendorf, embaixador da Russia em Londres, ao qual succedeu Sasonof, escrevia: "Quando eu vejo os homens, que têm o dever de salvar o meu paiz — levarem-no ao abysmo, minha dôr é indefinivel. Chama-se a isso cegueira voluntaria: não se quer ver nada, não se quer saber nada. Eu só almejo bem para a Russia, mas cada correio que me chaga de Petrogrado me afunda mais ainda num triste pessimismo." E era um diplomata nomeado por Nicolau II que formulava taes pensamentos nos meados de 1916.

A segunda revolução russa ligase intimamente á primeira. Se as recordações de 1905 estivessem menos apagadas, ter-se-ia compreendido melhor 1917, e mais justamente apreciado, antes de 15 de março ultimo, o valor das forças da revolução que se exerciam no imperio. Se a historia do reinado de Nicolau II fosse mais presente aos espiritos ter-se-ia previsto a catastrophe que devia terminal-o.

Houve quem quizesse descobrir no ultimo czar um liberal occulto, dando aos seus conselheiros toda a responsabilidade do seu absolutismo. A these não se sustenta, porém, quando examinamos os factos. A 29 de janeiro de 1895 o monarcha declarava que "manteria o principio da autocracia tão firmemente, tão obstinadamente quanto o tinha feito seu inolvidavel pai." Foi um verdadeiro programma que elle applicou nas suas relações com os seus "vassallos". Elle não acceitava um "contrôle", nem uma limitação, nem

reconhecia os "desiderata" mais legitimos dos grupamentos ethnicos: a Finlandia, cuja carta Nicolau rasgou em 1899, experimentava, como os escriptores livres, a dureza desse regimen. Não ha duvida que Nicolau II foi mal rodeado, mal informado, e, para julgar o pessoal que dominava na côrte, basta citar Pobedonotsef no principio e Protopopof no fim. Mas era o monarcha que escolhia esse pessoal, que o conservava perto de si, e que, quando um dos seus secretarios de Estado merecia qualquer popularidade, o despedia: Sasonof foi assim sacrificado, porque vivia em boas relações com a Duma. Não ha duvida tambem que influencias occultas apreciavam o cataclysmo, mas Rasputine teria ficado no olvido se o favor imperial não lhe tivesse dado a mão. Na realidade, o czar não percebeu antes de 1905 a necessidade ineluctavel de uma evolução interior, nem depois de 1905 admittiu a transformação de estrutura que, entretanto, elle assignára. O famoso manifesto de 30 de outubro, que remonta a mais de 11 annos. sancionára a primeira victoria dos elementos operarios e liberaes; o terrorismo e o liberalismo antes e durante a guerra do Extremo-Oriente, tinham abalado o systema: houve os assassinatos de Sipiagume, de Bobrikob, de Plehve, de von der Lannitz, a petição dos Zemstvos, reclamando a liberdade politica, as autonomias locaes e a creação de uma camara legislativa, a qual tinha sido rudemente repellida, — as greves e os fusilamentos de Petersburgo e o assassinio do grão duque Sergio, que tão profundamente abalou o imperio. Logo depois da outorga do estatuto de outubro, a fermentação continuava e se aggravava: a marinha sublevava-se em Cronstadt e em Sebastopol; a desordem campeava nas provincias balticas; as barricadas em Moscou. A burocracia não pensava senão em retomar o terreno que ella, theoricamente, abandonara. A lei fundamental de 8 de maio de 1906 caracterisava-se pela ausencia do vocabulo constituição, e até dava ao imperador o po-

der autocratico supremo. Durante onze annos os primeiros ministros successivos — Goremykine, Stolypine, Kokotseb, e os mais recentes, tiveram a incumbencia de combater a representação nacional, de lhe isolarem as bases por meio de novas leis eleitoraes, de lhe reduzir as attribuições, de a desacreditarem por dissoluções brutas ou prisões ordenadas contra a lei, afim de prepararem a volta ao absolutismo puro e simples. Depois do grande esforço de 1905, a Russia se prostrára aos golpes do poder, como incapaz de defender, senão por tentativas terroristas individuaes, as liberdades que lhe haviam dado. Stolypine poudé assim proceder a 2835 execuções capitães por delictos politicos, em menos de dois annos, sem que a colera publica se fizesse sentir. Depois, o surdo trabalho do liberalismo e do socialismo — em propaganda paralela, retomou uma energia crescente, facilitado pelo desenvolvimento industrial, pela nova orientação diplomatica do imperio — que associava á alliança com a França a “entente” com a Inglaterra, — e pelas correntes de idéas que circularam no mundo e que a mais vigilante das policias não podia deter nas fronteiras. Quando a guerra européa se iniciou em 1914, a Russia parecia em vespera de uma revolução, que teria sido, principalmente, uma resposta á reacção burocratica dos ultimos oito annos. A guerra adiou a revolução, mas os acontecimentos interiores e militares deviam dar á crise uma intensidade excepcional e aos elementos de subversão uma potencia irresistivel. (Paul Louis — *Revue Bleue*, Paris).

O RENASCIMENTO CATHOLICO NA LITERATURA FRANCEZA

São cada vez mais frequentes e numerosos os signaes deste renascimento. Ahi está Paul Bourget afirmando desde 1889 no *Disciple*, a importancia de certas doutrinas para governarem a vida. Ahi está Joris Huysmans, sahido do naturalismo

(*A Rebours*), que depois de vagar pelos abysmos da demonologia (*Lá Bas*, nos refere em *La Route* as crises da sua conversão ao catholicismo, a que se sente attrahido por uma parte incomparavel e pelo fastio de uma vida sem fé. Paul Claudel, que deixa os symbolistas e torna á fé. François Coppée, que, ferido pela enfermidade, nos conta ingenuamente a sua conversão no prologo da *Bonne Souffrance*. E ahi está, emfim, Brunetière, que, depois de uma lenta approximação ao catholicismo, escreve *Après une visite au Vatican*, na vespera do seu famoso discurso de Lille, em que dirá ao mundo assombrado: “Se quereis saber o que creio... ide perguntal-o a Roma.”

E’ certo que são muitos os espiritos que não vão tão longe nas suas affirmações, que soffrem como Loti, na terra santa, dessa impotencia para crer que é o triste dom dos que peccaram muito com a intelligencia; que ha tambem os que, como Anatole France, perseveram no seu scepticismo e no seu dilettantismo infecundo. Mas não ha duvida de que o mundo começa a comprehender, pelo menos confusamente, que “fora d’Elle não ha nada”. Nos dezeses annos do seculo actual, quanto já se andou! Os proprios ineducados tiveram que confessal-o. Anatole France, por exemplo, diz que “a nova geração sem ter fé, porque a fé já está perdida, affecta a esteriodade della”. Aos homens dos ultimos annos do seculo 19 — E. M. de Vogué, Paul Bourget, Ferdinand Brunetière, Joris Hysmans — vêm juntar-se outros, convertidos ao catholicismo, como o poeta Charles de Pomairols, herdeiro da tradição lamartiniana, como o poeta Francis James, o grande poeta franciscano das *Georgicas Christans* que affirma na primeira pagina da sua obra principal a intransigencia do seu catholicismo; como Charles Guerin, que conta as lutas entre a sua carne pagan e o seu catholicismo renascente; como Louis Bertrand, o forte novellista da *Invasion* que emprega os seus fervores de neophyto em resuscitar Santo

Agostinho; como Paulo Loevengord, que conta as magnificencias da liturgia; como Charles Péguy, cujos mysterios de Joanna d'Arte parecem emanar da mais pura Edade Media; como Paul Claudel, o maior dos poetas catholicos contemporaneos de França e de fóra da França, cujas odes e cujos dramas (*L'Arnonce faite á Marie, L'Otage*) revelam uma plenitude de vida interior expressa numa linguagem magnifica; como Louis Le Cardonnel, o poeta sacerdote de *Carmina sacra*; como Albert Fleury, Adolphe Retté, Charles Morise, Ernest Psichari, e tantos outros.

Ha tambem outros escriptores que começam a fazer acto de fé, e cujas obras são já consideraveis. Taes René Bazin, o grande novelista social, de um realismo sympathico, da *Terre que meurt*, da *Donatienne*, *Les Oberlé*; Jean Nesmy, Henry Bordeaux, que consagrou o seu fino talento de observador a estudar a organização christã da familia em livros como *La Croisée des Chemins*, e sobretudo *La Maison*; Emile Bauman, Robert Valéry-Radot, François Mauriac, André Lefon, Henri du Roure, Maurice Brillant, Amedé Guiard, André Lamandé, A. Paysant, Martial Piéchaud, Charles Grolleau, Armand de Praviel, Paul Bronté, François Cailhard, Olivier Honzcade, Louis Mercier, Louis Pize...

Além dos que affirmam a sua filial submissão aos ensinamentos da Igreja catholica, existe uma poderosa corrente de sympathia pelo catholicismo, cujo representante, Maurice Barrés, foi conduzido, pelo culto da patria, e dos mortos, a considerar o problema religioso e a necessidade de uma disciplina para a vida da alma (*La Colline inspirée*), e a defender contra os ataques da barbaria e da impiedade o thesouro espirital que as igrejas representam (*La grande pitié des églises de France*). (Juan de Hinojosa — *La Revista Quincenal*, Barcelona).

A INDUSTRIA DO LIVRO NA FRANÇA

Esteja proxima ou longinqua a paz, é tempo de falarmos do livro francez. Durante quatro seculos a superioridade do livro francez foi inconstetada. A sua decadencia começou em 1900. Em 1899 foram exportados da França 14.130.000 francos de livros; já em 1900 a exportação baixou a 10.338.000. Não se pode attribuir essa redução á inferioridade da producção intellectual franceza, porque, nestes ultimos annos, têm sido publicadas obras de grande valor. O que é preciso reconhecer, para explicar esse facto, é que os livros de leitura commum, em vez de attrair o comprador, o repellem graças á sua impressão defeituosa, ao papel inferior e ás capas deselegantes. E' de lastimar que obras literarias, historicas ou scientificas, reconhecidas como excellentes, se tenham tornado raras em França, porque não se reimprimiram. O sr. Henri Clouard fazia ha pouco conhecer as sommas enormes necessarias para a aquisição dos *Principes de Géométrie* de D'Alembert, do *Traité des Sensations*, de Condillac, e das obras completas de Laplace, que existem só na inacessivel edição da Academia das Sciencias. Não ha uma edição, ao alcance de todos, de Froissart, de Montluc, do *Plutarcho* de Amyot; não ha uma edição completa, em volumes de baixo preço, dos grandes poetas da Renascença, de Ronsard, de du Bellay e de outros, cujos trechos são muito lidos nas Anthologias. No campo dos livros escolares as coisas não vão a melhor. Em geral, basta um nome de um commentador ou do autor do prefacio para fazer acceitar o livro nas escolas. E entretanto livros que não se encontram nas colleções francezas, são encontrados nos catalogos allemães. Basta dizer que na *Bibliotheca germanica*, da Allemanha foram publicados no texto original, Ronsard e du Bellay, como tambem Dante, Petrarca, Boccacio, Calderon e Cervantes.

Deploravel é pois a imprevidencia dos editores francezes, os quaes,

por uma economia mal entendida, confiam a impressão dos seus livros a estabelecimentos belgas, allemães ou inglezes. Para avaliar-se a situação da industria do livro na França, bastam os seguintes dados referentes aos livros, periodicos e opusculos, feitos em lingua franceza e importados na França: em 1912: 7.506.000 francos de livros; 13.753.000 francos de periodicos e 2.395.000 francos de opusculos. Em 1913, respectivamente: 8.869.000 francos, 16.685.000 francos, 3.504.000 francos. Em 1914 primeiros mezes: 6.513.000 francos, 13.805.000 francos e 1.693.000 francos. Se as coisas continuassem assim, a arte da impressão na França, apesar de todas as glorias passadas, seria logo coisa morta.

Ora, é preciso reagir contra isso, cuidando amorosamente das novas publicações francezas. Que é preciso, para fazer um livro? — Uma boa impressão, obtida com caracteres elegantes, adequados ao texto, bom papel, uma bella capa. E que os editores dêem a mão aos escriptores novicos, os quaes, em geral, não encontrando editores no seu paiz, procuram os do estrangeiro. E' preciso tambem que os proprietarios de estabelecimentos typographicos sejam menos avaros, mais generosos com os technicos renovando sempre o seu material e tendo nas suas officinas os mais habéis operarios. A educação profissional tambem precisa ser reformada, afim de que forneça bons technicos. Ha ainda que attender ao papel. O papel feito de madeira estraga-se facilmente. Os inglezes substituiram, na fabricação do papel, o esparto ás madeiras. As fabricas de papel francezas poderiam fazer o mesmo, mandando buscar esparto na Argelia, onde elle abunda. Além disso, ha outras substancias, com que se pode fazer optimo papel. Deve-se cuidar tambem de tornar as capas atrahentes, mas de todos os livros e não apenas dos grandes escriptores. (Charles Saunier — *La Grande Revue*, Paris).

OS ESTADOS-UNIDOS E O COMMERCIO MUNDIAL

Tem-se falado muito do extraordinario commercio norte-americano, pesando enormemente sobre o commercio mundial, mas não se recorreu ainda ao unico meio admissivel para se conhecer a verdade: as estatisticas. Nos sete primeiros mezes de 1914 a exportação dos Estados Unidos foi de 1.178.678.000 dollars, ao passo que no periodo correspondente do anno passado atingiu a 2.892.712.000 dollars. São esses os dados do Departamento de Commercio, os dados mais recentes e os mais importantes, pois os primeiros sete mezes de 1914, estando o mundo em paz, representam o commercio normal dos Estados Unidos; ao passo que nos primeiros sete mezes de 1916, a industria europeia e mesmo a americana se achavam em situação anormal, exportando os Estados Unidos productos que só elles possuíam. Assim, o augmento de cerca de 1.700.000.000 dollars é produzido pela guerra.

E' licito agora levantar uma questão: qual será o commercio norte-americano, logo que se acabe a guerra? — As estatisticas dizem que esse grande augmento de commercio não pode durar depois da guerra. Mas, continuarão os alliados a adquirir nos Estados-Unidos com a enorme largueza de agora? — Está claro que os productos bellicos estão excluidos desta questão. Mas os outros, os que a guerra destruiu na Europa, e o ferro, o aço, as madeiras, productos manufacturados, etc? Segundo os optimistas, a exportação dos Estados-Unidos será ainda maior depois da guerra. E' preciso, porém, recordar que as nações tenderão a reconstruir economicamente, pouco a pouco, tudo quanto a guerra arruinou, como o individuo rico que, ferido pela desventura, refaz lentamente a sua fortuna pela economia, evitando o luxo. E é preciso lembrar ainda que o europeu não tem, como o norte-americano, a paixão de especular e de arriscar: ao contrario, o euro-

peu baseia o futuro sobre o passado. As cidades, formadas em seculos, não podem reconstruir-se num dia, nem ellas o desejam: cada geração tem a sua tarefa: que tenha tambem a sua — embora pesada — a geração futura.

Restará comtudo aos Estados Unidos um producto de exportação, que, embora não appareça nas estatisticas officiaes, será durante muitos annos boa fonte de riquezas: o credito. Desde o principio da guerra até o presente, os Estados Unidos deram ao mundo emprestimos no valor de cerca de dois biliões de dollars, a juro de cinco a seis por cento, o que significa uma entrada de cem milhões de dollars ou mais, pagaveis aos Estados-Unidos. Alem disso, estes compraram na Europa os titulos proprios, no valor nominal de dois biliões de dollars, com um juro annual medio de cem milhões de dollars. Assim, os Estados-Unidos terão tido com a guerra um lucro que orçará por 200 milhões de dollars por anno (A. M. Low — *North American Review*, Nova York).

VARIEDADES

OS PÉS DOS COMBATENTES

Antigamente diziam que a acção de um exercito depende do estado do seu estomago. Não é verdade: a acção de um exercito depende do estado dos seus pés. Quando os pés dos soldados se acham doentes, o exercito caminha pouco e vagarosamente. E essa é a razão pela qual nas casernas e nas repartições sanitarias militares se presta hoje uma attenção que pode parecer exaggerada ao estado dos pés. Um homem caminhará durante um dia ou dois sem alimentar-se, mas não caminha se lhe doem os pés. O soldado de infantaria em marcha traz consigo trinta kilos de peso morto, de mochila, espingarda e munições; não pode mover-se livremente, devendo regular a sua marcha pela dos outros; atravessa terrenos de toda

qualidade, gelo ou lama, rocha ou areia. Em geral, não tem meios de mudar de calçado e traz o mesmo par de sapatos dia e noite, molhados ou enxutos. Se os sapatos apresentam algum defeito e se os pés não se acham bem sãos, uma semana depois o infeliz não se pode conservar de pé. Nos primeiros tempos da concentração das tropas no Texas, o exercito americano adquiriu dolorosa experiencia acerca dos pés dos soldados. "Dezenas de homens, disse o relatorio official, tiveram de ser recolhidos ás ambulancias por causa dos pés doentes." Mas, em auxilio dos militares surgiu então um propheta, o major medico Willian W. Reno, que se propunha, pura e simplesmente, conservar o exercito americano "de pé". Estabeleceu um systema de inspecção dos pés, e consequentes correções dos sapatos, e nos ultimos seis mezes elle examinou cerca de 250.000 pés, prescrevendo a cada um a medida do sapato com uma exactidão que attingia até o quinto de centimetro. Recorda o major Reno que os povos que andam descalços ou calçados de sandalias marcham melhor do que os que trazem sapatos. Os indios dos Estados Unidos e do Mexico são capazes de caminhar todo o dia, e durante muitos dias, sobre areias ardentes ou asperas rochas, sem sentirem os pés doloridos. Os indios do Mexico resistem mais longamente a pé do que a cavallo. Os homens civilizados passam mais tempo sentados do que os seus antepassados, e por isso não sabem caminhar como elles.

Todo calçado limita a liberdade dos pés e necessariamente lhe atrophia alguns musculos. O pé normal, o pé de um menino, de um arabe, de uma dançarina descalça, é muito flexivel. E assim deveriam ser todos. Mas é inutil revoltar-se a gente contra a tyrannia dos sapatos, porque não ha esperanza de a abandonar. O que é preciso é attenuar os seus damnos. E' de lamentar que, desde creança os homens não tragam sapatos rigorosamente adequados aos seus pés. Quando chega á idade militar, os

seus pés estão já deformados e contorcidos tanto que já perderam grande parte da sua primitiva agili-
dade e resistencia.

E' interessante a inspecção dos pés no exercito norte-americano. A inspecção se faz, de cada vez, num regimento ou num batalhão. Os homens se dispõem em fila, com os pés nu's e bem lavados, deante da tenda onde se faz o exame. Entram de cinco em cinco, e, na tenda, senta-se cada um sobre uma grande taboa, pondo os pés sobre um papel branco. Os medicos traçam rapidamente os contornos do pé com um lapis; depois examinam as condições de cada pé. Um secretario, perto, vai escrevendo todas as observações e o numero do modelo. Num regimento de infantaria norte-americano, em 1087 homens examinados se encontraram somente 290 pés sãos; 476 usavam sapatos muito pequenos, de, pelo menos um numero ou dois abaixo do normal. O numero dos callos subia a 750; a das unhas encravadas a 762, etc. E' de espantar que um regimento assim pudesse andar. E não era uma excepção! (John S. Gregory — *World's Work*, Nova York).

O USO DO ASSUCAR

De 208 fabricas de assucar que se exploravam em França, antes da guerra, 138 estão situadas nos territorios invadidos ou na zona de combates. As 70 usinas restantes foram, ellas tambem, duramente attingidas pelos resultados da guerra. Em primeiro lugar, a mobilisação as privou de uma mão de obra, difficil de substituir, porque a fabrica-
ção do assucar exige especialista, e não é do dia para a noite que se arranja um desses operarios. Além disso, os "stocks" de carvão foram requisitados, e foi preciso reconstituir novos aprovisionamentos e por preços que cada vez estão mais elevados. A essa alta do preço do combustivel precisam juntar-se a do acido sulphurico, a dos oleos, etc. Emfim, a materia prima escasseou muito, por effeito da occupação pelo inimigo de vastos campos de

beterraba. Não ha, pois, nada de espantar nos preços do assucar nem na insufficiencia da fabrica-
ção. Em 1913 a produ-
ção foi de cerca de 900.000 toneladas. No anno passado essa produ-
ção não passou de 150.000 toneladas, e, como o consumo ultrapassou de 700.000, foi preciso recorrer á importação. Mais de 500.000 toneladas foram compradas no estrangeiro e mais de cem milhões de francos saíram de França.

Assim, foi preciso tomar medidas para reduzir ao estritamente necessario a sahida do numerario, que pesaria enormemente na fortuna nacional, tanto mais quanto os fretes se tornam cada vez mais caros. As circumstancias presentes justificam, pois, a limitação do consumo; mas isso não é senão um expediente passageiro, uma solução provisoria.

Nós poderiamos, sem duvida, dispensar o assucar, porque os antigos não o conheciam e não tinham senão mel para preparar bolos e xaropes. Embora a canna de assucar fosse conhecida dos gregos desde as conquistas de Alexandre, o caldo que se extráe della servia apenas de medicamento, reservado aos ricos. Faziam-no vir da India onde a arte de purifical-o alvejal-o e crystalisal-o só mais tarde foi empregada. Os arabes conheceram o assucar refinado muito tempo antes dos europeus, que começaram a fazer uso d'elle só no seculo 14. Os primeiros documentos que fazem menção disso são uma conta do anno 1333, para a casa de Humberto II, Delphim de Viennois, e uma ordem do rei João, datada de 1353. O assucar chegava então da India pela via de Alexandria onde os navios de Veneza iam buscal-o, para vendel-o a toda a Europa. Descoberto o Cabo da Boa Esperança, o monopolio do assucar passou para os portuguezes, depois para os holandezes, e para os inglezes. Até o seculo 16, o assucar não era mais que um medicamento, raro e caro, e só encontrado nos boticarios que o vendiam ás onças. Entretanto, os assucares das Canariás e das ilhas

do Cabo Verde começaram a fazer concorrência ao da Índia e pouco depois começou a chegar o da América. Emfim, em 1695 as colónias francezas das Antilhas produziram assucar bastante a satisfazer as necessidades da metropole. Comtudo, pouco antes da Revolução o assucar valia ainda, na França, 5 francos a libra. O assucar de beterraba, descoberto em 1796 por Charles Achard, só se tornou objecto de uma industria importante depois de 1830, quando os processos da fabricação foram aperfeiçoados por Cellier, Laporte, Mathieu de Dombasle, Dufrenfaut, Charles Derosne, François Cail, etc. O preço baixo do assucar e o seu uso generalizado são factos muito recentes.

Seja como fôr, os nossos contemporaneos já se acham tão habituados com esse alimento, agradável e são, que agora já será muito difficil, já não dizemos de privá-los d'elle, mas de restringir o seu consumo habitual. Aliás, é um erro tentar substituir o assucar por outra qualquer substancia, de gosto equivalente mas desprovido das mesmas propriedades nutritivas. Os jornaes annunciaram ha pouco que o governo italiano tinha resolvido autorisar a venda de um producto de base de saccharina "que poderia substituir vantajosamente o assucar". Porque deixar que se propague no publico esse erro? A saccharina não é um alimento: dá somente a illusão do assucar, ao passar pelo véo palatino, e atravessa em seguida o aparelho digestivo sem se assimilar. E' por essa razão que os diabeticos acreditam poder adoçar com ella as suas bebidas, o que, entretanto, não deixa de apresentar inconvenientes, a julgar pelo testemunho de um neutro que partiu da Prussia em dezembro de 1916, e prestou ao *Times* varios esclarecimentos sobre a situação interna da Allemanha. Diz elle: "A saccharina é empregada em lugar do assucar, mas causa doenças de garganta e dysenterias, assim como o café artificial que é uma bebida horriavel." (E. C. — *Revue Scientifique*, Paris).

A MÃI DA MARINHA BRITANICA

Abro o *Who's who*, manual biographico dos personalidades contemporaneas notaveis e lei: "Weston, Miss Agnes; aclamada em leis *ad honorem* da Universidade de Glasgow. Nascida em Londres, onde seu pai exercia a advocacia. Fundadora das casas dos marinheiros em Portsmouth, em Devonport e em Keyham. Endereço: *Royal Sailor's Rest*, Portsmouth." E' pouco, para dizer dessa mulher que ha mais de quarenta annos, através de obstaculos de toda especie, dá vida a um organismo que exerceu e exerce enorme influencia sobre a marinha britannica, proporcionando bem estar aos marinheiros que, em paga desses serviços, a condecoraram com o titulo de Mãe: *Mother Agnes*.

A obra de Ignez Weston é synthetizada no seguinte trecho de um discurso pronunciado em 1905 por lord Charles Beresford: "Vou referir-vos alguns factos que desejaria fossem conhecidos do publico de toda a Europa. Essas casas de repouso e conforto em Portsmouth, Devonport e Keyham custaram: em Portsmouth 140.000 libras esterlinas; em Devonport, 120.000; em Keyham 8.000. Um total de mais de um quarto de milhão de libras. Essa bella somma foi recolhida graças á energia e ao trabalho altruistico de duas mulheres, as senhoras Weston e Wintz.

Num só mez, 12.600 marinheiros dos navios britannicos occuparam igual numero de leitos nessas casas, e em 1845 o somno desceu sobre outros tantos colchões estendidos, sobre o solo porque os quartos de dormir eram insufficientes para as necessidades. Num só anno esses quartos de dormir tinham hospedado 352.345 marinheiros. Ainda vos não disse, porém, que estes grandes estabelecimentos prosperam."

De 1905 até hoje foram dados á casa de Devonport mais 900 quartos de dormir, á de Portsmouth 700, e á de Keyham 200. Esses pequenos aposentos são modelos de austera elegancia em que domina o exagerado asseio hollandez, tão grato aos

homens do mar. Quasi todos foram dados por bemfeitores, em memoria de amigos e parentes. Trazem assim uma pequena placa de bronze, com a indicação do bemfeitor e do motivo que o levou ao beneficio. Um pequeno quarto de dormir desses custa 30 esterlinas, alugando-se aos marinheiros ao preço de 60 centesimos por noite. Ha banhos tambem, custando cada um 30 centesimos. Em Portsmouth ha por semana uma media de mil banhos.

Mas não basta proporcionar a *Jack* um bom somno em lençóis alvos e um bom banho com sabão (O sabão é a alegria de todo o marinheiro). E' preciso ainda dar-lhe de comer. *Mother Weston* e a sua companheira pensaram nisso tambem. E os marinheiros têm alimentação das 5 da manhã ás 8 da noite, sendo prohibidas as bebidas alcoolicas. A pedra angular da obra de *Mother Agnes* é a sobriedade. "Tornae sobrio o marinheiro e não ha nada no mundo que elle não consiga fazer", diz ella no seu livro *Life among the Bleu Jackets*. Este axioma tanto quanto a publicação da Revista illustrada *Ashore and Afloat* poz ao lado da sra. Weston todos os almirantes da marinha britannica. A Revista, que é obra de propaganda, tendo uma carta de *Mother Agnes* aos seus filhos, é distribuida gratuitamente em todos os navios da armada britannica. A sua tiragem é de 80.000 exemplares, com uma tiragem especial de 10.000 exemplares destinada á marinha japoneza. (*Jack la Bolina — Il Marzocco*, Florença).

LEIPSIG, A CAPITAL DO LIVRO

Leipsig era, antes da guerra, a capital do livro, não só da Alemanha, mas do mundo inteiro. A reputação de algumas livrarias de Leipsig é devida ás suas publicações importantes e á sua existencia mais que centenaria. A casa *Breitkopf* e a casa *Haertel* existem em Leipsig desde 1719; a *Brockhaus* desde 1817.

Leipsig tem estamparias, fundições de typos, estabelecimentos de gravação, officinas de encadernação. Pouco a pouco foi-se concentrando lá a imprensa musical e a das cartas geographicas. Mas o que constitue a verdadeira originalidade de Leipsig e lhe assegura o predomínio das edições, é a maneira como se faz o serviço de commissões: 160 livreiros commissarios operam como mandatarios dos 13.000 editores e livreiros do imperio allemão e dos 1500 ou 2000 livreiros allemães estabelecidos em toda as partes do mundo. Esses commissarios não recebem sómente ordens, e não fazem sómente negocios por conta de outrem: acceitam tambem volumes em deposito, edições inteiras, substituindo-se, mediante uma commissão de 2 0|0, aos editores proprietarios. Dessa forma, certos editores têm uma clientela universal e podem negociar como se tivessem vastos estabelecimentos. *Jules Huret*, no seu livro *La Bavière e La Saxe* conta o seu espanto quando foi visitar o proprietario dos Guias *Baedeker*, encontrando-o num escriptorio modesto e tranquillo. O trabalho dos Guias *Baedeker* faz-se todo na casa *Breitkopf*. Ao contrario, estão longe de ser silenciosos os locais da Casa *Volkmar* ou das outras casas commerciaes, que têm clientes aos milhares. E a actividade dessa casa corresponde á das estradas de ferro. Duas vezes por semana 21 vagões especiaes, carregados de livros, partem de Leipsig a grande velocidade, em todas as direcções. E, entretanto, a tarifa dos livros é a da pequena velocidade.

A liquidação das contas entre os revendedores dos livros de todas as partes do mundo e os grandes commissarios de Leipsig, se fazem algumas semanas depois da Paschoa, justamente no tempo em que se abre a feira dos livros. Então a *Deutsche Buchhandlerhaus* (Casa dos livreiros, a *Buchgewerbehaus* (Casa dos typographos), e os museus e as exposições que contêm, são invadidos por uma multidão de expositores e visitantes.

AS CARICATURAS D'O MEZ

UMA SAHIDA



Nilo — Eu acabo resolvendo esse negocio do frigo, appellando para o arrozal de Pendofiba.

("Careta" — J. Carlos)

DESPEDIDA



Lauro — Ao successor á sahida,
Desejo na pasta sorte.
Não seja um meio de vida,
Nem seja um meio de... morte.,,

("Jornal do Brasil" — Luiz)



John Bull — Olá, Tio Sam. Como
vae essa bizzarria?... Cada vez
mais bontfo..., Você pode me ar-
ranjar *algum* ?

("Careta" — J. Carlos)

13 DE MAIO DE 1917

A ESCRAVA BRANCA



No tronco

("O Paiz" -- *Jullão Machado*)

COMMUNICADO AUSTRIACO

MÁO PRESAGIO



Varremos o inimigo em toda a
extensão da nossa frente...

("A Cigarra" -- *J. Carlos*)

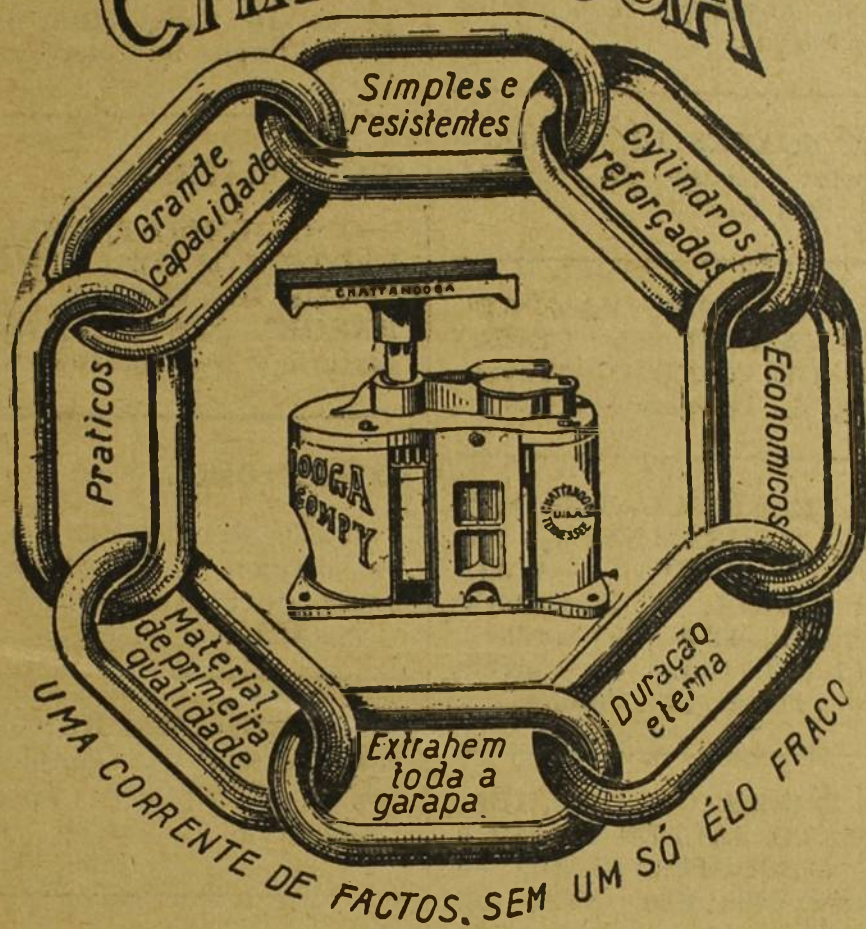


Kaiser — Quando houver tempo,
havemos de mudar o curso do sol.
Esta luta contra ingleses nos obriga
a marchar para o *occidente*.

("Careta" -- *J. Carlos*)

O nome "CHATTANOOGA" estampado num
engenho de canna é uma garantia de superioridade

ENGENHO DE CANNA
"CHATTANOOGA"



O facto de serem os engenhos de canna "CHATTANOOGA" os MAIS BARATOS EM PREÇO, OS MAIS EFFICIENTES EM FUNCIONAMENTO E OS MAIS DURAVEIS, é prova evidente de sua superioridade.

Temos sempre um grande "stock" de engenhos "CHATTANOOGA", engenhos a mão, a força animal e a força motora, como também alambiques para aguardente, tachos para garapa, turbinas para assucar e enfim tudo que se relaciona com a cultura e moagem de canna.

IMPORTADORES.
F. UPTON & C.

LARGO S. BENTO, 12 | AV. RIO BRANCO, 18
SÃO PAULO | RIO DE JANEIRO

Desejando receber a nova
circular illustrada, referente
aos ENGENHOS

"CHATTANOOGA"

cortem este annuncio e en-
viem-nol-o junto com o seu
NOME e ENDEREÇO

INDICADOR

ADVOGADOS:

DRS. ESTEVAM DE ALMEIDA e JOÃO ARANHA NETTO — Rua 15 de Novembro n. 6 (Altos da Casa Paiva).

DR. S. SOARES DE FARIA — Escriptorio: Largo da Sé, 15 (salas 1, 2 e 3).

DRS. SPENCER VAMPRE', LEVEN VAMPRE' e PEDRO SOARES DE ARAUJO — Travesa da Sé, 6, Telephone 2.150.

DRS. FRANCISCO MENDES, VICTOR SACRAMENTO, A. MARCONDES FILHO e WALDEMAR DORIA. — Escriptorio á rua Direita, 12-B (1.º andar). Teleph. 1.153. Caixa do Correio 808. End. Telegraph. Condes.

DRS. ROBERTO MOREIRA, J. ALBERTO SALLES FILHO e JULIO MESQUITA FILHO — Escriptorio: Rua Boa Vista, 52 (Sala 3).

MEDICOS:

DR. LUIZ DE CAMPOS MOURA — Das Universidades de Genebra e Munich. — Rua Libero Badaró, 181. Telephone 3.482, das 13,30 ás 16 horas.

DR. SYNESIO RANGEL PESTANA — Medico do Asylo de Expostos e do Seminario da Gloria. Clinica medica especialmente das crianças — Res.: R. Consolação, 62 Consult.: R. José Bonifacio 8-A, das 15 ás 16 horas.

DR. ALVARO CAMERA — Medico. S. Cruz do Rio Pardo-S. Paulo.

DR. SALVADOR PEPE — Especialista das molestias das vias urinarias, com pratica em Paris. — Consultas das 9 ás 11 e das 14 ás 16 horas. Rua Barão de Itapetininga, 9. Telephone 2.296.

TABELLIÃES:

O SEGUNDO TABELLIÃO DE PROTESTOS DE LETRAS E TITULOS DE DIVIDA, NESTOR RANGEL PESTANA, tem o seu cartorio á rua da Boa Vista, 58.

CORRETORES:

ANTONIO QUIRINO — Corretor official — Escriptorio: Travessa do Commercio, 7 — Teleph. 393.

GABRIEL MALHANO — Corretor official — Cambio e Titulos — Escriptorio: Travessa do Commercio 7. Teleph., 393.

DR. ELOY CERQUEIRA FILHO — Corretor Official — Escriptorio: Travessa do Commercio, 5 - Tel. 323 ? Res.: R. Albuquerque Lins, 58. Teleph. 633.

ENGENHEIROS:

HERIBALDO SICILIANO — Engenheiro-architecto — Rua 15 de Novembro, 36-A.

SOCIEDADE ANONYMA COMMERCIAL E BANCARIA LEONIDAS MOREIRA — Caixa Postal 174. End. Teleg. "Leonidas, S. Paulo". Telephone 626 (Cidade) — Rua Alvares Penteado — S. Paulo.

DESPACHANTES:

BELLI & COMP. — Santos: Praça da Republica, 23. Teleph. 258. Caixa, 107.—**Rio:** Rua Candelaria, 69. Teleph. 3.629. Caixa, 881. — **S. Paulo:** Rua Boa Vista, 15. — Teleph. 381. Caixa, 135. Telegrammas: "Belli".

ALFAIATES:

ALFAIATARIA ROCCO—Emilio Rocco — Novidades em case-

mira ingleza. — Importação directa. — Rua Amaral Gurgel, 20, esquina da rua Santa Izabel. Tel. 5151 — S. Paulo.

JOIAS — Ouro, platina, caute-
las de casas de penhores e do
Monte de Socorro de S. Paulo

— **A CASA MARCELLINO** compra e paga bem.—Praça Antonio Prado, 14 — Telephone 4.692 — S. Paulo.

△ SECÇÃO DE OBRAS DO △

O EŞTADO DE S. PAULO

EXECUTA-SE QUALQUER
TRABALHO TYPOGRAPHICO

RUA 25 DE MARÇO, 145
TELEPHONE 725 S. PAULO

Loteria de S. Paulo

Para S. Pedro, 28 de Junho

200:000\$000

em 3 grandes premios

de { 100:000\$000
50:000\$000
50:000\$000 } por 9\$000

Os bilhetes estão á venda nas Agencias Geraes

REVISTA DOS TRIBUNAES

DIRECTOR, O ADVOGADO PLINIO BARRETO

Publica-se todas as quinzenas, com o resumo dos debates e os accordams do Tribunal de Justiça de S. Paulo, julgados do Supremo Tribunal Federal e de Tribunaes estrangeiros, leis e decretos novos do Estado e da União, e artigos de doutrina de autorisados juristas.

ASSIGNATURAS:

Anno, 40\$000

Semestre, 20\$000

Para os julzes, promotores e delegados de policia, 25\$000 por anno

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO. RUA BOA VISTA N. 52 — CAIXA N. 1373



REVISTA DE COMMERCIO E INDUSTRIA

A maior, a mais completa, a mais util, a mais lida e a mais interessante revista commercial, economica financeira do Brasil. Collaborada pelos mais eminentes economistas, jurisconsultos e contabilistas brasileiros. Unica publicação nacional que tráz os seus leitores ao corrente dos progressos, das necessidades e da situação do commercio, da industria e das finanças do paiz. Já está no seu 3.º anno de publicidade. Responde gratuitamente a quaesquer consultas dos seus assignantes.

Assignatura Annual 10\$000

Envia-se um numero GRATIS a quem o pedir aos

EDITORES: OLEGARIO RIBEIRO & Co.

CAIXA POSTAL, 1172 - SÃO PAULO

Redac.: R. Direita, 27 - Offic.: R. Dr. Abranohes, 43

REVISTA FEMININA

Directora: VIRGILINA DE SOUZA SALLES

S. PAULO—Rua 15 de Novembro, 33 (sobre-loja)—Telephone, 5661

A REVISTA FEMININA é uma publicação dirigida exclusivamente por senhoras e que se dedica com especial interesse a todos os assumptos femininos. Recommenda-se especialmente pelo criterio com que é dirigida, contendo leitura escolhidissima e de moral impecavel, pelo que é a verdadeira revista do lar, que pôde ser lida por senhoras e senhoritas. Chrysanthème, a chronista das segundas-feiras do "Paiz" do Rio de Janeiro, referindo-se á "Revista Feminina", escreveu:

"NÃO HA NENHUMA OUTRA QUE A IGUALE. — TODAS AS SENHORAS BRASILEIRAS DEVEM LER A E DAL-A A LER A'S SUAS FILHAS"

SECÇÕES de modas, bordados, trabalhos de agulha, artes applicadas, metaloplastia, pyrogravura, estanho repoussé e outros.
SECÇÕES de educação social, de educação privada.
SECÇÕES de hygiene domestica, hygiene alimentar, hygiene do vestuario.
SECÇÕES de ornamentações, estylo e decoração.
AMOSTRAS de trabalhos, figurinos e modelos.
RECEITAS originaes de fogão e forno.
SERVIÇO completo e perfeito de remessa para o Interior e artigos para trabalhos.

A assignatura custa apenas 8\$000

Um numero specimen remetteremos a todas as pessoas que nos enviem este coupon da "Revista do Brasil" e 600 réis em sellos do correio.

**Dirijam suas cartas á Directora
VIRGILINA DE SOUZA SALLES**

RUA 15 DE NOVEMBRO, 33 (sobre-loja) — S. PAULO

Srs. lavradores e industriaes!

Como substituir o trigo?

Não nos devemos surprehender se, — em consequencia das difficuldades oriundas da guerra — fôr totalmente impedida, para o futuro, a exportação da farinha de trigo para o Brasil.

Nem tão pouco devemos considerar indispensavel aquelle alimento, que podemos perfeitamente SUBSTITUIR por outros igualmente nutritivos.

Do milho, por exemplo, faz-se uma variedade infinita de farinhas, e assim tambem da mandioca — para não citar as numerosas feculas que constituem a riqueza do nosso sólo privilegiado.

Os lavradores brasileiros devem rejubilar-se com as difficuldades que vão apparecendo relativamente á vinda da farinha de trigo do estrangeiro — pois que isso concorrerá para valorisar productos do nosso sólo, criando para o paiz novas fontes de renda.

Ja se accentúa por toda a parte a grande procura do FUBA' DE MILHO, para as suas innumerables applicações; os productos extrahidos da MANDIOCA vão tendo, igualmente, boa collocação em todos os mercados.

Resta que, para a exploração destas industrias de tão grande futuro — os srs. lavradores e industriaes procurem machinismos que se recommendem pela sua PERFEIÇÃO e resultados praticos.

Nós temos os melhores MOINHOS HORIZONTAES PARA FUBA', com legitimas pedras ituanas desde 16" até 44", para produzir de 5 até 40 alqueires por dia, e de custo desde 460\$000. Fabricamos tambem MOINHOS PARA FUBA' COM RODIZIOS, muito proprios para as fazendas onde haja uma pequena agua a aproveitar, com quêda desde tres metros para cima — moinhos estes extremamente simples, podendo trabalhar dia e noite sem interrupção e sem vigilancia.

Para a fabricação da FARINHA DE MANDIOCA, fornecemos installações COMPLETAS, comprehendendo: — lavador de mandioca, cevadeira para ralar, ferragem de prensa para a massa, torrador cylindrico, aperfelçoado, prensa mecanica para separar, e machina completa para bater e côar a farinha. Esta installação é para uma produção de 1.000 kilos de farinha por dia. — PREÇO TOTAL: — 4:000\$000. — Installação verdadeiramente economica, a titulo de propaganda.

Para mais informações, dirijam-se á

Companhia Industrial MARTINS BARROS

RUA DA BOA VISTA, 46 — :: — Caixa Postal, 6 — :: — SÃO PAULO

EDIÇÃO DA NOITE
DO

O Estado de S. Paulo

JORNAL MODERNO
DE FORMATO COMMODO

EDIÇÃO ESPECIAL
AOS SABBADOS

ASSIGNATURAS

ANNO. 15\$000

SEMESTRE 8\$000

ANNUNCIOS a preços reduzidos

ETABLISSEMENTS BLOCH

Société Anonyme au Capital de 4.500.000 francos



FAZENDAS, TECIDOS, ETC.

RIO DE JANEIRO
116, Rua da Alfandega

S. PAULO
47, Rua Direita

PARIS, 26, CITÉ TRÉVISE

As Machinas LIDGERWOOD

Para CAFÉ	MANDIOCA
ARROZ	MILHO
ASSUCAR	FUBÁ, etc.

São as mais recommendaveis para a lavoura, segundo
experiencias de ha mais de 50 annos no Brasil

**GRANDE STOCK de Caldeiras, Motores a vapor, Rodas de
agua, Turbinas e accessorios para a lavoura**

CORREIAS-OLEOS-TELHAS DE ZINCO-FERRO EM BARRA

**GRANDE STOCK de canos de
ferro galvanizado e pertences**

CLING SURFACE, massa sem rival para conservação de correias

**Importação directa de quaes-
quer machinas, canos de fer-
ro batido galvanizado para
encanamentos de agua, etc.**

Para informações, preços, orçamentos, etc., dirigir-se a

Rua de São Bento N. 29-C
SÃO PAULO